

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA ó LICENCIATURA

Gabriela Schumacher Kralik

**PEQUENA MISS SUNSHINE:
diálogos possíveis entre cinema e educação**

Porto Alegre

2012

Gabriela Schumacher Kralik

PEQUENA MISS SUNSHINE:
diálogos possíveis entre cinema e educação

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia e Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Bueno Fischer

Porto Alegre

2012

RESUMO

O objetivo do estudo consiste em pensar com futuros professores potencialidades do cinema no campo da educação, tendo como foco o filme *Pequena Miss Sunshine*. Trabalho com estes conceitos: a) modos de subjetivação na cultura (Foucault); b) educação como formação ética e estética (Rosa Fischer); c) cinema como experimentação filosófica e exercício de pensamento sobre alteridade (Badiou). Analisei o filme e selecionei trechos da narrativa, exibidos a 10 estudantes de Licenciaturas (Pedagogia, Letras e Dança), com os quais fiz debates e entrevistas. O estudo sublinha a sobreposição e a confrontação da teoria com o material coletado. Destaco apontamentos sobre possíveis diálogos entre cinema e Pedagogia, defendendo a ideia de que a educação, sempre atravessada por processos de subjetivação, além de incluir ações de aprendizado técnico e informacional, precisa ir adiante, dialogando com questões éticas e estéticas. Sugiro que o cinema pode ser um dos caminhos para ampliar a formação do educador, já que a apreciação de um filme permite experimentar diferentes exercícios éticos e estéticos, tais como: colocar-se no lugar do outro, aprender a pensar diferente do que antes pensávamos, vivenciar culturas e modos de existir diferentes dos nossos. Finalmente, considero que o trabalho realizado nesta pesquisa trata de questões inerentes aos processos de educação, que objetivam a constante busca de um posicionamento autônomo por parte do sujeito, em relação ao mundo.

Palavras-chave: Cinema. Docência. Formação ético-estética.

SUMÁRIO

1.	POSSIBILIDADES DO CINEMA NA EDUCAÇÃO	4
2.	AUTORES E CONCEPÇÕES TEÓRICAS	5
2.1.	PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA CULTURA	6
2.1.1.	Relações de Poder e Jogos de Verdade	6
2.1.2.	Cuidado de Si	7
2.2.	EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO Ó ALÉM DE TÉCNICA Ó ÉTICA E ESTÉTICA	10
2.2.1.	Formação	10
2.2.2.	Ética	12
2.2.3.	Estética	13
2.3.	POTENCIALIDADES DO CINEMA COMO EXPERIMENTAÇÃO FILOSÓFICA NA EDUCAÇÃO	15
2.3.1.	Experiência do Contato com o Ficcional e o Artístico para Foucault	16
3.	O FILME PEQUENA MISS SUNSHINE	19
3.1.	JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA	19
3.2.	OPERAÇÕES DE ESTUDO	21
3.3.	PARADOXAL SIMPLICIDADE: uma análise do filme	22
4.	FRUINDO E PENSANDO O FILME: da coleta de dados	27
4.1.	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	28
5.	CONFRONTOS E SOBREPOSIÇÕES: da análise dos dados	29
5.1.	RELAÇÕES DE PODER E JOGOS DE VERDADE: presença e resistência	30
5.1.1.	Sucesso, Competição e Educação	30
5.1.2.	Manifestações da Resistência	34
5.1.3.	Pequena Miss Sunshine e educação formal: uma escolha que exige posicionamento	35
5.2.	CLICHÊ E O INESPERADO: risadas e pensamentos	44
6.	EFETIVIDADES DO CINEMA NA EDUCAÇÃO	47
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICE A Ó Fragmentação do filme	51
	APÊNDICE B Ó Trechos do filme	54
	APÊNDICE C Ó Transcrição dos encontros	60

1. POSSIBILIDADES DO CINEMA NA EDUCAÇÃO

O principal objetivo do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizado por proposição do curso de Licenciatura em Pedagogia, consiste em pensar, junto com outros futuros professores, as potencialidades do cinema no campo da educação, adotando como impulsionador para tal pretensão o filme *Pequena Miss Sunshine*. Nestes escritos, destaco apontamentos sobre possíveis diálogos entre cinema e Pedagogia, defendendo a ideia de que a educação, sempre atravessada por processos de subjetivação, além de incluir ações de aprendizado técnico e informacional, precisa ir adiante, contemplando uma formação atenta às questões éticas e estéticas de seu tempo.

A hipótese central é a de que o cinema pode ser efetivamente um dos caminhos para que as ações educativas estejam permeadas por um constante questionamento ético. Pois, ao partir da infinidade de possibilidades de percepção que nos proporciona a apreciação de um filme, cuja construção estética permita a existência de *situações filosóficas*, podemos ampliar a formação de educadores e educados. O exercício ético e estético do contato com um filme de caráter artístico nos proporcionaria a efetivação das práticas de formação de si, tais como: colocar-se no lugar do outro, buscar pensar de uma maneira com a qual não havíamos antes pensado, por em dúvida o que tínhamos como certeza. Considero que o trabalho realizado nesta pesquisa trata de questões inerentes aos processos de educação, que objetivam a constante busca de um posicionamento autônomo por parte do sujeito em relação ao mundo.

A presente monografia, além de ser resultado dos aprendizados e experiências propiciados ao longo das atividades especificamente ligadas ao curso de Licenciatura em Pedagogia, relaciona-se também com os estudos realizados durante o período no qual estive envolvida como Bolsista de Iniciação Científica (BIC). Os projetos de pesquisa *Educação do Olhar e Formação Ético-Estética: Cinema e Juventude* e *Juventudes e Narrativas Visuais: por uma Ética da Imagem na Educação* foram grandes motivadores da escolha do tema deste TCC. Os debates, leituras e demais atividades proporcionadas pelas disciplinas do curso de Pedagogia, acompanhados pelas experiências com análise de filmes, tendo como fundamentação os referenciais teóricos destas investigações maiores nas qual me envolvi como BIC, despertaram meu interesse em pensar as relações que eu mesma e outros professores em formação estabelecemos entre o filme *Pequena Miss Sunshine* e o campo da educação.

Como metodologia, inicialmente busquei leituras para compor um referencial teórico. Trabalho com estas três principais temáticas: a) produção de subjetividade na cultura (Michel

Foucault, Frédéric Gros, Rosa Fischer); b) educação como formação ó além de técnica ó ética e estética (Marcos Pereira, Gabriel Perissé, Jacques Rancière); c) potencialidades do cinema como *experimentação filosófica* na educação (Alain Badiou, Ismail Xavier, Rosa Fischer). Nesta caminhada, também me dediquei a estudar o filme *Pequena Miss Sunshine*, realizando operações de estudo sobre o filme, que vão desde uma pesquisa sobre dados técnicos do mesmo até uma análise da narrativa. Outro passo metodológico foi a coleta de dados junto a professoras em formação. Participaram desta etapa de construção do presente TCC 11 estudantes de cursos de Licenciatura da UFRGS (9 em Pedagogia, 1 em Letras e 1 em Dança). Em diferentes momentos e com diversas configurações, realizei encontros com as futuras docentes, nos quais, após assistirmos a trechos da narrativa fílmica, desenrolaram-se conversas, debates e entrevistas, registradas por meio de gravação de áudio, que foram posteriormente transcritas. A composição que finaliza a metodologia, na qual destaco apontamentos sobre os possíveis diálogos entre cinema e Pedagogia, resultou de uma sobreposição e confrontação do estudo teórico com os dados coletados durante os encontros com as estudantes.

2. AUTORES E CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Dentre os estudos sobre campo da educação com os quais tive contato ao longo do curso de Pedagogia, muitas vezes, reencontrei questionamentos que se colocam sem respostas únicas e que estão relacionados a questões de cunho ético e estético. Por exemplo: questões acerca do reconhecimento da alteridade na escola, de como pensar as singularidades dentro dos processos avaliativos, como se inserem as diferenças individuais em um planejamento pedagógico, como selecionar elementos que compõe o currículo... São posicionamentos cuja presença é constantemente exigida dos profissionais de educação e dos quais as legislações da área ou as regras institucionais mais formais não *dão conta*. Como pensar sobre essas questões que não têm resposta única e nem verdade exata? Como possibilitar dentro das práticas da educação formal ó sejam elas nas instituições de Ensino Superior ou nas de Educação Básica ó o pensamento sobre as escolhas de posicionamento que tomamos em relação ao mundo?

Essas questões tão amplas motivam minhas escolhas teóricas neste TCC, que trata das relações entre cinema e educação. Nesse sentido, busco conceitos e autores para pensar três principais temáticas: a) produção de subjetividade na cultura (Michel Foucault, Frédéric Gros e Rosa Fischer); b) educação como formação ó além de técnica ó ética e estética (Marcos

Pereira, Gabriel Perissé, Jacques Rancière, Rosa Fischer); c) potencialidades do cinema como *experimentação filosófica* na educação (Alain Badiou; Ismail Xavier; Rosa Fischer). Todas essas discussões certamente estão relacionadas entre si. Porém, para uma melhor estruturação deste trabalho, passo a discuti-las separadamente.

2.1. PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA CULTURA

Na obra do filósofo Michael Foucault a palavra *subjetividade* compreende as formas de ser *sujeito*, os modos de existir. Frédéric Gros explica que, neste contexto, o termo *subjetividade* não remete nem a uma substância nem a uma determinação transcendental, mas sim a uma reflexividade que se poderia chamar de prática: uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se construir, para se elaborar (2008, p. 128).

Nesta concepção de *subjetividade* estariam envolvidos processos tanto de *assujeitamento* (sujeição a determinadas verdades) quanto de *subjetivação* (resistência à sujeição). Esses dois movimentos sucedem sempre em meio a *jogos de verdade*, que se dão dentro da dinâmica das *relações de poder*. Em entrevista à revista *Concordia*, Foucault expõe qual o principal foco de atenção de seus estudos: "O que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas do sujeito, em relação aos jogos de verdade." (2004a, p. 275) Sobre tais *jogos de verdade*, por dentro dos quais o *sujeito* estaria constantemente, Rosa Fischer considera que, "exatamente por se tratar de jogos, estamos falando de regras de produção de verdade, regras muito específicas e claramente situadas no tempo e no espaço. Tais regras supõem, obviamente, relações de poder" (2009, p. 101).

2.1.1. Relações de Poder e Jogos de Verdade

Para entendermos, então, as concepções foucaultianas de *sujeito*, *subjetividade*, *assujeitamento* e *subjetivação* é necessário também pensar o que estaria envolvido quando o filósofo aponta as expressões *jogos de verdade* e *relações de poder*. Durante a entrevista mencionada anteriormente, Foucault não deixa margem para dúvidas sobre como quis ser entendido quando se refere às *relações de poder*. Ele explica que o *poder* se faz sempre presente nas relações em que uma pessoa procura, de alguma maneira, direcionar a conduta de outra. Salienta que as *relações de poder* podem se encontrar em diferentes níveis e sob diferentes formas, além de serem móveis, reversíveis e instáveis. (2004a, p. 276)

Certamente é preciso enfatizar também que só é possível haver relações de poder quando os sujeitos forem livres. Se um dos dois estiver completamente à disposição do outro e se tornar sua coisa, um objeto sobre o qual ele possa exercer uma violência infinita e ilimitada, não haverá relações de poder. Portanto, para que se exerça uma relação de poder, é preciso que haja sempre, dos dois lados pelo menos uma certa forma de liberdade. [...] Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência [...] (FOUCAULT, 2004a, p. 276-277).

Se as estratégias que constituem os *jogos de poder* são móveis, reversíveis e instáveis, então essas relações estão sempre acompanhando ó e configuram-se elas mesmas como ó movimentos históricos. Assim sendo, ao nos remetermos às relações de poder nas sociedades humanas, é necessário datá-las e localizá-las. Para Fischer, essa ã não fixidez do pensamento em Foucaultö permite entender o tema da verdade ã na perspectiva da construção e circulação de saberes, tornados verdadeiros num certo tempo e lugar ó com todas as respectivas lutas e formas de governo, de sujeição e subjetivação, nisso implicadasö (2012, p. 13).

Esta delimitação inicial sobre a temática da *produção de subjetividade na cultura* tem como finalidade maior a exposição do meu entendimento sobre alguns termos inseridos na concepção foucaultiana de *subjetividade* com os quais irei trabalhar ao longo desse TCC. Porém, o que irei retomar de maneira mais enfática será a potência que reside na possibilidade de resistência às formas de assujeitamento. É dessa mesma linha de pensamento ó da relevância de lutarmos contra a submissão da subjetividade ó que Rosa Fischer parte ao afirmar que

[...] somos permanentemente constituídos por diferentes discursos, e nos tornamos sujeitos de certas verdades, no interior de determinados regimes de poder. Na concepção foucaultiana, porém, o fato de nos tornarmos sujeitos de verdades não impede ó pelo contrário, supõe ó que os sujeitos também se constituem a si mesmos, para além daquilo que lhes é oferecido como norma ou regra de vida. (2008, p. 4)

2.1.2. Cuidado de Si

É sobre esta potência que reside nos processos de *subjetivação* que vamos encontrar um deslocamento na teoria de Foucault: os *jogos de verdade* não pensados a partir das práticas coercitivas, mas sim partindo das práticas de autoformação. No momento em que o autor se dedicou a, primeiramente, estudar os filósofos da Antiguidade Clássica grega e romana, e após compartilhar o seu estudo nas aulas que ministrou no Collège de France, é que encontramos essa atenção especial a ã[...] um exercício de si sobre si mesmo através do qual

se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de serö (FOUCAULT, 2004a, p. 265). O próprio filósofo nos explica como se deu esse deslocamento em sua teoria:

O problema das relações entre o sujeito e os jogos de verdade havia sido até então examinado por mim a partir seja de práticas coercitivas [...], seja nas formas de jogos teóricos ou científicos [...]. Ora, em meus cursos no Collège de France, procurei considerá-lo através do que se pode chamar de uma prática de si, que é, acredito, um fenômeno bastante importante em nossas sociedades desde a era greco-romana, embora não tenha sido muito estudado (FOUCAULT, 2004a, p. 264-265).

Essa *prática de si*, a que se refere Foucault, diz respeito a um movimento intencional e do sujeito em direção a uma autoformação. No livro *Hermenêutica do Sujeito* (FOUCAULT, 2004b), onde estão reunidos os registros das suas aulas no Collège de France, podemos acompanhar o estudo deste pensador sobre os textos de filósofos antigos, gregos e romanos, com os quais se pode compreender de que maneira se desenvolveu o preceito do *cuidado de si* na Antiguidade Clássica. A partir dessas leituras, entendemos que o *cuidado consigo* pressupõe exercícios cotidianos pensados a partir de diferentes *técnicas de si* que envolvem trabalhos onde corpo e alma são indissociáveis. Rosa Fischer, ao discorrer sobre operações ligadas ao *cuidado de si*, explica que aí está implicado o esforço em nos apossarmos de *discursos verdadeiros*, õde alguns saberes específicos, dos quais nos apropriamos, e por meio dos quais nos tornamos cada vez mais atentos, abertos a múltiplas possibilidades e alternativas, ao conduzirmos nossas vidasö (FISCHER, 2011, p. 140). A pesquisadora também problematiza o modo pelo qual escolhemos esses *discursos verdadeiros*.

Mas quais discursos? Quais verdades? Se é totalmente impensável viver sem, de alguma forma, estarmos sujeitos a discursos; sem, de alguma forma, sermos assujeitados por verdades [...] também é certo que, como escreve Foucault, a verdade é deste mundo, os discursos são construídos historicamente. Assim sendo, o grande trabalho sobre nós mesmos será pensar como nos tornamos o que somos, que discursos nos subjetivam, a que verdades nos amarramos (ou: que verdades nos amarram?). Em suma: a grande tarefa será montar nossa *maleta de discursos verdadeiros*, elegendo aqueles que menos cingem nossa subjetividade, aqueles que de alguma forma apontam para uma espécie de liberdade - liberdade que não se separa de uma ética, relacionada a práticas de cuidado consigo mesmo e pensada para nossa época, com inspiração explícita em Foucault e nos filósofos da Grécia e Roma clássicas (FISCHER, 2009, p. 94).

Para pensar as práticas de si é relevante considerar que esses exercícios são sempre aprendidos, vividos, na relação com o *outro*, o mestre, o discípulo. O cuidado de si também pressupõe o *outro*, na medida em que o esforço para tornar-se melhor tem como finalidade maior a atuação nos espaços políticos e sociais. õSobretudo, o que interessa a Foucault neste cuidado de si é a maneira como ele se integra num tecido social e constitui um motor da ação

políticao (GROS, 2008, p. 131). Foucault nos explica que para os gregos o *êthos* era a maneira de ser e a maneira de se conduzir. Segundo o filósofo, o *êthos* também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente ó seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizadeo (FOUCAULT, 2004a, p. 271). Por esse motivo,

[...] a construção ética do sujeito implícita no cuidado de si não é passível de ser sobreposta a um sujeito egoísta ou individualista. [...] não se trata de modo algum de idolatria ou de auto-adoração [...] Não se trata tampouco de narcisismo: Foucault não se cansa de insistir sobre esse princípio de austeridade: a fruição de si mesmo não é da ordem do prazer, mas visa o sentido jurídico de uma posse completa, de uma imanência a si total e perfeitamente igual (GROS, 2008, p. 135).

Foucault (2004a, p. 267) explica que, a partir de certo tempo, na história ocidental, o preceito do *cuidado de si* passou a ser visto como se tratasse de interesse individual. Rosa Fischer acrescenta que, oã partir dos anos de 1970 passamos a ter acesso a uma avalanche de propostas de olhar narcísico sobre si mesmoo. A autora esclarece que Foucault se refere ao conhecido *culto californiano do eu* (FISCHER, 2009, p. 100). A mesma pesquisadora ainda nos alerta para outra importante consideração, quanto ao caráter histórico do *cuidado consigo*, pois em diferentes épocas o emprego dessas técnicas voltadas para a autoformação assumirá contornos próprios.

Não existiria um ocuidado consigoo genérico, possível de ser aplicado ou pensado a qualquer época. Falar em ocuidado consigoo, na filosofia antiga, remete a uma discussão sobre as diferentes ênfases dessa problemática do trabalho sobre si mesmo, que envolve sempre uma questão política (uma maior ou menor dedicação ao outro e ao espaço público), uma questão pedagógica (quem nos convida a sermos melhores? quem nos orienta? a quem recorremos para aprender sobre nós mesmos? que crítica deve ser feita às práticas pedagógicas que nos constituem?) e uma questão relativa aos processos de conhecimento de si (maior ênfase no conhecimento ou amplitude das formas e práticas de cuidado e de governo de si). (FISCHER, 2011, p. 141)

Por isso se faz necessário que estejamos atentos, ao nos valermos de todo o estudo de Foucault acerca do *cuidado consigo*, à leitura que fazemos no presente em relação às épocas passadas em que tal preceito era proposto. A própria concepção do *cuidado consigo* merece atenção ao que dela escolheremos ou de que maneira dela nos apropriamos. É necessário tomá-lo como forma de *subjetivação* e não como modelo de moral ao qual devemos nos assujeitar. Gros escreve que o[...] Foucault não defende uma moral particular: não se trata, para ele, de apresentar a ética grega como um modelo a se seguido, um ideal de

comportamento proposto para todos. Ele propõe uma leitura desta, mas não se coloca no plano do proselitismo (GROS, 2008, p.131).

2.2. EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO ALÉM DE TÉCNICA E ÉTICA E ESTÉTICA

Ao adotar esta perspectiva foucaultiana acerca da produção de subjetividade na cultura, busco também pensadores que entendam a educação sempre atravessada por processos de subjetivação. Rosa Fischer (2011) trata da concepção de *formação* como um processo que transpõe as paredes das instituições de ensino; sobretudo, a pesquisadora reforça a ideia de que, nos processos formativos, haveria também, por parte do próprio sujeito, uma escolha existencial, a busca de um estilo de vida, um trabalho sobre si mesmo e, enfim, operações relacionadas ao preceito clássico do *cuidado consigo*. A pesquisadora sugere que

[...] um modo rico e instigante de formação de nós mesmos, para além daquilo que nos é oferecido pelos espaços institucionais tradicionais (e, nem por isso, menos importantes), como a escola, a família, as instituições religiosas, é apostar na busca de uma arte de viver e de atuar nos espaços públicos, como cidadãos que cuidam de si e dos outros (FISCHER, 2011, p. 140).

2.2.1. Formação

Essa concepção corrobora a adotada por Marcos Pereira, que entende a *formação* para além do simples acúmulo informativo de conteúdos e metodologias. Para este autor, os educadores são formados não apenas dentro dos espaços tradicionais de educação, mas também para além dos movimentos institucionais. Segundo Pereira (2008, p. 2), *formação* é o processo em que as relações que o sujeito estabelece com o mundo, com os outros e consigo são afetadas de modo proposital, de maneira que o sujeito em formação não apenas se dá conta de que está em formação, mas, também, interfere nessa afecção e nessa reflexão. O autor explica que a educação formal em seu aspecto mais amplo demandaria um posicionamento ativo não só por parte do educador como também do educando. Tal processo formativo estaria continuamente sendo pensado e conduzido de acordo com as relações que o *sujeito* estabelece com os outros e com o mundo. Nesta proposição, a dinâmica de *formação*

[...] se dá em prática, em espaços e tempos bem particulares, com características que facilitam e, de certa maneira, influenciam os processos de objetivação/subjetivação que resultam dos nossos encontros com o mundo bem vivo da sala de aula, do estudo, da pesquisa, do ambiente acadêmico: o retorno sobre si mesmo, o silêncio, o ficar pensando como possibilidade de pensar sobre o feito, o sentido; as relações de conversa, de poder, dos abraços, de controle, de mando, de conhecer, de saber; as representações mútuas, que um faz do outro, o reflexo de uns sobre os outros, como se age em função do que se pensa que o outro acha de si [...] (PEREIRA, 2008, p. 2).

Como futura pedagoga, desejo uma formação docente que nos possibilite pensar não somente sobre as técnicas e metodologias de apropriação do conhecimento escolar ou científico pelos sujeitos (que são imprescindíveis para a democratização do legado de saberes humanos), mas também sobre as produções culturais e as obras artísticas que nos desacomodam. Emprego aqui a palavra *desacomodar* na perspectiva foucaultiana, de tentar pensar o outro dentro do próprio pensamento ou de estar atento sempre a pensar diferente do que nós mesmos pensamos. Essa ideia é explicitada pelo filósofo, de maneira mais pontual na introdução de seu livro *O uso dos prazeres. História da sexualidade II* (FOUCAULT, 1990). Passo, então, a referir-me à *formação ético-estética* para designar essa espécie de educação ó além de técnica ó, onde ensinar é mais do que fornecer informações, dados, datas, nomes, referendar respostas prontas; e aprender é mais do que reter tais informações, do que armazenar aqueles dados, arquivar datas e nomes, decorar a afirmação correta...ö (PERISSÈ, 2009, p. 41) Por isso, trago novamente Fischer para esclarecer de que maneira a obra de Foucault, mais especificamente o seu livro *A hermenêutica do sujeito* (2004b) fundamenta essa ideia de educação como formação ético-estética.

Seguimos Foucault nessa tentativa de pensar o presente, de fazer a história do tempo em que vivemos e de imaginar, a partir da leitura dos filósofos antigos (como Marco Aurélio, Sêneca, Epicteto, Epicuro e Plutarco, entre tantos outros), práticas que hoje poderiam talvez estar na ordem de nossos exercícios cotidianos, como professores e pesquisadores. Práticas diretamente relacionadas à nossa formação ético-estética. Práticas em torno das quais se poderia falar em *coragem da verdade*. Práticas que colocam em jogo complexas relações entre filosofia e espiritualidade, entre cuidado de si e conhecimento de si - oposições que, na realidade, marcam as diferenças entre a Antiguidade e a filosofia moderna. Naquela, ter acesso à verdade dependia diretamente de um prévio trabalho ético sobre si mesmo, ou seja, de uma espécie de conversão de si e a si, o que não ocorre na modernidade; nesta, o ponto de partida é justamente o próprio acesso à verdade e ao conhecimento. Naquela, o conhecimento estava subordinado ao cuidado de si; nesta, tal relação se inverte completamente, e conhecer toma as rédeas da vida e da ciência (FISCHER, 2009, p. 94)

2.2.2. Ética

Quando questionado, em entrevista à revista *Concordia*, sobre a possibilidade de o *cuidado de si* apresentar-se como o cerne de um novo pensamento político e de uma política diferente da que vivemos hoje, Foucault responde da seguinte maneira:

[...] gostaria muito de voltar justamente a problemas mais contemporâneos, para tentar verificar o que é possível fazer com tudo isso na problemática política atual. [...] parece que a questão do sujeito ético é alguma coisa que não tem muito espaço no pensamento político contemporâneo. [...] Gostaria de poder retomar essas questões que abordei através da cultura antiga (2004a, p. 279).

Fica explícito que a relevância da retomada da problemática do *cuidado consigo* em nossos tempos reside no resgate do *sujeito ético*. Tomando a alegoria dos filósofos da Antiguidade Clássica, citada por Foucault (2004b), na qual nossa liberdade é no sentido de resistência à sujeição é está em podermos, cada um de nós, montar uma *maleta de discursos verdadeiros*, considero que esse *sujeito ético* resultaria justamente do esforço necessário ao *cuidado de si*. É neste ponto de convergência da *liberdade do sujeito* que as ideias de *ética* e de *cuidado de si* se se mostram inseparáveis. Foucault (2004a) não afirma que *ética* seja sinônimo de *cuidado de si*, mas nos explica que, ãa Antiguidade, a *ética* como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: "cuida-te de ti mesmo" (p. 268) O filósofo segue nos explicando que no mundo greco-romano, preceito do cuidado de si foi ão modo pelo qual a liberdade individual foi pensada como *ética*. (p.267)

Então, ao propor a relevância de uma *formação ético estética*, entendendo o conceito de *ética* como sendo a *prática da liberdade* ou, como esclarece Foucault (2004a, p 267), ãa forma refletida assumida pela liberdade. Acredito que os espaços de educação formal, de todos os níveis e etapas, poderiam valer-se dessa *formação ética* de maneira especial, já que neles parece residir, na organização social de nosso tempo, um espaço privilegiado tanto da liberdade quanto do cerceamento dos modos de subjetivação. Esta questão do duplo lugar dos espaços de educação dentro das *relações de poder* de nossa época é assunto recorrente nos cursos de Licenciatura, bem como problemática constante da literatura especializada à qual tive acesso ao longo do curso de Pedagogia.

Qual a finalidade das instituições de educação formal: participar na constituição dos *sujeitos* no que toca seus processos de sujeição, nas práticas de reprodução ou repetição do instituído? Ou, quem sabe, essas instituições estariam mais ligadas à *formação* de *sujeitos* que procuram *os perigos do instituído* e buscam pensar sempre diferente do que já pensaram?

Como futura pedagoga, em meio a esses *jogos de verdade* acerca da finalidade das instituições formais de educação, busco, nesses espaços, a constituição de *sujeitos éticos*, em meus processos de *formação* e nos processos de *formação* do outro com os quais estou envolvida.

2.2.3. Estética

Para pensar por quais caminhos efetivar uma prática em que as instituições de educação formal sejam, também, esse lugar propício aos movimentos de resistência ao instituído, a alteridade do próprio pensamento, ao *sujeito ético*, a ideia de uma *formação estética* se faz frutífera. Em seu livro *A Partilha do Sensível*, Jacques Rancière (2009) designou um sentido ao termo *estética*: “[...] modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento.” (p. 13)

Gabriel Perissè, no livro *Estética e Educação* (2009), organiza uma breve revisão teórica sobre os variados estudos acerca do conceito de estética ao longo da história. O autor conta que Alexander Baumgarten, considerado o criador da Estética como disciplina científica, foi quem cunhou a palavra com base nos termos gregos *aisthétikós* (que possui a faculdade de sentir) e *aisthésis* (sensação). Perissè também explica que o pensador irlandês Francis Hutcheson, ao versar sobre a ideia de estética, nos remete às reflexões sobre a origem da ideia de beleza. (p. 10)

A Estética volta-se para a realidade como um todo, atenta ao belo ou ao que de algum modo manifesta beleza, harmonia, impacto ou grandeza: obras de arte, elementos da natureza, o corpo humano, objetos em geral. E o faz reflexivamente, filosoficamente, recolhendo e elaborando o que os sentidos (em particular a audição e a visão) nos transmitem. (PERISSÈ, 2009, p. 24)

Para Rancière (2009), *estética* seria o formato, a forma, a maneira de partilhar (dividir em partes ou compartilhar) o *sensível*. Por *sensível*, no contexto da obra deste autor, entendo tudo o que é sentido pelo sujeito pelos mais diversos meios de contato deste com o mundo e consigo: a percepção (intelecto, cheiro, paladar, visão, audição...) Então, trata-se de pensar como tornamos compartilháveis, comunicáveis, palpáveis as nossas percepções ao outro e a nós mesmos e como nos organizamos socialmente de modo que dividimos em partes quem compartilha o quê com quem e o que deve ser compartilhado entre quem e quem.

Pelo termo de constituição estética deve se entender aqui a *partilha do sensível* que dá forma à comunidade. *Partilha* significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas (RANCIÈRE, 2009, p.7).

Os movimentos de questionamento *ético* são sempre desencadeados a partir de uma experimentação *estética*. Isso porque, como escrito por Perissè, ão conhecimento da realidade terá sempre um componente estético (2009, p.26). Portanto, para pensarmos uma *formação* que contemple a ideia do *sujeito ético* nas instituições de educação formal, é pressuposto que pensemos em *ética* e *estética* como componentes indissociáveis. Considerando que os termos *ficção* e *falsidade* são distintos e que, nessa perspectiva, é necessário separar a ideia de *ficção* da ideia de *mentira*, Rancière nos propõe que ão *real* precisa ser *ficcionado* para ser pensado (2009, p.58). Está indicado nessa proposição de Rancière o caminho de efetivação de uma prática nas instituições de educação formal que busca a *formação do sujeito ético*: estudarmos as formas de *ficcionalização do real* e *ficcionar* sobre as mesmas constitui-se como *técnica de si*, em um exercício para a tarefa de montar *nossa maleta de discursos verdadeiros* (FOUCAULT, 2004b). Porém, atentos à finalidade maior do *cuidado consigo* ó a maneira com que esse esforço de autoformação acaba por se integrar no tecido social e se constituir como ãum motor da ação política (GROS, 2008, p.131) ó, precisamos entender que as práticas artísticas (bem como todas as demais *ficcionalizações* culturalmente produzidas) são políticas. As produções culturais são políticas na medida em que apresentam ao outro os pensamentos do sujeito; trazem à esfera pública, para serem compartilhados entre vários sujeitos, os pensamentos, convertendo-os de individuais a coletivos.

As variadas práticas culturais de ficcionalização são políticas, na medida em que produzem *efeitos* (questionamentos éticos que vão desde o esforço de colocar-se no lugar do outro até julgamentos morais dos mais diversos tipos) que participam de nossa *subjetividade* e, portanto, dos nossos modos de existir e de atuar na *polis*. As produções culturais nos acomodam e consolam ou nos desacomodam e convertem como indivíduos. Esse *efeito* de consolação ou conversão individual se estende até nossas ações na esfera pública. Desta maneira, poderíamos entender *estética* como a forma com que se apresentam as *verdades* dentro das *relações de poder* de nosso tempo. Rancière localiza a *estética* dentro dos *jogos de poder* que estabelecem estratégias sobre o que se diz e o que se faz. Para o autor, ãa política e

a arte, tanto quanto os saberes, constroem *ficções*, isto é, rearranjos *materiais* dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazerö (RANCIÈRE, 2009, p.59).

2.3. POTENCIALIDADES DO CINEMA COMO EXPERIMENTAÇÃO FILOSÓFICA NA EDUCAÇÃO

Quando questionado, em entrevista à revista *Educação & Realidade*, acerca das relações que podem ser estabelecidas entre cinema e educação, Ismail Xavier (2008) afirmou que o cinema que õeducaö é aquele que (nos) faz pensar ó e que (nos) faz pensar não somente sobre o cinema em si mesmo ó mas, também sobre õas mais variadas experiências e questões que ele coloca em focoö. O pesquisador ainda complementa sua ideia ao dizer que õa questão não é passar conteúdos, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionávelö. Aproprio-me da definição de Xavier sobre a dimensão educativa do cinema que, õentendida no sentido da formação - valores, visão de mundo, conhecimento, ampliação de repertório - permeia toda a experiência do cinema e está, ainda que de modo implícito, presente nos debates sobre os filmesö. (XAVIER, 2008, p. 15)

Considerando essa dimensão educativa do cinema apontada por Xavier, penso que a formação dos sujeitos estudantes de cursos de Licenciatura poderia valer-se das estratégias de linguagem do próprio cinema, por ó dentre outros motivos ó ser esta uma arte de fácil acesso, para promover o pensamento sobre si mesmo, em termos artísticos, éticos e políticos. Outra motivação pela escolha da efetiva participação da sétima arte na formação docente é apontada por Alain Badiou (2004), no momento em que o autor nos apresenta o cinema como modo de amplificar nossas possibilidades de pensar o outro. Tal exercício poderia ser explorado de forma mais intensa na formação de professores, o que teria como consequência também efeitos sobre os futuros alunos desses docentes. Badiou sugere o cinema como meio de nos apresentar o outro na sua relação com o mundo:

[...] o cinema é um novo pensamento do outro, uma nova maneira de fazer existir o outro. [...] o cinema nos faz conhecer o outro. [...] O cinema nos apresenta o outro no mundo, nos apresenta em sua vida íntima, na sua relação com o espaço, na sua relação com o mundo. O cinema amplifica enormemente a possibilidade de pensar o outro [...] (BADIOU, 2004, p. 56, tradução minha).

Essa ideia de Badiou está em consonância com a perspectiva ético-estética de Foucault (1990), de sempre estarmos atentos a rever o que nós mesmos afirmamos como verdade, abrindo-nos ao diferente, ao outro, à alteridade do pensamento. Nessa dinâmica estaria implícita a necessidade de o sujeito desacomodar-se, sair de sua zona de conforto e das estruturas de consolação. Porém, de que maneira poderíamos buscar essa auto desacomodação? Ao retrabalhar o preceito do *cuidado de si*, Foucault (2004b) elenca uma série de práticas e de exercícios que poderiam nos conduzir a tal finalidade. Aqui, detenho-me a pensar o contato com produções ficcionais de caráter artístico como possível *exercício de si*.

2.3.1. Experiência do Contato com o Ficcional e o Artístico para Foucault

O contato com a arte estaria aproxima-se de um contato mais direto com o que Foucault (2001) chama de *pensamento do exterior*, que seria capaz de nos retirar da òfortaleza inamovível onde a afirmação se afirma, se ajustando exatamente a si mesma, não ultrapassando nenhuma margem, afastando todo o perigo de erroö (p. 219). O artístico e o ficcional produziram essa experiência singular que consistiria ònão em mostrar o visível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visívelö (idem, p. 225). Invisibilidade que se evidencia na escuta de um discurso que não se dá pelo que òse pronunciou nele, mas do vazio que circula entre suas palavras, do murmúrio que não cessa de desfazê-lo, discurso sobre o não-discurso de qualquer linguagem, ficção do espaço invisível em que ele apareceö (Idem, p. 226).

Ao tratar da obra de Blanchot, Foucault fala de uma atitude, diante da arte, que envolve atração e negligência: ser atraído seria se permitir experimentar; e ser negligente seria zelar por essa experiência a ponto de não interferir, de òser, no vazio, o movimento sem finalidade e sem motivo da própria atraçãoö (FOUCAULT, 2001. p. 227-228). A arte se faria justamente através desse afastar-se de si próprio e dirigir-se ao mundo. Como experimento com as linguagens, a arte as colocaria o mais longe de si em sua acepção usual e recriaria sua existência, mas quanto mais longe essas conseguissem ir, mais perto chegariam de sua existência própria. Diz o autor:

[...] apreende-se o privilégio da similitude sobre a semelhança: esta faz reconhecer o que está muito visível; a similitude faz ver aquilo que os objetos reconhecíveis, as silhuetas familiares escondem, impedem de ver, tornam invisíveis [...]. A semelhança comporta uma única asserção, sempre a mesma: isto, aquilo, aquilo ainda, é tal coisa. A similitude multiplica as afirmações diferentes, que dançam

juntas, apoiando-se e caindo umas em cima das outras (FOUCAULT, 2008, p. 63-64).

Acredito que uma formação docente que contempla os questionamentos éticos de seu tempo pode ser impulsionada pelo contato estético com obras ficcionais, que nos presenteiem com esse *privilégio da similitude* do qual nos fala Foucault. Existe uma escolha e um posicionamento ético que são impulsionados pela percepção estética. Talvez quem, de maneira mais didática, nos explique como as produções artísticas, neste caso especificamente as narrativas filmicas, impulsionam escolhas e posicionamentos éticos, seja Alain Badiou. Em texto intitulado *O cinema como experimentação filosófica*, o autor escreve que

[...] o cinema mantém relações muito particulares com a filosofia. [...] o cinema é uma experiência filosófica. [...] O cinema transforma a filosofia, o cinema transforma a própria noção de ideia. [...] o cinema é a criação de novas ideias sobre o que é uma ideia. [...] uma situação filosófica é a relação entre pontas opostas ou entre diferentes extremidades que, em geral, não mantêm relação alguma (2004, p. 23, tradução minha).

Badiou (2004) explica que o uso do termo *filosofia* carrega consigo o pensamento como eleição, o pensamento como decisão entre uma das *pontas opostas* ou *extremidades* que nos são apresentadas em determinada situação. A filosofia consiste em tornar clara essa decisão, em esclarecê-la. De maneira que podemos dizer o seguinte: uma situação filosófica é o momento em que esclarecemos uma eleição de existência ou de pensamento (BADIOU, p.24, tradução minha) O autor elenca três grandes tarefas da filosofia: primeiramente, esclarecer as eleições, as decisões, fundamentais do pensamento, posicionar-se ante as situações. Em segundo lugar, esclarecer a distância entre o pensamento e o poder, a distância entre o Estado e as verdades, atentar para as relações de poder que se presentificam no que é outorgado como verdade. E, em terceiro lugar, esclarecer o valor da exceção, o valor do acontecimento, o valor da ruptura. E isso, contra a continuidade da vida, contra o conservadorismo social (Idem, p.26-27, tradução minha).

Então, o *cinema como experimentação filosófica* configura-se na medida em que exige pensamento e escolha sobre pontos extremos como um dos possíveis exercícios que, ao envolver um aprendizado estético sobre nós mesmos, bem como sobre o que nos cerca, suscita questões éticas e, portanto, auxilia na formação ético-estética docente. O *cinema como experimentação filosófica*, ao nos convocar a uma eleição, a um posicionamento em relação a pontas extremas, passa a ser uma forma de efetivação dos exercícios de escolhas de *discursos*

verdadeiros para compor nossa maleta, tal qual nos propõe a alegoria dos filósofos da Antiguidade clássica, citada por Foucault (2004b) em *A Hermenêutica do sujeito*.

Talvez o cinema possa tornar visíveis e audíveis as ideias e pensamentos tão sem forma e não palpáveis, aos quais me referi no primeiro parágrafo deste texto (seção 2 da monografia). Talvez o cinema possa dar imagem e som a maneiras de perceber o mundo, difíceis de serem pensadas sem que possamos *ficcioná-las*; como nos propõe Rancière. Mais do que isso, as situações cinematográficas filosóficas podem nos ajudar a exercitar a perspectiva ético-estética de Foucault (1990): de tentar pensar o outro dentro do próprio pensamento ou estar atento sempre a pensar diferente do que nós mesmos pensamos. Esta correlação é possível se observarmos o que nos mostra Badiou:

Pode-se dizer, então, que a filosofia se interessa pelas relações que não são relações. (...) pelas relações paradoxais, pelas rupturas. E há filosofia cada vez que se quer pensar uma relação desse tipo. Finalmente, a filosofia é a teoria das rupturas, o pensamento das rupturas. (...) a filosofia é o momento da ruptura refletida no pensamento. É possível, assim, pensar que cada vez que há uma relação paradoxal, uma relação que não é uma relação, uma situação de ruptura, pode haver filosofia. [...] Há filosofia, pode haver filosofia, porque há relações paradoxais, porque há rupturas, porque há decisões, distâncias e acontecimentos (BADIOU, 2004, p. 28, tradução minha).

Entendo que, ao trabalhar *o cinema como a criação de novas ideias sobre o que é uma ideia*, Badiou dialoga com Foucault, na medida em que nos propõe uma experiência que amplia modos de existência, modos de ser *sujeito*. Ambos os autores nos convocam a trabalhar sobre nós mesmos, de maneira que participemos ativamente dos processos de *subjetivação* que nos constituem. Embora a proposta de Badiou verse sobre um recorte menor (cinema e filosofia) enquanto a de Foucault abranja um contorno maior (modos de existir e filosofia), ambas concentram-se no que nos conduz à *liberdade* e não ao *aprisionamento*. Ambas propõem que atuemos com *resistência* ao que nos *assujeita*, na medida em que nos convocam a procurar pelo inesperado, como se procurássemos por possíveis *sujeições* de nós mesmos, para convertê-las em *escolhas*. E é nesse sentido que pretendo trabalhar a potência do cinema no campo da educação, ao longo deste TCC.

3. O FILME PEQUENA MISS SUNSHINE

Dirigido por Jonathan Dayton e Valerie Faris, produzido e realizado por duas empresas de pequeno porte da indústria cinematográfica norte-americana ó Big Beach Films e Bona Fide Productions ó, comprado, lançado e distribuído em 2006 pela empresa de grande porte da indústria cinematográfica norte-americana ó Fox Pictures ó, o filme Pequena Miss Sunshine ganhou duas premiações no Oscar de 2007. Uma delas, por melhor ator coadjuvante ó Alan Arkin ó e outra por melhor roteiro original ó Michael Arndt. Além destas, o filme ganhou outras premiações internacionais, embora tivesse um valor baixo de orçamento, se comparado à média de custo de execução dos filmes vencedores das mesmas premiações em anos anteriores. A obra tem 102 minutos de duração.

3.1. JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA

Antes mesmo de iniciar o curso de Licenciatura em Pedagogia, assisti ao filme *Pequena Miss Sunshine*. Apropriando-me das terminologias do texto *Pode-se Falar de um Filme* (BADIOU, 2005), digo que, desde a primeira vez em que vi este filme não estabeleci com o mesmo o que o autor define como õjuízo indistintoö. Para Badiou, essa maneira de falar de um filme consiste em dizer õgostoö ou õnão gostoö, o que se constitui como fala indistinta, õpois a regra do gostar oculta sua normaö (p. 27, tradução minha), já que não é estabelecida a expectativa sobre a qual se pronuncia esse juízo. O filme me proporcionou ir além do julgamento imediato do õgosteiö, da avaliação da obra como õsuperiorö ou õinferiorö, não permanecer indiferente ao mesmo ó pois este me auxiliou a pensar questionamentos que me acompanhavam e produziu em mim *efeitos* que me acompanham até então.

Tanto minha memória não ficou indiferente aos pensamentos suscitados pelo filme que, durante o curso de Pedagogia, quando realizei um estágio em um curso de alfabetização de adultos, recorri a essa narrativa, quando convocada a escolher um filme para pensar a prática docente. Neste curso de alfabetização, as professoras reuniam-se com o objetivo de aprimorar o trabalho docente por meio de trocas como, por exemplo: leituras relacionadas à área ou diálogos acerca de vivências profissionais ó instrumentos mais recorrentes. Surgiu então, uma nova proposta: assistir a filmes como forma de aprimorar o trabalho docente nessas reuniões. Cada participante levaria um filme por reunião e dialogaríamos sobre o mesmo após assistir. Os três primeiros filmes tinham como temática principal a superação de

dificuldades de professores em relação ao fazer docente. O cenário predominante era a instituição escolar. Os diálogos que se sucederam à exibição dos filmes assemelhavam-se. Conversas rápidas, curtas e sem discordância. Os relatos sobre situações parecidas com as narradas nos filmes, que haviam ocorrido entre as professoras presentes e seus alunos, eram os mais frequentes.

O quarto filme foi *Pequena Miss Sunshine*. O filme tem como temática principal a história de uma família, composta por indivíduos com interesses muito diferentes, mas que acabam por objetivar uma mesma ação: levar a filha menor a um concurso de beleza. Todos os personagens, de alguma forma, são antíteses em relação a um modo de ser padrão, que cada um deles mesmos deseja e busca. Rosa Fischer, ao analisar essa película, a descreve como ãa saga de seis anti-heróis americanos que, talvez por essa condição de serem ñmenosñ na sociedade em que vivem, dão-se a ver como heróis na medida em que põem a nu um por um os valores já cristalizados dessa mesma sociedadeñ (FISCHER, 2008, p. 51).

Ao término da exibição do filme, a primeira fala de uma das professoras foi: ãÉ um filme muito engraçado, mas não tem nada a ver com o nosso trabalho, não deveria ter sido trazido para esse momento.ñ A partir dessa fala, o grupo dividiu-se em opiniões concordantes e discordantes em relação ao que havia sido dito. Nenhuma conclusão foi apontada sobre tratar-se ou não de um filme adequado à proposta de aprimorar o trabalho docente. Porém, esse foi o filme, dentre todos os assistidos pelo grupo, que mais suscitou diálogos sobre assuntos nunca antes abordados naquele espaço. Talvez porque, ao defrontar-nos com esses anti-heróis, desconstruindo nossas próprias figuras de heróis, que também eram as dos alunos daquele espaço escolar, tenhamos repensado sobre os lugares ditos de sucesso e fracasso.

O filme *Pequena Miss Sunshine* desacomodou o grupo em relação ao *lugar* já tão frequentado anteriormente, acerca da família, infância e tantos outros temas, que já não causavam surpresa nem discordância. Houve ali uma mudança: o espaço já conhecido e bem frequentado deu lugar a algo novo. O diálogo e o filme, colocando em embate questões éticas, assim como nos transformaram individualmente, modificaram o grupo. Essa experiência, aliada aos estudos posteriores sobre cinema e educação, motivou-me a escolher *Pequena Miss Sunshine* para realizar com o mesmo um estudo mais amplo neste TCC.

3.2. OPERAÇÕES DE ESTUDO

No artigo *Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação* (MARCELLO & FISCHER, 2011), as autoras Fabiana Marcello e Rosa Fischer apresentam e discutem uma agenda para as pesquisas em cinema e educação. Estabelecendo um diálogo entre tal agenda e referencial teórico selecionado, as autoras propõem que o trabalho de pesquisa com cinema implica uma operação com narrativas fílmicas, na qual a construção do objeto científico está relacionada a três dimensões: às linguagens específicas com que se faz cinema, ao público ao qual se destinam os materiais em foco, e a algumas interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica, ligadas ao tempo presente. (p. 506) Ao escolher o filme *Pequena Miss Sunshine* para pensar ó junto com colegas de futura profissão ó relações entre o mesmo e o campo de estudos da educação, busco ó partir de dentro do filme, como sugerido pelas pesquisadoras, para chegar a essas relações que suscitam questionamentos de cunho ético.

Na intenção de *partir de dentro da narrativa fílmica*, procurei ó atenta à complexidade estética do mesmo ó estruturar algumas operações de estudo, dividindo o filme em partes e alternando minha análise entre o estudo desses fragmentos e o estudo do filme como todo. Como partes, considerei desde as diferentes classificações por tomada, cena e sequência ó mais ligadas à linguagem específica do cinema ó até as divisões por trechos de acontecimentos que, pelos conhecimentos construídos ao longo do curso de Licenciatura em Pedagogia, tocavam questões mais próximas aos estudos do campo da educação. A primeira operação de estudo que realizei sobre o filme foi procurar, por meio de sites na Internet, alguns dados técnicos sobre essa produção cinematográfica. Essa procura resultou no texto de apresentação desta terceira seção do TCC.

A segunda operação sobre essa produção cinematográfica foi assistir a ela com pausas para anotar quais eram e em que tempo do filme ocorriam as cenas ou tomadas que, a meu ver, conferiam maior relevância à trama. Utilizei duas formas de fragmentação para as pausas e as anotações. O filme original vem dividido em 24 capítulos; dessa maneira, já pude desmembrar de forma mais abrangente o meu estudo. Além disso, destaquei as sequências de acontecimentos de dentro de cada um dos capítulos. A sistematização resultante dessas anotações encontra-se no apêndice A deste trabalho.

Minha terceira operação de estudo foi selecionar, dentre as anotações já fragmentadas, cinco trechos do filme com potencial para, a partir de sua apreciação, impulsionar diálogos com as professores em formação. Considero pertinente a inclusão do registro da minha

descrição analítica desses pedaços do filme, no apêndice B deste trabalho, porque, na maior parte das vezes em que as estudantes de cursos de Licenciaturas da UFRGS citam exemplos de ocorridos do filme em nossos diálogos ó sobre os quais escrevo nas seções 4 e 5 do presente TCC ó, elas recorrem ao conteúdo que assistimos juntas em um desses cinco trechos. A quarta operação de estudo realizada sobre o filme foi a análise do obra como todo, que compõe a subseção 3.3 desta monografia.

3.3. PARADOXAL SIMPLICIDADE: uma análise do filme

É possível falar de um filme? Volto a recorrer ao texto de Badiou (2005), cujo título nos lança essa pergunta. Esse questionamento vem acompanhado do reconhecimento dos limites da comunicação humana. Embora saibamos dessa limitação, ao nos comunicarmos, desejamos narrar ao outro algo que lhe mobilize todos os sentidos, exatamente da mesma forma com que fomos tocados e que motivou nossa narração. Como se pudéssemos transmitir uma experiência que em nós se passou, tal qual a mesma se passou em nós, ao outro, de forma insaciável, falamos, escrevemos, fotografamos... Também na produção dos materiais audiovisuais está implicado o desejo humano de comunicar algo por inteiro.

Existem algumas produções que acabam por nos tocar mais que outras. Parece-me que estas se aproximam um pouco mais da tentativa de mobilizar os nossos sentidos, assim como algo mobilizou os sentidos de quem as produziu. Talvez isso seja justamente uma das possíveis características que conferem a determinadas produções um caráter artístico, sendo que este está diretamente ligado aos *efeitos* gerados em consequência da relação que se estabelece entre espectador e obra. Gabriel Perissè fundamenta a relação sobre a qual estou me referindo, ao dizer que a ãossa experiência estética como receptores ativos se realiza no encontro entre nós e a obra de arte. [...] Mas é preciso abrir os olhos e a inteligência. Sem alimentar ilusões quanto a uma impossível percepção total e absoluta. [...] Não estamos passivos,õ O autor explica ainda que a experiência dessa percepção ãé justamente o resultado da nossa recepção ativa. [...] A obra de arte é recebida como tal, é interceptada, acolhida e recriada ó e nos sentimos então ÷preenchidosø de sentimentos e conceitosö (PERISSÈ, 2009, p. 29). Busco, então, narrar ó com toda a limitação da nossa comunicação e sem ilusões quanto a uma percepção total ó como o filme *Pequena Miss Sunshine* me toca de forma especial, como se mobilizasse em mim uma complexidade de sentidos e entendimentos.

Entendo que o filme *Pequena Miss Sunshine* opera diretamente com a ideia de *experimentação filosófica* (BADIOU, 2004) sobre a qual escrevo de maneira mais extensa na seção 2 do presente trabalho. Os paradoxos, ou *extremidades*, como os nomeia Badiou, são apresentados na composição dos personagens ó pelas escolhas e anseios desses sujeitos ficcionais ó e, também, estão presentes nas contradições vivenciadas pelos personagens. O que torna cada um dos integrantes da família de Olive especiais são suas singularidades, são suas características únicas, as quais conferem aos mesmos um tom de diferença em relação ao próprio modelo ao qual os mesmos buscam se adaptar. Todos os personagens, de alguma forma, tornam presentes para quem assiste ao filme as ideias de bem e de mal. Os seis personificam o herói e o vilão, a beleza e o feio. Ao longo do filme, todos os personagens passam das *pontas opostas* do sucesso ao fracasso ou do padrão à exceção e vice-versa. Porém, em alguns ocorridos, determinados personagens, a partir de seu posicionamento em relação ao mundo, presentificam, de maneira mais explícita, determinadas contradições.

No trecho 1, descrito por mim no apêndice B, a barra de metal como elemento cênico soma peso à cena. Peso que o irmão de Olive apresenta ao espectador logo no começo do filme. Ao vermos o esforço físico na face do ator que interpreta o irmão se exercitando e, em seguida, o desenho sóbrio de grafite em tecido branco da face do filósofo Friedrich Nietzsche, quase já podemos antecipar o que o adolescente comunica ao tio no diálogo que descrevo no trecho 2 do apêndice B: "Ódeio todo mundo." Este personagem parece estar preenchido de ódio quando descobre que não poderá ser piloto e diz "Ódivórcio? Falência? Suicídio? Vocês são uns derrotados", como descrevi no trecho 3 do apêndice B. Mas, esta mesma cena surpreende com o ato de extrema sensibilidade e altruísmo do menino em relação à irmã; além disso, acompanhamos a capacidade dele no sentido de distanciar-se de sua revolta pessoal e pedir desculpas aos outros que magoou. É o mesmo irmão de Olive que, quando a família está triste e aprensiva na sala de espera do hospital e a mãe fala sobre a possibilidade da morte do avô, escreve em seu bloquinho, de uma maneira muito delicada, que a irmã abraça a mãe. Revolta e rendição, ódio e amor juntos: este personagem não é um encontro de *pontas opostas*, é demasiadamente humano e paradoxal.

O avô poderia ser visto como vilão nos momentos que cheira heroína, se considerarmos essa ação dentro de um regime de *verdades* onde o *modo de existir* dos sujeitos que utilizam substâncias psicotrópicas ilegais é marginalizado. Também não é difícil pensar em certa postura sarcástica e egoísta na escolha da coreografia que ensina à neta, para a apresentação dela no concurso de misses. Porém, esse vilão passa a ser *o mocinho do filme* quando consideramos as palavras de apoio e de amor ao filho no momento de sua maior

frustração ao longo da narrativa. Também é *o bom moço* quando explica o que é beleza à Olive e diz que ela é a menina mais linda que ele conhece. Também pode ser visto como herói para os que consideram, assim como ele, o uso da substância heroína um ato de libertação. Também não é difícil concebê-lo, ao vermos a apresentação final de Olive, como um herói da subversão. Olive não ganha o concurso de beleza, é a antítese do modelo de beleza dos concursos. Mas é a beleza personificada para nós, espectadores do filme, pela oportunidade que nos apresenta de percebermos as mais belas construções. Também ela é a beleza pela qual todos os outros personagens concordaram com a viagem.

O culto ao sucesso empreendido pelo pai configura-se como seu maior fracasso profissional. Porém, é a mesma busca obstinada, sem ponderações, que faz com que consiga sucesso, quando se nega a deixar o corpo do avô no hospital e quando faz com que todos cheguem ao concurso de Olive. A mãe super protetora que, no entanto, deixa a filha entrar no concurso, sabendo que ela não terá chance de ganhar, ou a matriarca que compra comida pronta para a janta todos os dias, mas que faz questão que todos comam um pouco de salada. O tio, no centro do padrão dos estudiosos das academias e à margem do padrão de sexualidade de nossos tempos. Exceção e padrão, modelos e antíteses, o filme *Pequena Miss Sunshine* nos oferece um espectro variadíssimo de *modos de existir* e de maneiras de nos relacionarmos com o outro; nos põe a pensar nossas escolhas e nossos jeitos de *ser sujeito*.

Essas contradições que constituem os personagens não seguem uma lógica dual maniqueísta. Todos têm características que são consideradas por eles mesmos e pelos demais personagens, ora como defeitos e ora como qualidades. Essa possibilidade de ressignificação de uma característica de um personagem é o que confere autenticidade a identidade de cada um deles. Ao nos apontar essa diversidade de possibilidades de ser, o filme nos convoca a nos posicionarmos em relação a esses modos de existir e, como consequência, a nos posicionarmos em relação aos padrões sociais instituídos como modos de existência. Porém, é necessário salientar de que modo nos são apresentadas essas possibilidades de existir. É justamente uma complexa trama de diversos elementos próprios da linguagem cinematográfica ó atuação, figurino, cenário, montagem, posições de câmera, trilha sonora, sonoplastia, tempos de corte... ó que nos possibilita as percepções que sentimos ao receber o filme; a inseparabilidade da *estética* e da *ética*. É justamente a relação que estabelecemos com a concepção *estética* do filme, o filme em si mesmo, o que nos suscita questionamentos e pensamentos acerca da construção de nós próprios, de nossos posicionamentos *éticos*. Isso certamente encontra consonância com as ideias de inseparabilidade entre estética e política de Rancière (2009), sobre as quais escrevo na seção 2 desta monografia.

Além de operar com a alteridade de *pontas opostas* na composição dos personagens, o filme nos oferece *situações filosóficas* ao trabalhar com *extremidades paradoxais* na construção das próprias cenas. Na cena da apresentação da coreografia de Olive no concurso, nos deparamos com *verdades* acerca das questões ligadas à sexualidade e às concepções de infância e fase adulta, que se contradizem na cena como todo. Porém, podemos nos aproximar mais de uma descrição dessas *verdades* focando nas reações dos personagens e nos figurinos. É escandalizante aos personagens que figuram no concurso de beleza o momento em que Olive retira alguns dos pedaços da roupa durante a coreografia. Porém, as roupas das outras meninas são super justas e decotadas e não provocam reação alguma de surpresa entre os mesmos personagens. É repreendido, inclusive institucionalmente pelos organizadores do concurso que desejam impedir a apresentação, o fato de Olive dançar uma coreografia com gestos e músicas típicos do mundo adulto. Porém, são vistas com extrema naturalidade as roupas, maquiagens e a postura super adulta das outras meninas.

Esses *paradoxos* presentes na composição de cada um dos personagens e na criação de algumas cenas também se fazem presentes na construção da narrativa como todo. É essa alternância de *extremidades* que confere envolvimento crescente do espectador. O filme ganha *força dramática* ao intercalar momentos de tristeza (morte do avô) alternados com momentos de grande comicidade (fuga do hospital com o corpo do avô). Outra contradição dramática explorada pela narrativa são os momentos pesados e de extrema profundidade (diálogo sobre a morte dentro da Kombi), seguidos de momentos de extrema leveza (o policial que inspeciona a Kombi fica com as revistas pornográficas do falecido avô). *Pequena Miss Sunshine* é classificado, pela distribuidora deste filme, como *comédia*. Mas penso que, se há necessidade de classificarmos filmes por gênero, o termo tragicômico falaria mais sobre a narrativa.

Mas a grande questão é que, operando com essas *pontas opostas* das mais variadas maneiras, o filme acaba por nos surpreender. *Pequena Miss Sunshine* não se assemelha às produções cinematográficas em que podemos antever o desenrolar da narrativa, os gestos e figurinos dos personagens, o tipo de trilha sonora e ó conseqüentemente ó os efeitos que o filme provocará em nós, logo em seu começo. Ismail Xavier afirma que ão que vale ó estética, cultural e politicamente ó é a relação com a imagem (e a narrativa) que não compõe de imediato a certeza sobre este ãdo que se trata e lança o desafio para explorar terrenos não-codificados da experiência.ö E acrescenta: ãtanto melhor se o próprio filme se estrutura para impedir o conforto de reconhecimento do mesmo, de confirmação do que se supõe saber.ö

(XAVIER, 2008, p. 17). Em oposição ao filme que não anuncia o que acontecerá, Xavier diz o que seria o clichê:

[...] aquele tipo de agenciamento das imagens e sons que induz a uma leitura pragmática geradora de reconhecimentos do já dado e do que não traz informação nova, ou seja, do combate àquela forma de experiência na qual não se vê efetivamente a imagem e não se percebe a experiência, ou, se quisermos, não se captura o que acontece na imagem, pois a mobilização de protocolos de leitura já automatizados define *a priori* o modo que se trata quando olhamos a imagem ou seguimos a narrativa (XAVIER, 2008, p. 17).

Então, podemos dizer que *Pequena Miss Sunshine* é um filme extremamente complexo, se pensado como possibilidade de *experimentação filosófica*, tal qual nos fala Badiou (2004). Dentro de sua trama encontramos várias *extremidades*. Além disso, o filme nunca se esgota, com uma posição fechada e definitiva sobre os personagens e situações que oferece; ao contrário, ele convoca o espectador a posicionar-se de maneira ativa, ele exige que quem assista faça escolhas, ele surpreende, oportuniza um encontro com o inusitado. O *cinema como experimentação filosófica* é exatamente isso: a convocação a escolher um caminho, a tomar um posicionamento. Não nos impõe o caminho, mas nos intima de maneira que não conseguimos ficar neutros em relação às questões éticas que se apresentam. O filme *Pequena Miss Sunshine* nos aponta vários modos de existir, marginalizados ou fora do padrão. Também nos aponta, por meio dos desejos e buscas dos personagens, alguns dos modos de existir que em nosso tempo são tidos como padrões ideais de existência e de comportamento, bem como diferentes processos de *sujeição* e de *resistência* aí envolvidos. Nesse sentido, acaba compondo uma *cena universal da ação*, tal qual nos explica Badiou, ao discorrer sobre o alcance ético do cinema, quando afirma que essa arte de massas é

[...] principalmente uma arte das grandes figuras da humanidade em ação, como uma espécie de cena universal da ação. São formas fortes, encarnadas/personificadas, dos grandes valores que se discutem em um dado momento. [...] há um aspecto admirável em [...] propor a um imenso público figuras típicas, grandes conflitos da vida humana. O cinema é, sobretudo, algo que fala de coragem, da justiça, da paixão, da traição (BADIU, 2004, p. 34-35).

Então, estaria definido: seria esse um filme amplo em toda sua possibilidade de complexidade? Não. É justamente a isto que podemos nos permitir quando estamos diante de uma produção artística com espaço para a criação por parte de quem a recebe: jamais concluir. Trata-se de um filme simples, sob vários aspectos. Se observarmos que ele trabalha com símbolos cotidianos e não utiliza linguagem rebuscada ou alegorias que pressupõem o

conhecimento prévio de um campo de estudos específico, podemos nomeá-lo como uma narrativa singela. E por ser este um filme considerado de baixo orçamento, que apresenta cenários e figurinos comuns e que não utiliza efeitos especiais (no sentido da linguagem específica do cinema), podemos classificá-lo como simples. Também é um filme simples no sentido poético empregado por Rosa Fischer ao identificar, na obra de Clarice Lispector, disciplina e simplicidade e, em seguida, apresentar o seguinte escrito da romancista: "Só se aproximando com humildade da coisa é que ela não escapa totalmente" (LISPECTOR, 2004, apud FISCHER, 2012, p. 11). *Pequena Miss Sunshine* acaba por nos aproximar singelamente de algo que sabemos o que é, mas que foge às palavras e está lá, em sua paradoxal simplicidade.

4. FRUINDO E PENSANDO O FILME: da coleta de dados

No mês de abril de 2012, comecei a convidar colegas de futura profissão, incluindo os que cursam outras Licenciaturas, além da Pedagogia, para assistirem a trechos do filme *Pequena Miss Sunshine* e depois conversarmos. Muitos deles mostraram-se interessados. Porém, na maior parte das vezes, por motivos funcionais de tempo e problemas de deslocamento, boa parte dos interessados acabou não participando. Dos 11 que efetivamente participaram, todos são mulheres jovens, que têm entre 23 e 33 anos, estudantes de cursos de Licenciatura da UFRGS: 9 cursam Pedagogia, 1 Dança e 1 Letras. Foram seis diferentes momentos de encontro para a exibição do filme e a realização do diálogo. Nas situações de coleta de dados, conversamos em duplas (uma estudante e eu), trios ou quartetos. Os seis encontros aconteceram em espaços da Faculdade de Educação (Faced) da UFRGS. Alguns ocorreram em salas de aula; outros na sala do Núcleo de Estudos de Mídia, Educação e Subjetividade (NEMES).

Primeiramente, os encontros ficavam registrados em um gravador de áudio. Depois, eu ouvia e transcrevia cada uma das conversas. No momento de transcrição, elaborei uma sigla como representação gráfica de cada expressão que designa cada uma das participantes das conversas. Assim, as alunas foram identificadas da seguinte forma: estudantes de Pedagogia (P ó de 1 a 9), de Letras (L1), de Dança (D1). Nas seções deste TCC, em que trago falas das futuras professoras, indico apenas a sigla que representa cada estudante antes de sua fala. As transcrições dos seis encontros, na íntegra, compõem o apêndice C deste trabalho.

4.1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Essa opção pelas conversas com colegas de futura profissão é também parte da escolha por um caminho me auxilie a desenvolver pensamentos acerca de questões éticas e estéticas. A meu ver, foi este tipo de questionamento que se configurou como mais desafiante para mim ao longo do curso de Pedagogia. Também, porque esses pensamentos de cunho ético, conforme escrevo nas seções 2.1 e 2.2, são estabelecidos sempre em relação ao *outro*; envolvem sempre um olhar sobre si, porém a partir do diálogo e de tantas outras formas de troca.

Ao escolher o filme *Pequena Miss Sunshine* como disparador do diálogo com algumas colegas de futura profissão, busco partir de dentro do filme (como sugerem MARCELLO e FISCHER, 2008), na medida em que o posiciono como *fio condutor* para as conversas com as estudantes. Conforme explicito, fundamentada em Xavier (2008), o filme em questão nos proporciona um encontro com o *inesperado*, e esse foi, dentre outros, um dos motivos de escolha do filme. Desta maneira, porque parti de dentro do filme para conduzir os encontros, pude criar um clima descontraído ou tenso, conforme o momento do filme e os efeitos do mesmo sobre mim e as estudantes, mas sempre aberto em relação às vontades de expressão das colegas. Sem um roteiro pré-estabelecendo a ordem das perguntas, ou mesmo uma única opção fechada de tempo de diálogo e de exibição (que variou conforme o andamento de cada conversa), os encontros configuram-se como momentos não somente de pensamento, mas também de fruição, o que pode ser observado em falas das futuras professoras. Em um dos encontros, logo que pausei o filme para iniciar a exibição de outro trecho, duas das estudantes emitiram o som *õh...õ*, demonstrando que não gostariam de interromper a exibição do filme; e então comentaram: P5_ *Essa parte dá vontade de assistir ao filme inteiro.* P6_ *Eu também...*

Em outro encontro, quando o silêncio de alguns instantes pareceu-me indicar que o diálogo sobre o trecho do filme ao qual havíamos assistido tinha cessado, disse que iríamos ver outra sequência, uma colega respondeu decepcionada: P4_ *Mas a gente não vai falar mais sobre essa parte?*

Já estavam definidas antes dos encontros as cinco opções de trechos para assistirmos, conforme explicitado anteriormente. Porém, em alguns encontros, acabamos assistindo a outras partes do filme, por solicitação das colegas ou pelo próprio andamento do diálogo. Também já estavam elaboradas algumas perguntas elencadas por mim como condutoras e impulsionadoras da conversa; porém, intencionalmente, estas não seguiam uma ordem

específica, para não impedir as demais questões que o momento e o principalmente o filme e os efeitos dele em nós mesmas o suscitavam. Dentre as questões elaboradas previamente estavam: Já viu o filme? Quando viu? Quantas vezes viu? Em que ocasião? Qual a motivação para uma possível escolha por esse filme, da primeira vez que assistiu? O que os trechos assistidos fazem sentir, lembrar, perceber, pensar...? O que lembrava sobre o filme? Existe algum elemento de identificação com algum dos personagens? Quais as relações que estabelece entre o filme e a área da educação? O que pensa sobre uma possível apreciação deste filme como ação educativa no interior de instituições de educação formal?

Apesar do fato de ter assistido ao filme em período anterior não ser condição para participar dos encontros, 10 das 11 estudantes com as quais conversei já haviam tido um primeiro contato com o filme anteriormente.

5. CONFRONTOS E SOBREPOSIÇÕES: da análise dos dados

A partir da sobreposição e confrontação dos dados coletados, por meio da escuta das falas de estudantes de cursos de Licenciatura, que tiveram como motivação o filme *Pequena Miss Sunshine*, e dos estudos teóricos, selecionei alguns ditos das alunas, em função da sua pertinência dentro do estudo do cinema, como possibilidade de formação ético-estética docente. A ideia é, além de apontar alguns temas principais que surgiram desta sobreposição e confrontação, problematizar questões contemporâneas sobre os modos de produção e circulação de sentidos, bem como da constituição de si e do outro o temas extremamente relevantes para o campo da educação.

Estruturo esta sistematização da seleção sobre os dados coletados em títulos e subtítulos de acordo com a temática das falas das alunas. Nesta seção, as falas, destacadas do restante do texto com outro tamanho e tipo de letra, foram reorganizadas por mim em sua transcrição, de modo que não ficassem muito extensas, porém, sempre com a cautela de não alterar o que a estudante comunicou. Para casos em que o leitor deseje entender melhor o que foi dito, é possível recorrer às transcrições na íntegra, que se encontram no apêndice C deste trabalho.

5.1. RELAÇÕES DE PODER E JOGOS DE VERDADE: presença e resistência

Estudando as transcrições dos seis encontros, pude observar, em diversos momentos e sob variados aspectos, dinâmicas de pensamentos que se faziam, desfaziam e refaziam. Esse movimento de alteridade do próprio pensamento aparece em algumas falas. O exercício de escolhas de *discursos verdadeiros para compor nossa maleta*, tal qual nos propõe a alegoria dos filósofos da Antiguidade Clássica, citada por Foucault (2004b), efetivava-se em alguma escala de intensidade durante nossos encontros. Digo *escala de intensidade*, pois não *montamos nossa maleta de verdades* de maneira conclusiva e definitiva, conforme nos alertou Foucault, sobre o caráter de infinitude dessa tarefa; *o determinar qual o principal perigo é uma escolha que precisa ser feita não a cada dia* (FOUCAULT, 2004a). Da mesma forma, as escolhas que fazemos não advêm de uma vivência delimitada em tempo de início e fim, mas sim de uma soma de momentos difusos em que experienciamos a existência.

Observei enunciados recorrentes, que provavelmente poderiam ser parte integrante de um discurso pedagógico próprio das estudantes de cursos de Licenciatura da UFRGS, neste começo de século XXI. Tais enunciados, que se constituem dentro do que Foucault chamaria de *jogos de verdade*, ao mesmo tempo em que foram afirmados e reafirmados pelas estudantes, também, em outros momentos, foram *postos à prova*, foram alvo de dúvidas e, frequentemente, foram deslocados da condição de verdade. Essas operações diretamente ligadas a processos que Foucault chamaria de *modos de subjetivação* que escapam ao instituído, foram possibilitadas pelo nosso exercício com o filme *Pequena Miss Sunshine*. Para que eu e as futuras professoras nos indagássemos acerca desses questionamentos de cunho ético, foi preciso que nos dedicássemos a um tempo da recepção da obra cinematográfica e dos diálogos suscitados pela narrativa. Desta maneira, nesses encontros, o cinema configurou-se como um exercício de *cuidado consigo*, na medida em que essa atividade exige um tempo dedicado ao inusitado, ao que não tem a finalidade determinada logo em seu início, o que dentro das instituições é cada vez mais escasso.

5.1.1. Sucesso, Competição e Educação

Quando mencionei enunciados recorrentes, que poderiam compor um discurso pedagógico próprio das estudantes de cursos de Licenciatura da UFRGS, neste começo de século XXI, dentre eles estariam os que versam sobre as diferentes verdades, em relação ao

que envolve a questão do *sucesso* em nosso tempo presente. Observemos então uma das falas das futuras docentes:

P3_ Eu me lembrei de uma coisa, a princípio nada a ver, um livro que eu tava lendo do Bauman¹ que fala sobre consumo e sobre a sociedade *agorista*²; que o sucesso está como se fosse num ponto único. Tu *tem* uma única oportunidade de chegar a um ponto da tua vida, se tu não atingir, não é uma coisa assim “vai lá, tenta de novo”, é uma coisa assim “não, se tu não atingiu o sucesso nesse ponto tu perdeu, tu não teve êxito e acabou”. A leitura que eu fiz me fez pensar muito na minha vida e quando eu assisti ao filme também pensei na minha vida. Porque quando a gente está prestes a se formar fica aquela coisa *sangria desatada*, “tudo tem que dar certo agora, nesse ponto, nesse momento, eu tenho que ter sucesso, eu tenho que conseguir um emprego, eu tenho que não sei o que, eu tenho que ter um salário bom...”. E eu lembrei disso, porque me parece que tem uma tônica assim no filme, me fez lembrar desse texto que eu li, porque o pai dela fala a todo momento em sucesso, sucesso... Como se o sucesso fosse uma coisa que está *lá* e que é atingível em um determinado ponto, se tu não chegar *lá*, nesse exato ponto, tu parece que integra um outro grupo, de perdedores, que não acessaram o sucesso.

(...)Eu fiquei pensando na escola e parece que a coisa é muito assim; é agora, esse ponto, nesse momento, e tu *tem* que atingir o sucesso. Tu *tem* que ter *esse* sucesso. Não como se sucesso, que é relativo, fosse uma caminhada tua, uma construção tua. Tu na tua vida *vai* traçando o que é sucesso, o que é pra ti sucesso, e quando, no decorrer da tua vida, tu vai atingir isso.

Essa fala foi recortada da transcrição do segundo encontro. Neste, assim que acabamos de assistir aos trechos selecionados do filme, pedi à futura professora que tentasse me contar o que havia sentido, lembrado ou pensado durante a exibição. Quando a aluna conta o que pensou - sobre a relação que estabeleceu entre o livro que estava lendo e o filme ó, dizendo que existe õuma única oportunidade de chegar a um ponto da tua vida; se tu não atingir, não é uma coisa assim “vai lá, tenta de novo” é uma coisa assim “não, se tu não *atingiu* o sucesso nesse ponto, tu *perdeu*, tu não teve êxito e acabou”, entendo que ela esteja se referindo a um discurso acerca da ideia de *sucesso*, que se construiu dentro de *relações de poder* bem próprias do nosso tempo. Seriam *jogos de poder* que envolvem uma definição padrão, como um modelo comum a todos sobre o que seria o *sucesso*. Neste contexto, também se faria presente a denominação de grupos de pessoas de acordo com um modelo ideal do sucesso, assim nos explica a aluna: õComo se o sucesso fosse uma coisa que está *lá* e que é atingível em um determinado ponto, se tu não chegar *lá*, nesse exato ponto, tu parece que *integra* um outro grupo, de perdedores, que não acessaram o sucesso”. E, ao localizar estes *jogos de verdade* em sua vida, em suas vivências, a aluna enuncia de que maneira essa *verdade* acaba

¹ Refere-se a obra *Vida para consumo*, da autoria de Zygmunt Bauman

² Bauman, o sociólogo, explica que Stephen Bertman cunhou os termos õcultura agorista” e õcultura apressada” para denotar a maneira como vivemos em nosso tipo de sociedade.

participando de seu modo de existir: ãA leitura que eu fiz me fez pensar muito na minha vida e quando eu assisti ao filme também pensei na minha vida. Porque quando a gente está prestes a se formar fica aquela coisa *sangria desatada*, tudo tem que dar certo agora, nesse ponto, nesse momento, eu tenho que ter sucesso, eu tenho que conseguir um emprego, eu tenho que ter um salário bom...ö.

Não cheguei a mencionar a possibilidade de relação do filme com a área de estudos da educação formal, porém, mesmo assim, a aluna o fez de forma espontânea, localizando de que maneira essas relações de poder estão presentes também na instituição escola: ãEu fiquei pensando na escola e parece que a coisa é muito assim; é agora, esse ponto, nesse momento, e tu tem que atingir o sucesso. Tu tem que ter *esse* sucessoö. No entanto, podemos observar que a futura professora vai além do reconhecimento da presença de certas *verdades* em sua vida e na instituição escola; ela ó em um movimento de resistência ó define para si mesma que esta não é uma das verdades que pretende escolher para compor a sua *maleta*. Ela determina o que seria a *verdade* escolhida por ela para somar à sua *maleta*, dizendo que o sucesso é relativo, que é uma caminhada própria, uma construção que cada um faz para si mesmo: ãTu na tua vida vai traçando o que é sucesso, o que é *pra ti* sucesso, e quando, no decorrer da tua vida, tu vai atingir issoö.

Os enunciados que versam sobre as diferentes verdades, em relação ao que envolve a questão do sucesso no tempo presente, tiveram maior presença do que quaisquer outros quando as docentes em formação dialogaram sobre as relações que estabeleciam entre o filme *Pequena Miss Sunshine* e o campo da educação. Nos seis encontros, com as 11 futuras professoras, a mesma questão esteve presente, mesmo apresentando-se com nomenclaturas diferentes. Observemos então outras falas das futuras docentes:

P4_ Eu acho que essas cenas, pelo menos, tem a ver com o que as pessoas esperam. O pai dela dá palestras pras pessoas serem vencedoras. Esses concursos também; é o máximo que uma mulher poderia ser de beleza, “a mulher mais bonita”. Então são várias visões do máximo onde tu pode chegar, mas de acordo com um padrão que é estabelecido totalmente assim... – sei lá – desvirtuado. (...) na educação, às vezes, na escola, a gente também tá dando aula pra tornar pessoas vencedoras, então a gente tem que tomar cuidado com isso. Ou é pra passar no vestibular, ou é pra ... então na escola agente tem que refletir sobre essas coisas.

P6_ Na verdade, na educação, tu sempre *tem* metas a atingir, né? Por exemplo, na Educação Infantil..., é, na Educação Infantil não tem metas tão definidas...

P5_ É por isso que a Educação Infantil me irrita...

P6_ Eu não, é por isso que eu gosto da Educação Infantil, porque tu não tem tanto as metas pra atingir...

P5_ Ahh, mas aquelas coisas de horário que é super...

P6_ Mas não são metas tão formais... Depende de cada professor. Ou dos pais. Depende muito dos pais sem dúvida! Nas Séries Iniciais tu *tem* a meta de “tu tem que passar de ano...”

P4_ E é bom que tu seja o melhor. Tem a ver com concurso. Porque alguém sempre é o melhor nos concursos. E acho que na escola também, às vezes tem essa correria pra ser sempre o melhor. As pessoas sempre elogiando,

aquele lance que agente recebia estrelinha quando tu te *destacava*. Ainda se busca isso, Mas cada um, por exemplo, o meu melhor pode ser bem diferente do de vocês. Então não tem como medir, o que é o melhor...

P6_ Eu acho que sempre fica assim; o professor compara um aluno com o outro. Tu é melhor, se tu é melhor que outro. Nunca é simplesmente melhor. Na nossa sociedade toda é assim, tu nunca é simplesmente melhor. Tu só é melhor se for em comparação com outra pessoa.

P5_ por isso que eu acho a EJA bem mais tranquila e gratificante pro professor. Na EJA tu vai avaliar o aluno pelo que ele é, pelo parâmetro dele mesmo. É diferente das Séries Iniciais, onde rola mesmo essa comparação.

P6_ Mas aí é que tá, o pessoal das Séries Iniciais que foi excluído disso,

P5_ Acaba indo pra EJA. E é por isso que a EJA tem essa importância de ser diferenciada. Tem gente que vê como um ensino continuado, mas não, é uma Modalidade de Ensino diferente.

Neste diálogo estão em jogo várias das *verdades* em disputa no campo da educação formal. Primeiramente podemos observar, o paralelo nítido de proximidade entre as relações de competição e de formação. Quando a P4 diz que õtem a ver com o que as pessoas esperamõ ou quando elas conversam sobre a presença das õmetasõ, trazem a tona as *regras ou estratégias* que dirigem um certo *modo de educar* que, de alguma forma, está dado, está definido anteriormente e exteriormente em relação ao envolvidos com a ação educativa. Quando a P6 diz que tem preferência pela atuação como docente na Educação Infantil e justifica tal preferência, por vislumbrar nessa área de atuação a presença de õmetas não tão formaisõ, de alguma forma diz que nesse campo de atuação sente-se mais livre para colocar em prática as suas *verdades* sobre educação. Talvez, nesse nicho de atuação docente, P6 possa valer-se de maneira mais efetiva de seus processos de *subjetivação*. Porém, a mesma estudante aponta, dentro das *relações de poder* que reconhece na área, onde estariam alguns pontos que mais participariam de um cerceamento de sua subjetividade como sujeito docente: a existência de responsáveis sobre os alunos (õDepende muito dos pais sem dúvida!õ) e os padrões avaliativos específicos da progressão dentro do planejamento institucional da educação (õNas Séries Iniciais tu tem a meta de ãtu tem que passar de anoõ).

P8_ Acho que tem tudo a ver por causa dessa questão da competição. Os alunos são sempre estimulados a não ver a educação como..., a educação tem um sentido utilitarista. Tu sempre *tem* que aprender porque tu precisa ser aprovado, tu precisa passar de ano, tu precisa passar no vestibular, tu precisa passar na UFRGS; é sempre por causa de uma outra coisa. Talvez, nesse sentido, fique um pouco vazio... As pessoas não compreendem direito, os alunos, eu lembro quando eu tava no colégio "mas porque eu tenho que aprender isso?"... E é sempre por alguma coisa. Parece que tu ta sempre buscando alguma coisa e chegar em um lugar. (...).

Ao traçar relações entre o filme e a educação formal, a colega traz novamente a questão dos padrões avaliativos da progressão dentro do planejamento institucional. Ao colocar, lado a lado, o concurso de beleza do filme e a lógica utilitarista dos projetos em que o conhecimento por si só nunca é a finalidade maior da educação, a futura pedagoga põe em dúvida a validade de tais projetos. Ao dizer que õtalvez fique um pouco vazio...õ a estudante sugere um repensar sobre a validade dessas práticas pedagógicas utilitaristas.

5.1.2. Manifestações da Resistência

P6_ Acho que mais por uma construção de valores. No meu estágio, eu mostrei a ilustração de um livro e uma criança, me disse “o dragão é feio” e eu respondi “não, é bem bonito esse dragão” e a professora que tava observando me chamou atenção falando que eu não podia corrigir a criança dizendo que tal coisa é feia ou bonita.

P5_ Deixar a criança formar a sua opinião, né?

Nessa conversa, me parece existir uma atenção especial ao que, reconhecidamente, é fundamental ao exercício da docência, além de tratar das questões da *ética como prática de liberdade*, questões das *relações de poder* que se estabelecem entre educador e educando e, por fim, questões específicas sobre o que seria uma *formação ético-estética*. Ao ser questionada sobre as relações que estabelecia entre o filme e o campo da educação, P6 aponta para uma construção de valores. No relato que nos é contado por P6, a atenção necessária à prática docente, em não cingir a subjetividade do educando, é alertada pela professora que chama a atenção de P6. Foucault, ao falar que o poder não é o mal, ao falar que o poder são jogos estratégicos, recorre às práticas pedagógicas para elucidar tal questão.

Tomemos também alguma coisa que foi objeto de críticas frequentemente justificadas: a instituição pedagógica. Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas; o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas o nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário; um estudante, à tutela de um professor autoritário, etc. Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regras de direito, de técnicas racionais de governo e de *êthos*, de prática de si e de liberdade (FOUCAULT, 2004a, p. 284-285).

A existência de uma autoridade do docente em relação aos conhecimentos específicos da área de estudos na qual professor e aluno estão conjuntamente implicados, no caso do relato da colega P6, se faz presente porque a professora, ao dizer-lhe que não podia corrigir a criança dizendo que tal coisa é feia ou bonita, o faz porque dominava saberes pedagógicos que a estudante em formação ainda estava buscando. Por isso, ela *lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas*. Ao mesmo tempo, a distinção entre essa autoridade docente e o autoritarismo arbitrário estaria presente na ação de impor ao educando um juízo de valor, no caso do relato da colega P6 acerca da beleza o

prática que se aproxima muito mais de um cerceamento da liberdade de autoformação e, portanto, afasta-se da formação de um *sujeito ético*.

Assim, nesse pequeno relato de P6, podemos pensar a preparação para o exercício do magistério sob dois aspectos. Um é o aspecto do *jogo de verdade*, presente na relação de poder entre educador e educando, quando o primeiro, *sabendo mais* do que o segundo, *lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas*. O outro aspecto é a necessidade de atenção, por parte do educador, para que nas suas práticas dentro das relações de poder que estabelece com o educando não deixem de ser fundamentadas em propiciar processos de subjetivação ao mesmo.

Por fim, quando P5 complementa a ideia da colega, sintetizando o saber pedagógico que estaria envolvido neste relato (õDeixar a criança formar a sua opiniãoõ), as duas estudantes acabam referendando a ação da professora que, ao atentar para as práticas autoritárias dentro de uma formação estética, suscita questionamentos éticos, trazidos pelas colegas, justamente quando são convocadas a pensar as relações do filme com a área da educação. Isso vai ao encontro de uma formação com e para as imagens, que demanda um posicionamento ativo, não só por parte do formador, como também do aluno.

Essa *formação estética* é continuamente pensada e conduzida de acordo com as relações que o *sujeito* estabelece com os outros e com o mundo. Quando relações entre o filme *Pequena Miss Sunshine* e o campo da educação trazem ao diálogo ó justamente nesse momento ó, *a forma, a estética*, com que podemos materializar os nossos pensamentos sobre as distintas *relações de poder* da *autoridade do saber* e do *autoritarismo* arbitrário, o conteúdo do diálogo não é trazido por acaso, mas exatamente pelos efeitos que a *estética* do filme produziu em nós. Foi *esse filme*, com toda sua complexidade *estética* ó sobre a qual escrevo na seção 3 deste trabalho ó que suscitou o questionamento *ético* acerca das distintas *relações de poder* da *autoridade do saber* e do *autoritarismo* arbitrário na profissão docente; e, ao suscitar esse questionamento, convocou a nos posicionarmos, elegendo quais destas práticas escolhemos para nos constituir como *sujeitos docentes*.

5.1.3. Pequena Miss Sunshine e educação formal: uma escolha que exige posicionamento

Um dos tópicos que escolhi como questionamento comum a todas as conversas foi a proposta de pensar sobre a possível apreciação deste filme no interior de instituições de educação formal. Considerando a hipótese de exibição do filme *Pequena Miss Sunshine* nas

escolas ó com alunos de Educação Infantil, de Ensino Fundamental regular ou ainda alunos da modalidade de EJA ó e nas instituições de Ensino Superior, perguntei às colegas em formação como se posicionavam em relação a essa possibilidade. Nas respostas, há enunciados recorrentes que sugerem um paradoxal posicionamento, e que acaba por compor um possível discurso pedagógico próprio das estudantes de cursos de Licenciatura da UFRGS, neste começo de século XXI, envolvendo questões sobre o *sujeito* criança, o *sujeito* adulto, o *sujeito* adolescente e o *sujeito* docente, bem como sobre as *relações de poder* que se estabelecem acerca dos deveres, das finalidades e das possibilidades das instituições de educação formal.

Podemos localizar nas falas das futuras professoras um movimento de alteridade de seus próprios pensamentos. Quando afirmei, na seção 2 deste trabalho, que as *situações cinematográficas filosóficas* (conforme Badiou) podem nos ajudar a exercitar a perspectiva ético-estética de Foucault ó de tentar pensar o outro dentro do próprio pensamento ou estar atento sempre a pensar diferente do que nós mesmos pensamos ó refiro-me, entre outros, a esses casos, nos quais as educadoras em formação ó ao se questionarem sobre seus posicionamentos ó elege, escolhem com qual das *pontas* ou dos *extremos opostos* pensam ser legítimo fundamentarem suas práticas pedagógicas.

Sujeito criança, sujeito adulto e sujeito adolescente

Todas as futuras docentes posicionaram-se favoráveis à exibição do filme *Pequena Miss Sunshine* para adolescentes ou adultos, seja nas instituições de Ensino Superior, nas turmas da EJA ou nos Anos Finais do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Apenas as estudantes P5 e P3 posicionam-se favoráveis a exibição para crianças, sem apresentarem restrições ou considerações para tal experiência. P5 diz: *“Pra todas as idades eu acho legal ver esse filme.”* A aluna P3 ainda apresenta, como argumento que sustenta a validade de as crianças assistirem ao filme, o fato de que não podemos antever os efeitos do mesmo sobre o público infantil. A colega diz: *“fico até curiosa pensando o que eles fariam. A gente acha que as crianças trazem um discurso mais normativo/apelativo, mas, às vezes, não.”*

Dois são os principais motivos apontados para a não exibição do filme para crianças. Um dos argumentos é a suposição de que as crianças não *entenderiam* emocionalmente ou não teriam um *entendimento* cognitivo preparado em comparação ao adulto ou, ainda, não teriam o *entendimento* pretendido pela narrativa. Esse argumento apresenta o contorno do que seria *uma das verdades do discurso próprio dessas futuras docentes* acerca da significação do termo *entendimento*. Há três tipos de enunciado recorrentes que definem tal significação. O

outro argumento para a não exibição do filme a crianças gira em torno das questões da *sexualidade e da morte*.

Sobre a argumentação acerca do entendimento, as estudantes P4 e P6, por exemplo, concordaram uma com a outra, e afirmam que é um filme que não deve ser trabalhado com crianças antes dos 10 anos e nem assistido por elas; dizem que ão não é um filme pra criança.õ Em determinado momento do diálogo, P6 acrescenta que esse posicionamento ão não é em função do *entendimento* do filme pela criança. Retoma uma de suas vivências de infância, na qual participou de alguns concursos de beleza. O relato da colega sobre sua experiência encontra-se na transcrição, no apêndice C. P6 diz: õ pelas nossas experiências, a minha, por exemplo, de concurso de beleza, depois, quando eu era menos bonitinha, eu não entendia por quê, o que eu era menos... Uma criança até dez anos não consegue entender isso, é muito complicado...õ. Nessa concepção de *entendimento*, em relação ao *sujeito criança*, estão em jogo as *relações de poder* envolvidas no encontro com o *sujeito adulto* e um cuidado, no sentido de proteção a um possível sentimento de sofrimento da criança. Parece existir um tipo de *entendimento* emocional acerca da narrativa. O que corrobora a essa suposição é que, em tais interpretações sobre entendimento, não estariam envolvidos os conteúdos informacionais da narrativa. É o que pode ser observado nesta fala da P4: õ Eu acho que a gente poderia usar esse filme como ferramenta pra trabalhar com certas idades, mas dá pra trabalhar essas mesmas coisas, sem o filme, com os pequenos.õ

Sobre os enunciados que têm como argumento para a não exibição do filme ao público infantil as questões da sexualidade e da morte, trago, inicialmente, as falas da colega P9: õ Eu pensei em criança, daí eu não sei se convém muito. Porque tem a parte mais forte do vô e tem um humor pesado. (...) tu vai abrir na escola, no caso pra crianças, não só o suicídio, mas também sexualidade, coisas que tu tem que...õ. Como complementação da elucidação das diferentes *verdades* que estariam em jogo nessa argumentação para um posicionamento contrário à abordagem de determinados assuntos na escola, trago a fala da colega L1: ão não precisaria entrar em tantos detalhes, (...) suicídio é uma coisa mais delicada. Mas sexualidade é normal pra criança. Ela vai ter um monte de homossexuais perto, ela pode ser também...õ. Os escritos de Foucault (1990) em *A História da Sexualidade*, nos põem a pensar sobre as estratégias de poder que nos conduzem a uma falsa ideia de que somos livres por podermos pensar e ó principalmente ó falar sobre determinada questão, enquanto o que fazemos em relação a mesma é justamente nos afastar dos questionamentos. O filósofo, na obra em questão, denuncia uma centralidade do tema da sexualidade nas mais variadas produções culturais, o que pode ser precipitadamente visto como liberdade. Porém, ao mesmo tempo, a

sexualidade ganha centralidade no debate, e vem acompanhada de regras que definem um padrão aceitável de comportamento sexual e que, por ser fixo, mais nos aprisiona do que liberta. Talvez seja dentro desse esquema de *verdades* que podem ser ditas que o tema da sexualidade deixe de ser um tabu, e o tema da morte permaneça não indicado.

O sujeito docente e as relações de poder que se estabelecem acerca dos deveres, das finalidades e das possibilidades das instituições de educação formal

Como constata Marcos Pereira (2008), as instituições de formação superior vêm desenvolvendo ó ao longo do período compreendido entre a última década do século passado e a primeira década do atual século ó determinadas matrizes paradigmáticas que acabam por estruturar os saberes da ação e do estudo no campo da educação formal. Pereira observa que os autores dos trabalhos analisados em seu artigo³ ãproduzem os seus textos como compostos de dizeres que podem ser associados a certas ideias e verdades já retificadas pelo discurso acadêmico hegemônico. Ele nos diz:

O professor/pesquisador pode (e deve ó isso é esperado dele) dizer o que sabe sobre o que se passa consigo e com seus pares nos percursos de formação de modo a evidenciar não apenas a substância desse percurso mas, também, a sua forma. Entretanto, é esperado que ele se refira à substância e à forma já obviadas pela comunidade científica. É desejável que seus relatos sejam, em certa medida, evidências ou comprovações ou exemplos daquelas verdades já instituídas acerca dos processos de formação (PEREIRA, 2008, p.8).

Poderíamos observar algumas das falas coletadas em relação a esta perspectiva de Pereira (2008), pensando quais matrizes paradigmáticas estariam presentes nos enunciados sobre *como, de que maneira*, estruturar os saberes da ação e do estudo, quando trabalhamos com filmes em espaços de educação formal. Algumas falas:

P5_ Eu acho que não é só olhar. Tem que olhar com alguém ali **mediando**.

P8_ Eu não sei, mas acho que talvez as crianças **não compreendam a mensagem que o filme...**

P4_ Eu acho que agente poderia usar esse filme como **ferramenta pra trabalhar** com certas idades, mas dá pra trabalhar essas mesmas **coisas**, sem o filme, com os pequenos.

L1_ (...), **qualquer filme**, eu acho que **tem que ter uma discussão depois** pra você ver o que cada um pensou, o que surgiu a partir daquilo...

P9_ **Não dá só pra se divertir no final, ficar só dando risadas...** (risos)

P7_ **Depende da intenção**. Se a intenção fosse **discutir** isso...

P7_ O filme é maravilhoso. (...) **Mas daí tinha que fazer um trabalho consciente** em cima disso, tinha que falar sobre a competição e tal... Não é só largar o filme e achar que eles vão ter essa consciência assim. Não sei se sozinhos eles iam chegar a ... Porque são coisas que eles não passaram ainda.

³ Nessa produção textual, o autor analisou os cinco textos com maior número de ocorrências nas referências bibliográficas de trabalhos apresentados entre os anos de 1998 e 2000, nas Reuniões Anuais da ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Educação) e nos Seminários Regionais de Pesquisa em Educação da Região Sul.

Eu_ E em um **curso de Pedagogia?**

P7_ Aí é legal.

Entre o que podemos identificar como matrizes paradigmáticas, presentes nos enunciados das futuras professoras, está a necessidade de uma *mediação* entre filme e educando, que seria feita pelo educador. Essa mediação seria feita por meio de uma *discussão*, na qual o professor já deveria ter elaborado previamente sua *intenção* em relação ao que seria discutido. Essa ação seria necessária para garantir que os alunos *compreendessem* uma *mensagem* que estaria no filme. O professor, de posse dessa *mensagem*, usaria o filme como *ferramenta pra trabalhar coisas*. Essa *verdade* já retificada pelo discurso acadêmico hegemônico é contraditória a concepção de *formação* como o que está além do simples acúmulo informativo de conteúdos e metodologias. A ideia dessa intenção predeterminada pelo professor acerca da compreensão de uma mensagem específica que estaria já pronta antes mesmo da discussão com os alunos, (des)implica um posicionamento ativo por parte do sujeito em formação. Recorro mais uma vez a Pereira:

A formação é um processo tanto pessoal quanto coletivo, impossível de planejar totalmente de antemão e ao qual é necessário oferecer oportunidades favoráveis (como as tomadas de decisão, os exercícios de abrir um rumo) e obstáculos (como admitir as trancadas na escrita, por exemplo) a fim de que nela tenha lugar o movimento entre elementos heterogêneos, singulares, transbordando a causalidade presente em processos de aprendizagem profissional, ultrapassando a noção de aquisição. A formação não se recebe: a formação se faz em um processo ativo que requer a aproximação de, o envolvimento com, a mediação de outros (PEREIRA, 2008, p. 2).

Outra ideia ou matriz paradigmática sobre essa *verdade* já retificada pelo discurso acadêmico hegemônico, que nas falas anteriores está explícita na última fala da colega P7, mas que aparece em outros diversos momentos de conversas durante os encontros, seria a de que essa *mediação* não se faria tão necessária nas instituições de Educação Superior, quanto se faz nas de Educação Básica. Inclusive, encontramos uma fala das alunas que, ao pensar sobre a experiência que teve dentro do seu curso de Licenciatura em Letras, responde afirmativamente sobre a possibilidade de exibição do filme na escola, sem um necessário diálogo posterior. Observemos:

Eu_ Vocês acham que **na escola** não dá pra ter um momento assim, **assistir um filme só pela própria experiência de assistir ao filme?**

L1_ **Eu acho que sim. É que eu não acho que depois do filme, fazer um debate com ele, tenha que tomar um caráter de obrigação e virar uma coisa chata.** Eu acho que falar depois pode ser divertido, fazer a aula comendo pipoca e assistindo filme... Eu já tive uma aula assim, aqui na Faced e foi muito legal e depois agente ficou conversando....

P9_ **E quando agente sai acompanhado do cinema, sempre sai conversando sobre...**

L1_ Então, se tirasse esse peso da coisa de aula, de escola, de academia, e agente fizesse como vendo um filme e comendo pipoca, perfeito! (risos)

P9_ E tem muita gente que prega isso aqui na Faced, assim em teoria, que seria melhor, que os aprendizados são mais... se tiver prazer.

L1_ Mas isso fica só na teoria, é só um papinho que não vai pra prática em nenhum momento.

Nesse diálogo, P9 e L1 também nos põem a pensar sobre a possibilidade de resignificação do caráter de necessidade de uma *discussão* ao trabalharmos com filmes em espaços de educação formal. Para Gabriel Perissè, ãafastar-se da dissecação científica das obras de arte não significa entregar-se ao puro prazer estético sem critérios nem objetivos. Esse autor acredita que a ãaproximação da arte com intenção pedagógica é a preocupação explícita de nos formar humana e eticamente (PERISSÈ, 2009, p. 36). Nesse diálogo as alunas deslocam a *verdade*, já retificada pelo discurso acadêmico hegemônico sobre a necessidade de uma *discussão* ao trabalharmos com filmes na escola ó antes apontada pelas mesmas ó, para um posicionamento escolhido pelas mesmas em relação ao trabalho com filmes. Nessa perspectiva, a fala de P9, *Não dá só pra se divertir no final, ficar só dando risadas*, aproxima-se da ideia de não entregar-se ao puro prazer estético sem critérios nem objetivos.

Da mesma forma, poderíamos deslocar parte das falas anteriores das alunas da condição de matrizes paradigmáticas, ao que toca o papel de *mediação* do professor. ãO professor é mediador do encontro entre alunos e arte, mas obviamente precisa ter a intimidade necessária (ou seja, bastante intimidade!) com a arte que pretende apresentar, quase corrigia o verbo ó com que pretende *presentear* seus alunos (PERISSÈ, 2009, p. 48). Porém, essa ressignificação não se estende à ideia de uma *intenção* previamente elaborada em relação ao que seria discutido com a finalidade de garantir que os alunos *compreendessem* uma *mensagem* que estaria no filme. Isso supõe que o encontro entre o filme e seu espectador é sempre uma experiência única e intransferível; nesse caso, a ãmediação do professor jamais substituirá o diálogo, fácil ou problemático, entre um indivíduo e a obra de arte (PERISSÈ, 2009, p.48). Se assim pensarmos o trabalho com filmes nas instituições de educação formal, seria uma retórica incompatível com a prática, afirmar que o professor, de posse de uma *mensagem*, usaria o filme como *ferramenta pra trabalhar coisas*.

Contrariando quantitativamente a diversidade de posicionamentos acerca dos motivos pelos quais as estudantes são favoráveis ou não a exibição do filme em espaços de educação formal, há uma característica que quase homogeneiza grande parte das falas das professoras em formação: poucas vezes as futuras docentes emitiram respostas que apresentavam uma

elaboração prévia de pensamento sobre o assunto em questão. A repetida ocorrência da expressão *acho*, com frequência muito maior do que nos outros momentos de diálogo, é um indicativo de linguagem que aponta para essa escassez de reflexões anteriores em relação à presença do cinema nas instituições de educação. Observemos então algumas falas das futuras professoras no que toca à questão da presença ou ausência, em seus cursos de formação, de momentos para pensar o cinema nas instituições de educação:

P8_ Eu acho que teve um pouco. Mas eu gostaria de ter estudado mais sobre isso. Eu lembro que eu comprei um livro e tinha um artigo sobre cinema e me interessou muito porque eu gosto de assistir e gostaria de ter mais leituras e subsídios pra compreensão de “porque esse filme é interessante de passar, porque não”, isso eu não tive muito. Queria ter mais elementos pra poder pensar isso assim.

P7_ Eu não sei te dizer o que é do curso. Porque não são discutidas essas coisas aqui. É discutido muito assim por cima... Isso é uma discussão que meio que fica pra família, porque a escola não quer se envolver com esse tipo de coisa, eles querem só manter o controle e, até porque as cobranças sociais são outras. Os pais não querem que os professores se metam nesses assuntos, querem que eles ensinem matemática, português pra passarem no vestibular daqui a dez anos. Os pais até se revoltam, “o que tu quer aí, mexendo na formação do meu filho?”!

Eu_ Seria uma formação o que essa? Que tipo de formação será que é essa?

P7_ Ética? Não sei, uma formação de pensamento, porque é uma lógica diferente da que já tá pronta, tipo a lógica de mercado... Tem pais que acham que se o filho não aprender a pensar pela lógica de mercado ele vai sofrer, não vão conseguir..., então é por isso que não querem, é melhor que ele esteja preparado e não é um mundo pra pensar, é um mundo pra fazer... E não é pra qualquer um esse filme!

Pensando nessa constatação sobre a escassez de reflexões anteriores em relação à presença do cinema nas instituições de educação, entendo que a ausência de experiências diversificadas com filmes, nos espaços de formação docente, contribui significativamente para a insegurança do estudante, no momento de, futuramente, propor aos alunos experiências que se configuram como fora do padrão das instituições escolares. O medo de entrar em contato com o que desestabiliza o que provoca de forma mais direta transformações que não podem ser previstas pelos sujeitos envolvidos o parece nos paralisar, no sentido de um movimento, que sirva para ousar, mudar, errar e acertar. Portanto, me questiono sobre a necessidade de repensar o posicionamento dos cursos de Licenciatura, no que toca à restrita relação das futuras docentes com o cinema. O fato é que os espaços acadêmicos, muitas vezes, acabam por legitimar certos saberes que, se levados aos espaços escolares sem esse respaldo, podem ser facilmente desautorizados nas escolas, por não pertencerem às atribuições profissionais designadas pela instituição formadora. O reconhecimento, por parte das próprias estudantes, dessa falta de respaldo, aparece na fala a seguir:

P5_ Eu acho que dá pra trabalhar com criança. Talvez por isso eu esteja na área da EJA, né? (sorriso) Eu acho que daria pra trabalhar, eu trabalharia. Sei lá se ia ser demitida... eu trabalharia.

P5 supõe que, como se posiciona diferentemente de suas colegas no debate ó acerca do trabalho do filme *Pequena Miss Sunshine* com crianças na escola ó, talvez não esteja capacitada para atuar como docente na Educação Infantil, mas sim na EJA. Postura que denota a ausência de argumentos legitimados pela academia, em sua fala afirmativa em relação ao trabalho com crianças. P5 afirma que não deixaria de direcionar sua postura docente de acordo com suas próprias ideias, mesmo sem o respaldo acadêmico para as mesmas. Porém, em seguida, indica qual seria um possível instrumento de coerção de sua prática: a exclusão dela por parte da instituição escolar.

As colegas, ao longo dos encontros, indicam três principais mecanismos ou estratégias envolvidos nos jogos de poder da escola, que funcionariam como diretrizes de seus posicionamentos como professoras, ou da própria constituição como *sujeito docente*. Apontam, não apenas em enunciados localizados, mas na estruturação de nossas conversas como um todo, pelo menos três questões institucionais que precisam ser ponderadas em relação às escolhas profissionais que farão. Uma diz respeito às matrizes paradigmáticas do discurso acadêmico, já mencionadas e estudadas por Pereira (2008). Outra seriam as normativas legais, a legislação própria da área em que atuam, ou as regras implícitas no funcionamento da escola como instituição. A terceira, já mencionada nos enunciados trazidos anteriormente, seria a questão da tutela dos alunos, que aparece de maneira explícita no seguinte diálogo:

Eu_ E pra criança ver esse filme? Porque, daí, ela não vai estar conversando com alguém sobre sexo e morte, mas ela vai assistir a essa conversa entre personagens. O que ela vai ver e ouvir é uma construção ficcional, essa cena.

P9_ Aí que eu me refiro que eu acho que não é conveniente pra criança. Tipo da idade da Olive, eu acho que não. Não tanto pela capacidade de entendimento das crianças, mas **por gerar a discussão em casa e os pais serem contra**, eu acho que é meio delicado...

P9_ A escolha dos pais pode ser a mesma escolha daquele pai do filme, “não, eu não quero que ela ouça”...

Eu_ E, na opinião de vocês, o professor tem que levar em consideração os posicionamentos dos pais na hora de trabalhar em sala de aula?

L1_ Eu acho que não dá pra ficar completamente alheio. Mas, não sei também se dá pra levar muito em conta porque sempre vai ter algum pai que não vai gostar disso ou daquilo, então...

P9_ Eu acho que eu já levaria mais em conta...

Esses tantos enunciados que selecionei dentro de vários outros que poderiam reforçá-los, expõe a dificuldade, impotência ou insegurança, presentes quando se trata de propiciar momentos de fruição e contato artístico que se contraponham ao mero utilitarismo na inserção da produção cinematográfica dentro das instituições de educação formal. Nas falas dessas

futuras docentes, entendemos o quanto as estudantes pensam suas práticas escolares, condicionadas às *verdades* já instituídas acerca dos processos de formação, estabelecidas de forma externa ó seja por uma normativa legal, pelo discurso acadêmico hegemônico ou pelas relações de poder que envolvem a tutela dos alunos. Além disso, percebemos que, quando é despertada a vontade de *desamarrar-se* do já instituído, a formação acadêmica na qual se inserem as estudantes não supre ou simplesmente não respalda suas ações e intenções. Diante dessa paradoxal situação, talvez possamos recorrer ao que Badiou propõe como as tarefas da filosofia para pensá-la.

Primeiramente, esclarecer as eleições fundamentais do pensamento, e essa eleição recai sempre entre o interessado/interesseiro e o desinteressado. Em segundo lugar, esclarecer a distância entre o pensamento e o poder, a distância entre o Estado e as verdades: medir essa distância, saber se a pode franquear, libertar, livrar, desimpedir /abrir-se, pôr-se à disposição, disponibilizar-se ou não. E em terceiro lugar, esclarecer o valor da exceção, o valor do acontecimento, o valor da ruptura. E isso, contra a continuidade da vida, contra o conservadorismo social. Estas são as três grandes tarefas da filosofia a partir do momento em que ela conta na vida, em que é algo que se diferencia de uma disciplina acadêmica (BADIOU, 2004, p. 26-27, tradução minha).

É nesse sentido que, por meio deste TCC, expressei meu posicionamento acerca da necessidade de uma formação ético-estética. Dentro das relações de poder que se estabelecem acerca da formação docente, faço meu exercício de posicionamento em relação a essas verdades, apostando no cinema ó entre outras produções culturais e artísticas ó, dentro das instituições de ensino formal, como contraponto ao conservadorismo social, como eleição pela exceção, pela busca da ruptura. Para essa formação docente que desejo e da qual participo, não acredito na necessidade de um caminho diretivo, com metas bem definidas e seguramente atingidas nessa possibilidade de formação ética e estética. Cabe aos cursos de formação de professores, à escola, a nós, sujeitos docentes, a criação de condições favoráveis para que esse desenvolvimento se faça, por meio de um posicionamento não restritivo em relação aos artefatos culturais com os quais trabalhar. É um tipo de proposição para os espaços de educação formal, que foge da estagnação de formatações rígidas e verdades instituídas. É uma proposição metodológica, sim, mas que enfatiza o processo criativo por parte dos sujeitos envolvidos e não o recebimento passivo de uma técnica. Por isso, quanto mais nós ó professores em formação ó pudermos interagir com novas propostas de narrativas audiovisuais, mais teremos condições de nos tornarmos criteriosos em nossas escolhas, no sentido da ampliação de repertório com criações culturais.

5.2. CLICHÊ E O INESPERADO: risadas e pensamentos

Na seção 3 da presente monografia, fundamentada por Xavier (2008), abordo a questão do *clichê* na imagem cinematográfica e a relação ao que Badiou (2004) denomina *experimentação filosófica*. Nas falas das colegas estudantes de Licenciaturas, encontro de que maneira as mesmas explicam a ideia de o que é clichê; também como elas localizam a ausência do clichê e, ainda, como o filme *Pequena Miss Sunshine* opera justamente com o inesperado em oposição ao clichê. Observemos algumas falas:

P7_ Na história da guriuzinha, talvez alguns até se frustram porque ela não ganhe o concurso... eles tão acostumados com filmes que a mocinha vai, vai, vai e no final ela consegue

P4_ Tem muitas vezes que a gente olha os filmes, a pessoa começa daquele jeito mais desarrumado e quer ser a popular e depois ela vira a mais linda da escola e consegue o cara mais legal da escola também.

P8_ Eu achei interessante porque, pelo que dava a entender, ela ia chegar ali e ser como as outras (...)

L1_ Daí, como é um filme americano, no final eles ficam juntos. (risos)

No enredo do filme *Pequena Miss Sunshine*, a grande motivação que desencadeia todo o restante da narrativa é o concurso de beleza no qual concorrerá a menina Olive. As falas das futuras professoras P7, P4 e P5 versam sobre a relação de expectativa por um desfecho narrativo, segundo o qual a menina ganhasse o concurso de beleza. Elas reconhecem e localizam o *clichê* justamente nesse desfecho, já antevisto no início da trama. A docente em formação P8 estabelece uma relação diferente, já que espera, ela mesma, pelo *clichê*, sem o reconhecer, mas surpreendendo-se pela sua ausência. Já a fala da estudante L1 relaciona o aparecimento do *clichê* do final de um filme com a origem daquele produto cultural (o fato de ser norte-americano). Também podemos encontrar outras abordagens que, de alguma forma, se relacionam com a *ausência do clichê*:

P3_ (...) parece que aponta assim como, não é bem isso, mas eu acho que só consigo formular assim, que as coisas vão assim numa perspectiva de um possível êxito e não dão certo. Ela se quebra. Essa é impressão que eu tenho; tem uma ruptura. A guria tá lá no concurso e tal, tem uma expectativa de qual é a música, daqui a pouco, e aquilo parece que quebra com aquele ambiente ou sei lá...

P4_ (...) na primeira parte do filme o pai aparece tentando representar a família perfeita. Só pra ele (pai), parece que é perfeita; até naquela cena do menino - que é super estranho o cara parar de falar, né? - ele vê um lado positivo. (...) Já, na segunda cena, ele aparece estranhando aquelas meninas maquiadas que parecem mulheres adultas, parece que é outro personagem. Ele vê com estranhamento aquela cena que é estranha. E já na primeira cena, ele é que parece estranho porque tá acontecendo várias coisas ao redor dele e ele tá falando dos pontos dele... (risos), achei engraçado, parece que nem é o mesmo personagem, na primeira e na segunda.

P3 parece descrever exatamente a ausência de clichê no filme *Pequena Miss Sunshine*. Ela fala sobre as rupturas que identifica no filme. P4 observa esse trabalho com o inusitado em contraposição ao clichê, na trajetória do personagem pai de Olive.

P4_ A gente olhou um filme, eu e a P5, que era...

Eu_ Lembra o nome?

P4_ Bem Vindo a Casa de Bonecas. Que a menina é tipo ela assim, usava cabelo preso, usava óculos,...

P5_ Não era essas que chamam de popular da escola.

P4_ Ela era bem “ela” assim. Tava passando naquele negócio da Sala Redenção, Na contra Mão de Hollywood , foi assim, do início ao fim ela vai ser ela mesma, com a personalidade dela e as roupas dela. (...) Ela ficava com o cara mais louco, e ele se apaixonava por ela, mas ela continuava sendo ela mesma e isso foi muito legal.

P7_ Nesse filme vários personagens vão desconstruindo esse drama: o guri, por mais que ele tome aquela frustração final ali quando ele não pode pilotar, é que ele precisava se frustrar porque até então ele tava...; todos eles se frustraram, mas foi uma frustração libertadora, uma coisa de rir, de se soltar dessa rigidez... A cena do final, quando eles invadem o palco (risos), é a catarse final, até dele, que é o momento que ele tá rindo que ele tá falando... No fim, está todo mundo envolvido, todo mundo fazendo o possível, todo mundo se esqueceu de si, esqueceu até da questão dela, se ela ia ganhar ou não, o fazer ali a coisa, “o que agente pode fazer?” tava todo mundo fazendo. Como uma aventura mesmo e, eles estavam nessa aventura desde o começo, mas era aquela coisa pesada, daí eles foram largando desses pesos,... e viveram aquela aventura.

Eu_ E no filme vocês acham que eles conseguem dar uma volta nisso ou que eles acabam se adequando?

L1_ Eles conseguem. Isso que é diferente dos outros filmes. Até porque eles são vários, acho que isso faz diferença também, é muito legal porque eles são um diferente bom, não ficam só a margem.

P9_ Essa volta que tu diz, eu acho que eles *tiram onda*. Destroem com o concurso de beleza. (risos) Eles eram os excluídos ali e quem estava mais deslocado e no fim acabam mostrando toda a hipocrisia que é aquilo.

P4, ao contar o que havia em comum entre o filme ao qual relata ter assistido com P5 e o filme *Pequena Miss Sunshine*, descreve elementos antagônicos à ideia de clichê e expõe sua preferência por esse tipo de filme que não nos acomoda, ao não causar em nós o que já esperávamos. P7, L1 e P9 abordam o desfecho do filme *Pequena Miss Sunshine* e apontam os elementos que, ao fugirem do já anunciado, conferem a surpresa da trama.

P9_ (...) um humor pesado.

P3_ Aquela parte que ele entra no... que o vô pede umas revistas pornográficas pra ele e ele, gay né?, entra lá pra comprar e encontra o ex parceiro dele; é muito engraçado.. e o cara fica olhando assim as revistas dele...

P7_ (...) muito das piadas, muito da graça, aquela graça de rir de si mesmo.

L1_ (...) o pai com aqueles papos de auto-ajuda, daí o filho que fez voto de silêncio, daí o avô que foi expulso do asilo; é muito exagerado, mas ao mesmo tempo eu acho que é uma família muito legal, muito divertida. Acho que tem um pouco disso mesmo; cada um tem suas loucuras e eles estão ali juntos.

P7_ E é um tipo de graça que eu busco na vida; desconstruir esse drama que agente faz... Agente faz um drama pra tudo e no fundo é tão engraçado, é tão mais leve do que agente imagina.

P8_ Agora, assistindo, eu pensei um pouco ali naquela parte do tio da gurizinha. O negócio que ele era estudioso e tal. E daí eu fiquei pensando que hoje em dia as pessoas não conseguem mais sofrer, eu tenho pensado muito nisso ultimamente. E aí, assim, tipo, qualquer motivo é motivo pra pessoa achar que acabou a vida e eu fiquei pensando nisso; todo mundo acha que seus problemas são tão grandes e às vezes nem é assim.

Conforme escrevi na seção 3 deste trabalho, o filme *Pequena Miss Sunshine* configura-se como *experimentação filosófica* na medida em que trabalha, em vários aspectos, com antíteses, paradoxos, oposições; enfim, com a alternância de pontas extremas. As colegas estudantes de Licenciaturas identificam esses elementos que se contradizem no filme. As

futuras professoras apontam o tom tragicômico que estaria na composição filme. P9 emprega as palavras *humor e pesado*, que normalmente são usadas para ideias opostas, para designar uma única característica do filme. Isso pode ser reconhecido de maneira específica na cena lembrada por P3, na qual a situação de constrangimento de um dos personagens é ligada com os motivos da tentativa de suicídio por parte dele e nos provoca risos. P7 indica o que pode ser a motivação do riso, o nos colocar no lugar do personagem e rir de si mesmo. Além destas três falas, foram muitas outras as enunciadas pelas futuras docentes, nas quais as ideias de *peso e tristeza* são postas ao lado das de *alegria e leveza*, entre outras antíteses. Todas expressam pensamentos construídos a partir das relações entre o filme e de suas vidas. Na subseção 2.3, escrevo sobre a dimensão educativa do cinema que *faz pensar*, fundamentada em Xavier (2008). Os pensamentos comunicados nos ditos das colegas parecem ser diretamente impulsionados pelos efeitos do filme nas mesmas. Observemos algumas falas em que as alunas se referem a uma *força impulsionadora de pensamentos*, que estaria no filme:

P8_ (...) é um filme interessante pra pensar diversas coisas.

P3_ (...) a Olive produziria muitos insights.

P3_ (...) tem outra cena que eu achei bem legal que é quando o tio tá conversando com o sobrinho e eles tão..., a Olive está no concurso e eles começam a falar da escola tipo "escola é uma droga, tudo mundo rindo da tua cara..." Aquele é um momento do filme que me marcou, que eu pensei bastante sobre isso depois.

Eu_ Tanto é, que tu te lembra da cena agora, sem ter visto ela e já faz tempo que tu viu o filme a última vez...

P3_ Pra mim, a escola acho que não teve tanto esse viés, mas eu fiquei pensando sobre a escola, o que significa a escola pra todo mundo...

P7_ (...) E não é pra qualquer um esse filme!

Eu_ Tem mais alguma coisa que tu queria me contar do filme, que tu lembre ?

P7_ Tem muita coisa... Eu não lembro, mas eu sei que sempre que eu vejo esse filme eu penso várias coisas... (risos) Todas as vezes que eu vi me fez pensar alguma coisa diferente.

P9_ E te faz pensar.

L1_ É, faz pensar.

Eu_ Então vocês pensam muita coisa vendo esse filme, é?

P9_ Acho que o que mais me vem na cabeça é essa questão das diferenças. Uma família completamente diferente. Eu acho que em algum momento, cada um deles vai se sentir excluído...

Outra maneira de expressão significativa das estudantes sobre suas percepções e os efeitos do filme sobre elas, além das falas, são as risadas e gargalhadas diante de determinados acontecimentos do filme. Alguns exemplos (que podem ser vistos em detalhes no trecho 2 do apêndice B deste trabalho) das cenas provocadoras do riso são estes: quando a mãe coloca o copo com o desenho de um mascote infantil de uma rede de *fast food* norte-americano para o tio; quando o avô chega à sala e diz "O que é isso, frango?"; quando a mãe diz a Olive que o tio não teve um acidente e que ele tentou se matar (as estudantes dão risadas ao ver o rosto do pai, que fica em foco nesse momento). Parece existir no filme, também, uma *força impulsionadora de risadas*:

P3_ Tem uma parte que eu acho muito engraçada que é essa parte da Kombi (mostra a imagem da capa do DVD). É muito engraçado. E tem outras partes do filme que são assim hilárias,...

P3_ Eu ri muito... ri muito...

P5_ É muito engraçado as partes do carro...

P7_ Ele é engraçado.

P3_ E isso é uma coisa interessante assim porque, agora eu fiquei pensando no trabalho que eu fiz com crianças de pensar "o que tu acha engraçado nesse filme?" E é uma coisa meio... eu não sei por que eu acho engraçada essa parte.

P5_ Essa parte dá vontade de assistir ao filme inteiro.

P7_ O filme é maravilhoso. Eu vi quatro vezes. E vejo quantas vezes for pra ver.

P5_ A gente pegou na locadora, e antes de entregar eu quis ver de novo! É muito bom, adorei.

Conforme explicito na seção 3, é em torno dos paradoxos, das antíteses, que a narrativa se constrói e é nos apresentando o inesperado que o filme nos surpreende. Também já explicito anteriormente de que forma as futuras professoras identificam esses elementos antagônicos à ideia de clichê e expõem sua preferência pelo tipo de filme que não nos acomoda, ao não causar em nós o que já esperávamos. Considerando que eram justamente nos momentos em que as colegas falavam desses enunciados sobre as contradições apresentadas pelo filme que surgiam também as falas sobre uma *força impulsionadora de pensamentos e de risadas*, que trago a seguinte hipótese: O que nos faz pensar e o que nos faz rir nesse filme reside no fato de o mesmo não ser clichê. Penso que, por operar com o inusitado, o filme *Pequena Miss Sunshine* acaba por produzir um efeito que lhe faz desejado.

6. EFETIVIDADES DO CINEMA NA EDUCAÇÃO

A metodologia deste TCC (re)construiu-se ao longo de todo o trabalho. Os cruzamentos entre o empírico e o teórico modificaram-se mutuamente durante todo o processo. Isso porque, ao selecionar o referencial teórico, já o fiz pensando nas experiências empíricas com as quais me deparei ao longo do curso de Licenciatura em Pedagogia. Porém, a teoria selecionada inicialmente precisou ser revista ó no sentido de novas leituras sobre concepções já conhecidas e de leituras novas que ainda não compunham o referencial ó, a cada novo questionamento que surgia das práticas empíricas.

É principalmente nesse sentido que Foucault aparece como uma das referências centrais deste trabalho. A perspectiva ético-estética de Foucault (1990), de sempre estarmos atentos a rever o que nós mesmos afirmamos como verdade, abrindo-nos ao diferente, ao outro, à alteridade do pensamento, foi uma constante para a elaboração de todo o trabalho, desde a seleção do filme, passando pela coleta de dados e, finalmente, no momento de

confrontar os dados e o referencial teórico. Ao ser questionado sobre a possibilidade da tarefa da filosofia ser advertir dos perigos do poder, Foucault responde que essa tarefa sempre foi uma grande função da filosofia.

Em sua vertente crítica ó entendo crítica no sentido amplo ó a filosofia é justamente o que questiona todos os fenômenos de dominação em qualquer nível e em qualquer forma com que eles se apresentem ó política, econômica, sexual, institucional. Essa função crítica da filosofia decorre, até certo ponto, do imperativo socrático: "Ocupa-te de ti mesmo" ou seja: "Constitua-te livremente, pelo domínio de ti mesmo" (FOUCAULT, 2004a, p.287).

Esse exercício filosófico proposto por Foucault, pelo qual buscaríamos constantemente não nos acomodarmos em *verdades* exteriormente construídas, está diretamente ligado à proposta de trabalhar com o cinema sem *amarras* de desfecho deste trabalho determinadas antes mesmo de seu início. Por isso, a escolha de um filme que não nos apresenta uma estrutura de consolação, segundo a qual já antevemos os efeitos que o mesmo produzirá em nós logo quando começamos a assistir. Também na coleta e no tratamento dos dados empíricos estive atenta a não fechar *verdades* em contraposição a supostas *inverdades*. Dediquei-me a ler e reler as transcrições dos encontros, a traçar paralelos entre as falas das colegas e as concepções teóricas, sem julgá-las como certas ou erradas. Dediquei-me também a procurar as exceções dentro dessas falas. Organizei-as por temáticas, por índice de recorrência de palavras e ideias; enfim, dediquei-me a elaborar quantas categorias de análise fossem possíveis sobre as mesmas e observar como a base teórica que havia escolhido apontava os *perigos* de enunciados totalizantes, que poderiam estar se constituindo a partir da análise.

Rosa Fischer (2007), em texto intitulado *A paixão de trabalhar com Foucault*, explica de que forma este pensador, duplamente, não separa teoria e prática:

(...) o filósofo afirma a precariedade do seu próprio discurso, vive-o como processo, como possibilidade de transformação, como desejo de distanciar-se de si mesmo e empreender um esforço de pensar diferente do que pensa. (...) na sua análise dos discursos, ou seja, no tratamento dos dados e no trabalho sobre os documentos, Foucault usa esse mesmo modelo, mostrando que há antes *possibilidades de discursos* e que as coisas ditas são sempre históricas, isto é, funcionam em práticas muito concretas (FISCHER, 1997, p. 42).

No momento de registrar os estudos acerca de um trabalho de investigação, separamos metodologia e teoria. Porém, essa separação ó que se dá também de forma geral quando pensamos sobre os conceitos de *teoria* e *prática* ó é apenas uma maneira didática de organizar nossos pensamentos; o próprio pensar, assim, é entendido como uma prática. Essa não

dissociabilidade entre *teoria* e *prática*, presente no pensamento de Foucault, exige dos que optam por trabalhar com ele um modo especial de tratar o seu tema, ou objeto de investigação, a partir de uma metodologia que esteja inserida na teoria e vice-versa.

Essa investigação, acerca das relações possíveis entre cinema e educação, acaba por ampliar as dúvidas e não as certezas. Porém, há alguns apontamentos que ficam como efetividades. Entre eles, está a certeza de que a educação, além de incluir ações de aprendizado técnico e informacional, precisa ir adiante, contemplando uma formação atenta às questões éticas e estéticas de seu tempo. Fundamentados em Foucault, poderíamos pensar o planejamento para a ação educativa, como processo jamais acabado, no qual se abre um espaço para o novo, para o inusitado, para a possibilidade de pensar o ainda não pensado.

Assistir a um filme, sem expectativa de caminho ou processo com início, meio e fim pré-determinados, sem finalidade anteriormente delimitada, inclui-se nessa perspectiva ético-estética formativa. A experiência de assistir a um filme que, por operar com o que é inusitado a nós, desacomoda, e apresenta-se, assim, como potência de amplo leque de infinitas possibilidades de colocar o sujeito em contato com a alteridade de seu próprio pensamento. Tal tipo de experiência, propiciada dentro dos cursos de formação de professores ou dos espaços escolares onde atuarão esses profissionais, ou mesmo quando desvinculada das instituições de educação formal, reafirma a perspectiva do cinema como formação ético-estética.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. El cine como experimentación filosófica. In: YOEL, Geraldo (comp.). *Pensar El cine I. Imagen, ética e filosofia*. Buenos Aires: Manantial, 2004, p.23-81.
- _____. Se puede hablar de um filme? In: *Imágenes y Palabras. Escritos sobre cine y teatro*. Buenos Aires: Bordes/Manantial, 2005, p.27-33
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cinema e Pedagogia: uma experiência de formação ético-estética. *Revista Percursos* [online]. Florianópolis, v. 12, n. 01, p. 139 - 152, jan. / jun. 2011.
- _____. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2009, vol.14, n.40, pp. 93-102. ISSN 1413-2478.
- _____. Mídia, juventude e educação: modos de construir o outro na cultura. *Archivos Analíticos de Políticas Educativas*. v. 16, p. 1-20, 2008.
- _____. *Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, p. 264-287.
- _____. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b
- _____. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- _____. O pensamento exterior. In: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. O uso dos prazeres. História da sexualidade II. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 127-138.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, v. 36, n. 2, maio/ago. 2011, p. 505-519.
- PEREIRA, Marcos Villela. Traços de fundamentalismo pedagógico na formação de professores. *Revista Iberoamericana de Educación*, Madrid, n. 47/5, p. 1-12, nov.2008.
- PERISSÈ, Gabriel. *Estética e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*. Trad. Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2009.
- XAVIER, Ismail. Um cinema que educa é um cinema que (nos) faz pensar ó Entrevista com Ismail Xavier (por Fabiana de Amorim Marcello). *Educação & Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, 2008, v.33, nº1, p. 13-20.

APÊNDICE A ó Fragmentação do filme

Operação de estudo de fragmentação do filme *Pequena Miss Sunshine*

Primeiro Capítulo - 0:00:34 a 0:05:27

0:00:34_ Olive (assistindo ao concursos de misses na TV; reflexo óculos, imitação)

0:01:24_ Pai (palestrando; áudio da voz do pai à imagem de Olive: %Existem dois tipos de pessoas nesse mundo: os vencedores e os perdedores/derrotados.%; só pai falando empolgado, poucas pessoas e aplausos desanimados)

0:02:28_ Irmão (se exercitando, barra de %peso+, %apoio+, força, Nietzsche, tabela enorme riscando 973)

0:02:58_ Vô (cheirando; fecha a porta, sozinho, cheira e senta)

0:03:35_ Mãe (áudio da voz da mãe à imagem do vô, tom de voz sério e apressado; aparece que está falando no celular, dirigindo, fumando; %ele não tem para onde ir, eu não estou fumando, eu estou no hospital+)

0:03:55_ Tio (aparece em uma cadeira de rodas com os pulsos enfaixados e os olhos vermelhos; LITTLE MISS SUNSHIUNE; mãe fala com o médico, distância de objetos cortantes e medicamentos, não fica lá por causa do convênio, %estou tão feliz que ainda esteja aqui+% pelo menos um de nós está+)

0:05:08_ saem de carro

Segundo Capítulo - 0:05:26 a 0:09:05

0:05:26_ chegam em casa

0:05:56_ tio vai ficar no quarto do irmão

0:06:55_ irmão lê %Assim falou Zarathustra+

0:07:05_ Olive e o avô estão ensaiando

0:07:22_ pai verifica a secretária eletrônica (seu livro) (concurso miss regional); mãe diz para usar pratos de papel; pai faz ligação e pede para ligarem no fim de semana

0:08:38_ tio pergunta ao irmão porque ele não fala

Terceiro Capítulo - 0:09:05 a 0:16:16

0:09:33_ tio pergunta ao irmão quem são seus amigos

0:10:43_ mãe e tio falam sobre o voto de silêncio do irmão

0:11:07_ Olive pergunta ao tio o que aconteceu nos braços dele

0:11:22_ Todos na mesa; vô fala do frango pronto e o pai fala que ele foi expulso do asilo

0:11:56_ pai diz que voto de silêncio de irmão é exemplo de disciplina

0:12:32_ Olive pergunta novamente ao tio o que aconteceu

0:13:19_ No meio de um debate entre pai e mãe, tio começa a falar sobre os seus motivos para o suicídio; sexualidade, Proust

0:15:07_ Pai fala que tio é um %perdedor/derrotado+

0:16:00_ Olive acaba de falar do concurso quando pai, depois de mais um discurso sobre vencer e perder, diz que a tia deixou recado na secretária eletrônica; Olive ouve o recado e...

Quarto Capítulo - 0:16:16 a 0:21:52

0:16:48_ Grito; mãe liga para tia que diz que o concurso será na Califórnia ; Pai diz que não pode ir,

0:17:50_ Olive está animadíssima separando coisas para a viagem

0:18:38_ No meio de uma discussão tensa sobre impossibilidades de irem viajar, a mãe larga uma caixa na mesa %sobremesa+; irmão só topa ir por causa da autorização da mãe para a escola de pilotos %mas eu não vou me divertir+; %acho que ninguém irá+

0:20:30_ Foi decidido que todos vão para Califórnia

0:20:36_ Pai faz outro discurso sobre vencer e perder; acaba a cena da janta

0:21:08_ Irmão deitado lendo, pede ao tio que não se mate naquela noite

Quinto Capítulo - 0:21:52 a 0:25:26

0:22:43_ Todos na Kombi; vô inicia papo sobre sexo e heroína, Olive escuta música

Sexto Capítulo - 0:25:26 a 0:29:01

LANCHONETE

0:26:08_ Olive pede sorvete

Sétimo Capítulo - 0:29:01 a 0:32:58

0:29:05_ Pai faz ligação (livro)

0:30:10_ Mecânico fala do problema na embreagem

0:31:38_ Primeira %mpurrada e subida+com a Kombi (momento alegria)

0:32:58_ Seguem viagem

Oitavo Capítulo - 0:32:58 a 0:35:23

0:33:46_ Pai fala de seu acordo de venda do livro

0:35:10_ Toca telefone do pai, cai ligação, param no telefone público da estrada

Nono Capítulo - 0:35:23 a 0:38:55

0:35:39_ Pai está recebendo a notícia de que seu negócio do livro não está certo

0:36:01_ Vô pede para tio comprar revistas pornográficas; ex namorado aparece

0:38:30_ Pai, no telefone diz que irá passar na cidade em que está o cara do livro

Décimo Capítulo - 0:38:55 a 0:41:45

0:38:55_ Mãe cobra do pai que seu negócio do livro não deu certo

0:40:09_ Irmão pergunta onde está Olive; voltam e sem parar a Kombi ela sobe

0:40:58_ Vô fala para pai que ele fez o que podia

Décimo Primeiro Capítulo - 0:41:45 a 0:45:53

0:43:10_ Todos estão nos quartos de um hotel de estrada; pai e mãe discutem sobre \$; irmão ouve e sorri;

0:44:05_ vô e Olive ensaiam %ugidos+, Olive diz que está com medo do concurso e pergunta se é bonita, chora e diz que não quer ser uma perdedora

Décimo Segundo Capítulo - 0:45:53 a 0:50:44

0:46:32_ pai sai para falar com cara do livro, Kombi não pega, pega moto emprestada

0:47:40_ tio olha foto do ex namorado, avô cheira, mãe fuma

0:48:35_ pai chega no hotel do cara do livro, ele fala que tentou e não dá mais, pai sai arrasado na motinho

Décimo Terceiro Capítulo - 0:50:44 a 0:55:55

0:50:45_ OLive acorda os pais e diz que o avô não está acordando

0:51:23_ Mãe chama os filhos e fala do %amor que sente, da família,+chora

0:52:16_ Irmão escreve para Olive abraçar a mãe

0:52:37_ Médico diz que o avô faleceu

0:53:56_ A encarregada do hospital, burocraticamente encaminha a %papelada+com o pai, ele diz que irá para outro lugar, ela diz que não é possível cruzar o estado sem autorização, ele explica que quer pegar o corpo depois, ela fala rispidamente %o senhor não foi o único que perdeu alguém hoje+, ele pede para ver o corpo

Décimo Quarto Capítulo - 0:55:55 a 1:00:12

Todos entram no quarto para ver o corpo

0:57:05_ Pai diz que eles não vão desistir, faz um discurso de vencedores e perdedores (dessa vez diferente, falando dos sentimentos do avô e da expectativa de ver a neta) e a família topa levar o corpo

0:59:00_ O corpo sai pela janela, eles fazem a função de empurrar a Kombi e seguem viagem

Décimo Quinto Capítulo - 1:00:12 a 1:05:28

1:00:27_ Olive pergunta ao pai o que vai acontecer com o avô, silêncio; pergunta ao tio sobre o paraíso, ela diz que existe e que ele irá

1:01:38_ Outro carro %echa+a Kombi e o pai buzina; buzina emperra

1:02:18_ Polícia para a Kombi, acha as revistas do avô e libera a Kombi

1:05:10_ empurram a Kombi e seguem viagem

Décimo Sexto Capítulo - 1:05:28 a 1:11:47

1:05:48_ Olive faz testes de visão no irmão
 1:06:37_ Tio diz a irmão que ele não pode pilotar jatos se é daltônico
 1:07:25_ Irmão desce da Kombi, grita e chora
 1:11:30_ Irmão é levado por Olive e pede desculpas

Décimo Sétimo Capítulo - 1:11:47 a 1:16:46

1:13:26_ Chegam (depois de contra-mão, arrebenatar cerca...) no hotel do concurso
 1:14:53_ Pai se ajoelha perante a organizadora para Olive participar
 1:15:50_ Olive pergunta a miss se ela toma sorvete

Décimo Oitavo Capítulo - 1:16:46 a 1:19:16

Olive e a mãe entram nos bastidores (cena das meninas se arrumando, bronzamento, chapinhas...)
 1:17:25_ Tio lê jornal (novo namorado do ex é o maior estudioso de Proust); Olive entrega CD para organizador; pai fala com pessoas da funerária

Décimo Nono Capítulo - 1:19:16 a 1:22:48

1:19:52_ Entra a primeira menina candidata
 1:21:14_ Após Olive desfilar o apresentador pede palmas para todas
 1:21:29_ Olive se analisa no espelho
 1:21:42_ Pai fala com tarado
 1:22:43_ acaba a música bizarra que o apresentador canta e aparece todas as meninas bizarras

Vigésimo Capítulo - 1:22:48 a 1:24:51

Conversa do tio com o irmão sobre Proust, vencedores e perdedores, concursos de beleza...

Vigésimo Primeiro Capítulo - 1:24:51 a 1:29:32

Apresentações das meninas

1:26:17_ Tio e irmão entram e saem das apresentações
 1:26:50_ pai vai ao camarim desejar %boa sorte+
 1:27:09_ pai diz a mãe que não quer que Olive se apresente
 1:27:30_ irmão diz a mãe que não quer que Olive se apresente (esse lugar é horrível, eu não quero que essas pessoas a julguem, vão rir dela)
 1:28:13_ mãe diz que tem que deixar Olive ser Olive
 1:29:01_ depois da mãe perguntar se ela queria ir, falar que se orgulhariam igual se não fosse, Olive vai

Vigésimo Segundo Capítulo - 1:29:32 a 1:34:50

Apresentação da Olive

Vigésimo Terceiro Capítulo - 1:34:50 a 1:40:34

Ultima empurrada da Kombi para ir embora

Vigésimo Quarto Capítulo

Créditos

APÊNDICE B ó Trechos do filme

Descrição analítica dos cinco fragmentos selecionados e nomeados por mim, em ordem de acontecimento do filme

- TRECHO 1=> (0:00:34 a 0:05:08) Duração: 4min e 34 segundos

Apresentação dos personagens

São seis os personagens principais dessa trama. Nestas descrições analíticas que realizo aqui, opto por não nomear os cinco personagens adultos. Por uma questão de sistematização e pelo meu entendimento acerca da própria narrativa considero propício nomear a criança, Olive, com a qual todos os demais personagens estabelecem algum tipo de parentesco, que vem a ser o modo pelo qual me refiro aos mesmos. Dessa maneira, quando escrevo *pai* pretendo que esta palavra seja entendida pelo leitor como *pai da Olive*; e assim igualmente com os demais parentescos.

O filme inicia enquadrando olhos que parecem estar olhando para quem assiste ao filme. Em poucos segundos percebemos - pela imagem que reflete nos óculos dos olhos que aparentavam nos olhar e pelo áudio de uma voz que diz %A vencedora da bolsa de trinta mil dólares é a Miss Louisiana+- que aqueles olhos estão direcionados para uma televisão. E mais, já entendemos o que está sendo projetado pela TV; um concurso de beleza. Em determinado ponto, o acontecimento da televisão começa a retroceder e um plano mais amplo nos mostra que aqueles olhos são de uma menina que aparenta ter aproximadamente sete anos e que, com um controle remoto, está fazendo com que a programação da TV retorne ao ponto de onde partiu, no qual uma miss recebe uma coroa de vencedora do concurso, para então . sincronicamente . reproduzir os gestos e expressões faciais da miss. Esta cena de imitação é a que nos apresenta a personagem central da narrativa, a menina Olive.

Enquanto ainda enxergamos Olive sobreposta à imagem da TV que ela está assistindo, o áudio nos permite escutar uma voz que diz: %Existem dois tipos de pessoas nesse mundo: os vencedores e os derrotados.+ Em sequência, a câmera foca o rosto do homem que está dizendo aquelas palavras em outro lugar. Este personagem é o pai de Olive, que - de maneira empolgada e nada hesitante . entoia um esfuziante discurso no qual exalta a figura dos *vencedores*. Logo compreendemos que se trata de uma palestra onde o pai de Olive apresenta seu %programa de nove passos: recuse a derrota+, que vem a ser um manual do gênero de autoajuda, por ele elaborado, que promete garantir o sucesso aos que seguirem suas instruções. Porém, ao vermos a escassa e desanimada plateia que estava assistindo à palestra, percebemos que o pai da Olive não atingia ele mesmo seus próprios objetivos de sucesso.

Na cena seguinte, aproxima-se e afasta-se em primeiro plano, uma barra de metal manipulada por um adolescente cujo rosto aparece em segundo plano e desfocado quando a barra aproxima-se da tela. Após vemos o movimento da barra por outro ângulo e o que passa a ser o segundo plano é um tecido com um desenho da face do filósofo Friedrich Nietzsche pendurado em uma parede. Depois o enquadramento nos mostra que o cenário em que está o rapaz é um dormitório residencial onde ele segue se exercitando, pulando corda, fazendo abdominais, apoio... Finalizando a apresentação desse personagem, irmão de Olive, o jovem menino aparece riscando o número 973 que faz parte de uma grande ordenação crescente de números de uma enorme tabela pendurada na parede.

Novamente um plano bastante fechado mostra apenas uma fechadura de uma porta sendo chaveada. Ainda em close enxergamos mãos abrindo uma pochete, de onde é retirado um pequeno recipiente cilíndrico, um espelinho, um pedaço de lâmina e uma cédula de dinheiro enrolada de modo a assemelhar-se a um canudo. Um pó branco é retirado do recipiente e colocado sobre o espelho. Uma das mãos que realizava o trabalho leva uma das pontas do canudo de papel até uma das narinas de um homem e a outra mão leva o espelho até a outra extremidade do canudo. A câmera acompanha este movimento nos apresentando, então, o rosto do avô de Olive, que inspira o pó que ao longo do filme entendemos que se trata de um tipo de substância química psicotrópica.

Enquanto ainda vemos a imagem do avô de Olive sentado no lugar em que se desenrolava a cena anterior, ouvimos uma voz apressadamente dizendo: %Estou a caminho. Não sei quanto tempo.+ Então, nos é apresentada a mãe de Olive, que está - simultaneamente - dirigindo, falando ao celular e fumando. A entonação e todo o modo com que ela fala, além do conteúdo semântico de algumas das

frases ditas por ela ao telefone - como, por exemplo: %Richard, ele não tem para onde ir.+ %Eu não estou fumando.+ %Estou no hospital, tchau!+. denota a dimensão da pressa, da sobrecarga de atribuições e dos prováveis problemas que esperam por ela.

Então, o que nos apresentado na tela é um homem, com roupas características de pacientes de hospital, sentado em uma cadeira de rodas, com os pulsos enfaixados e os olhos vermelhos. A câmera enquadra o rosto desse homem, que é o tio de Olive, enquanto as palavras *little miss sunshine* aparecem sequencialmente sobre a imagem. Ao longo de toda essa sequência inicial de apresentação dos seis personagens principais do filme, ouvimos a mesma música instrumental sobre a qual vão se sobrepondo as falas e imagens dos personagens. Além da trilha sonora contínua, os cortes graduais na passagem de um plano a outro e de uma cena a outra, conferem um ritmo contínuo à sequência que é interrompido quando as palavras *little miss sunshine* desaparecem da tela e a música cessa, no mesmo momento que a mãe de Olive inicia uma conversa com um médico. Este recomenda distância entre objetos cortantes ou medicamentos e o paciente, além disso, explica que o tio de Olive não ficará no hospital porque as despesas econômicas não estão incluídas no convênio. Ela entra no quarto do hospital e diz ao seu irmão %Estou tão feliz que ainda esteja aqui.+ ao que ele responde: %Bem, pelo menos um de nós está+.

- TRECHO 2=> (0:09:33 a 0:16:48) Duração: 7min e 15 segundos

O jantar

Nesta parte do filme, podemos conhecer um pouco mais cada um dos personagens, nos é propiciado perceber algumas maneiras pelas quais esses sujeitos construídos ficcionalmente posicionam-se em relação ao mundo. Além disso, esse é o momento em que assistimos, pela primeira vez no filme, aos seis personagens principais da narrativa juntos. Essa reunião nos possibilita sentir como se estabelecem os laços de afeto, confiança, admiração, cumplicidade, desconfiança e repúdio, entre esses personagens.

Esse pedaço do filme ocorre na sala da casa de Olive, onde todos se reúnem para jantar. Ao longo de todo esse diálogo familiar em torno da mesa, a câmera alterna enquadramentos onde vemos toda a mesa com os seis personagens e enquadramentos em que nos é mostrado o rosto dos personagens enquanto falam ou suas reações quando escutam aos outros. A ação principal, além das falas e das expressões faciais é o passar de recipientes com comida e refrigerante de um personagem para outro, além do próprio ato de comer.

A cena tem início com o irmão e o tio sentados em torno da mesa sobre a qual podemos ver - além de pratos, talheres e afins - três recipientes de papel ou isopor, nos quais está impresso o logotipo e o nome de uma marca tal qual vemos em embalagens industrializadas e um outro recipiente com salada. Um dos recipientes de papel, o maior deles, tem o tamanho e formato aproximado de um balde e está cheio de pedaços de frango pronto para serem comidos. Conforme explicitarei, a cena é constituída de poucas ações e tem sua força dramática concentrada nos diálogos entre a família. Por isso, transcrevo aqui alguns momentos do próprio diálogo como forma de descrição da cena:

O tio pergunta ao irmão:

_Então, quem são seus amigos?

O irmão faz um gesto de negação com a cabeça. Ao que o tio diz:

_Ninguém?

O irmão escreve em um bloquinho de papel:

%Odeio todo mundo.+

O tio fala:

_E a sua família?

O irmão sublinha as palavras %todo mundo+que escrevera no bloquinho.

O pai chega na sala e cumprimenta o tio com sorriso e como se não houvesse acontecido nada desagradável com o tio. Depois, o pai senta-se à mesa e após alguns segundos de silêncio desconcertante diz que irá chamar Olive e o avô e vai até uma escada de onde grita para chamar os dois. Nesse momento a mãe pergunta para o tio se ele vai querer refrigerante e, quando ele responde que sim, coloca um copo com um desenho de uma mascote infantil de uma rede famosa de *fast food* norte-americano. Após a mãe fala: _Quero que todos comam um pouco de salada.

O tio diz: _Muito obrigada. Sherryl, percebi que Dwayne parou de falar.

Mãe: _Sim, fez um voto de silêncio.

Tio: _Fez um voto de silêncio?

Mãe: _Vai se alistar na Força Aérea e virar piloto de testes. Fez voto de silêncio até conseguir esse objetivo.

Tio: _Está brincando comigo!?

Olive chega na sala e diz oi ao tio, ao que o mesmo responde:

Tio: _Oi Olive! Como cresceu, está quase uma pessoa de verdade.

Olive expressa facialmente que está assustada e diz: _O que aconteceu com os seus braços?

Tio: _Tive um pequeno acidente. Estou bem agora.

O pai diz: _E como vai sua apresentação querida?

Olive: _Vai bem.

Pai: _Quando vai mostrar pra nós?

Olive: _Não sei. Depende do vovô.

Avô chega na sala e diz: _Em alguns dias. Precisa de mais ensaio. O que é isso, frango? Toda noite é essa droga de frango. Meu deus do céu.

Enquanto o pai chama a atenção do avô tentando impedi-lo de continuar falando, o avô continua a falar: _Seria possível que pelo menos uma vez a gente coma algo aqui que não seja essa droga de frango?

O pai: _Pai! Quando quiser começar a cozinhar, fique à vontade.

Nesse momento já estão todos na mesa. Então o avô fala: _ No asilo, sabe...

Pai: _Se gostava tanto do asilo não deveria ter feito com que te expulsassem de lá, certo?

O tio diz para o irmão: _ Então, quando fez seu voto?

O pai, mastigando e falando com um pedaço de frango na mão, diz: _ Há nove meses Frank. Ele não disse uma palavra. Nenhuma. Acho que isso mostra uma tremenda disciplina.

Enquanto a mãe chama a atenção do pai tentando impedi-lo de continuar falando, o pai continua a falar apontando com um pedaço de frango para o irmão e utilizando a mesma entonação com que falava nas palestras que ministrava: _Eu acho mesmo. Podemos aprender algo com Dwayne. Ele tem um objetivo. Ele tem um sonho. Pode não ser o meu sonho, pode não ser o de vocês. Mas ele vai atrás dele com bastante convicção e determinação. De fato, pensava nos nove passos...

Avô: _Ó meu deus...

Pai: _E como Dwayne utiliza pelo menos sete deles em sua busca pela realização pessoal.

Mãe: _ Richard, por favor!

Pai: _ Só estou dizendo que entendi. Acho que ele precisa de nosso apoio.

Olive, olhando para tio: _ Como aconteceu?

Tio: _ Aconteceu o quê?

Olive: _ Seu acidente.

Mãe: _ Querida, pare.

Tio: _ Tudo bem. A não ser que tenha algo contra.

Mãe: _ Sou a favor da honestidade. Só acho que depende de você.

Tio: _ Fique a vontade.

Mãe: _ Olive, tio Frank não teve mesmo um acidente. O que houve é que ele tentou se matar.

Olive, olhando para o tio: _ Tentou? Por quê?

Pai: _ Desculpe, acho que essa não é uma conversa apropriada. Querida, vamos deixar o tio Frank terminar o jantar.

Olive, olhando para o tio: _ Por que você quis se matar?

Pai: _ Não responda a pergunta, Frank.

Mãe: _ Richard!

Pai: _ Ele não vai responder essa pergunta.

Tio: _ Eu quis me matar porque estava infeliz.

Pai, interrompendo a fala do tio: _ Não o ouça querida ele é doente.

Mãe: _ Richard!

Pai: _ Eu não acho a conversa apropriada para alguém de sete anos!

Mãe: _ Ela vai descobrir de qualquer jeito. Continue Frank.

Olive: _ Por que estava tão infeliz?

Tio: _ Bem, existem muitas razões. Mas, basicamente, me apaixonei por alguém que não me amava.

Olive: _ Quem?

Tio: _ Um dos meus alunos. Estava muito apaixonado por ele.

Olive: _ Ele? Era menino? Se apaixonou por um menino?

Tio: _ Sim, eu me apaixonei. E muito.

Olive, sorrindo: _ Que bobagem.

Tio: _ Tem razão. Foi uma grande bobagem.

Avô: _ Há outra palavra pra isso...

Olive: _ Então, foi aí que tentou se matar?

Tio: _ Bem, não. O menino se apaixonou por outro cara, Larry Sugarman.

Mãe: _ Que é Larry Sugarman?

Tio: _ Larry Sugarman é, talvez, o segundo maior estudioso de Proust nos EUA.

Pai: _ Quem é o primeiro?

Tio: _ Costumava ser eu.

Pai, surpreso: _ É mesmo?

Olive: _ Então foi aí?

Tio: _ Não. O que aconteceu foi que eu fiquei um pouco nervoso e disse coisas que não deveria ter dito e fiz coisas que não deveria ter feito. E, por causa disso, fui despedido e precisei sair de casa e me mudar para um hotel.

Barulho do avô assuando o nariz.

Olive: _ E foi aí que tentou...

Tio: _ Na verdade, tudo isso não foi o problema. Acontece que, há dois dias, a Fundação MacArthur, em sua infinita sabedoria, deu uma bolsa para gênios para Larry Sugarman. E foi aí que eu...

Avô: _ Decidiu acabar com tudo antes.

Tio: _ Sim. E eu falhei nisso também.

Pai: _ O importante aqui é entender que tio Frank desistiu de si mesmo. Fez escolhas tolas e desistiu de si mesmo, que é algo que os vencedores nunca fazem.

Mãe: _ Então essa é a história. Pessoal, vamos mudar de assunto.

Tio, falando para o irmão: _ Ele é sempre assim? Como consegue aguentar?

Pai: _ Olive, fale de sua apresentação, por que está fazendo isso.

Olive: _ Miss Chili Pepper é um concurso pra todos em Albuquerque, mas tem que ter seis ou sete anos e ser menina.

Mãe falando para o tio: _ Coisa da nossa irmã. Nas férias, Dwayne foi ver seu pai na Flórida e Olive foi para Laguna ver os primos dela. Ela ganhou o concurso regional lá.

Olive: _ Eu tirei o segundo lugar.

Tio: _ É o que acha das suas chances?

Olive: _ Acho que posso ganhar porque algumas das meninas competem há mais tempo, mas eu ensaio todo dia.

Tio: _ Boa sorte.

Pai: _ Não é uma questão de sorte Frank. Sorte é o nome que os derrotados dão ao próprio fracasso. É uma questão de vontade. Desejar vencer. Tem que desejar vencer mais do que todos.

Olive: _ Eu desejo!

Pai: _ Então você vai vencer!

Mãe: _ Richard...

Pai: _ É verdade. Sabe, tem um recado na secretária. Alguma coisa sobre a pequena sunshine...

Olive: _ O quê?! A Pequena Miss Sunshine?! O quê!?

Olive levanta-se e corre até o telefone que fica na mesma sala. A mãe sorri e vai com Olive até o telefone. Ouvimos a voz de uma gravação:

%i, é Cindy. Lembra que Olive tirou o segundo lugar no concurso regional de Miss Sunshine?+..

Olive começa a dar pequenos pulinhos sem sair do lugar e a sorrir empolgadamente.

%aA vencedora teve que abdicar da coroa por causa de pílulas para dieta.+..

O movimento de empolgação de Olive vai crescendo.

%aBem, agora a vaga é dela no concurso em Redondo Beach.+

Olive inicia um grito estridente de felicidade que dura alguns segundos e depois sai correndo e falando alto: _Eu ganhei, eu ganhei...!

- TRECHO 3 => (1:06:00 a 1:11:30) Duração: 5 min e 30 segundos

Olhar e fala do irmão

A buzina do carro, que é uma Kombi amarela, está emperrada e por isso constantemente emite o som de buzinas descompassadas que contribuem com o tom cômico do momento em que todos estão dentro da Kombi em movimento na estrada. Olive aplica no irmão testes de visão com folhetos que pegou na sala de espera do hospital onde faleceu o avô, cujo corpo está no porta-malas. O irmão descobre que é daltônico e que por isso, não poderá ser piloto da Força Aérea, motivo do seu voto de silêncio. Uma música instrumental, com notas emitidas apenas por um instrumento de

corda, une-se ao som da buzina que agora já não tem mais o tom cômico que antes tinha. O irmão começa a chutar as paredes internas da Kombi e a chorar, depois sacode freneticamente o banco que está à sua frente. Então o tio e a mãe começam a gritar para que o pai pare o carro. O pai também grita dizendo que está tentando, mas que não tem como parar. Nesse momento o áudio é confuso e extremamente atordoante.

Quando a Kombi para, também cessam os sons da cena. O enquadramento mostra em primeiro plano o gramado de uma pequena colina que fica abaixo da estrada. Em segundo plano, a porta da Kombi que se abre e de onde sai o irmão. Ao fundo, um pedaço de céu que ocupa a maior parte da tela fazendo com que tudo mais pareça pequeno. À medida que o irmão desce a colina correndo na direção do espectador, ele vai ocupando um espaço maior na tela e nesse momento solta um grito de quem não fala há muito tempo. Depois se ajoelha e chora segurando o rosto com as mãos. A mãe desce diz que lamenta o ocorrido e pede para que ele volte ao carro. Ele diz que não voltará. Ela fala que eles são a família dele. Ele diz que eles não são a família dele, que ele também não quer que sejam a família dele e que os odeia. O irmão ainda completa sua fala: %Divorcio? Falência? Suicídio? Vocês são uns derrotados.+A mãe volta para junto do restante da família e diz que sabe o que fazer. Olive desce a colina, ajoelha-se ao lado do irmão, envolve-o com um dos braços e repousa a cabeça em seu ombro. Assim permanecem um tempo, em silêncio, até que o irmão diz: %Então vamos+. Ao subir a colina pede desculpa pelas coisas que disse, diz que estava nervoso e que não quis ofender ninguém. Eles entram na Kombi e seguem a viagem.

- TRECHO 4 => (1:19:52 a 1:21:32) Duração: 1min e 20 segundos

As mini misses e a comparação

O pai de Olive está sentado entre uma platéia cheia e ouvimos a voz de um homem que está no palco com o microfone falando: %Senhoras e senhores, bem-vindos ao 24º concurso Pequena Miss Sunshine!+A platéia aplaude enquanto o rosto do apresentador aparece em close e ele anuncia que irão entrar as candidatas. De uma abertura super iluminada e em formato de estrela surgem as meninas. Uma a uma, elas entram bastante maquiadas, com cabelos e expressões faciais armados e fixos, roupas justas e brilhosas. À medida que entram no palco, posicionam-se lado a lado. Por fim, entra Olive. Ela sorri timidamente, está sem maquiagem e com o cabelo preso, assim como em outros vários momentos cotidianos do filme. O enquadramento nos mostra todas as meninas lado a lado e, neste momento podemos ver Olive, sem sorrir, olhando, observando, as outras candidatas, que não deixam de *mostrar os dentes*, olhando fixamente para a platéia.

Então, inicia-se um desfile das candidatas, as meninas mostram um andar típico das mulheres que trabalham - neste século XXI - como modelos de passarela, porém, sem em nenhum momento deixar de sorrir. O andar de Olive difere-se enormemente do andar das outras meninas e mais parece um caminhar cotidiano de uma menina de sua idade. Outra pessoa que se diferencia nesta cena é o pai de Olive. No instante em que uma das meninas está desfilando, nos é mostrado um plano onde podemos ver o pai e um pedaço da platéia que o cerca. Todas as outras pessoas estão aplaudindo e sorrindo enquanto ele faz expressões faciais de estranhamento e de surpresa. No momento em que Olive desfila podemos perceber uma tensão no rosto da pequena atriz. Ao olhar para a platéia e ver o pai lhe aplaudindo e sorrindo, a personagem sorri também e parece diminuir seu nervosismo.

Após o apresentador pedir palmas para todas e dizer que %ao fim do dia apenas uma das meninas será coroada Pequena Miss Sunshine!+, há um corte para outra cena em que Olive aparece no camarim do concurso, diante de um espelho. Por meio da imagem que capta simultaneamente a pequena atriz e seu reflexo no espelho, enxergamos Olive, séria, fazendo pose com as mãos na cintura, encolhendo a barriga e dando voltas para analisar a imagem de seu corpo no espelho. Então, a mãe, que não está vendo Olive, pois estão separadas por uma cortina, pergunta: %Olive, querida, tudo bem aí?+ao que Olive responde: %Sim, eu estou bem.+

- TRECHO 5 => (1:22:50 a 1:24:50) Duração: 2 min

A vida é um concurso de beleza

Essa cena passa-se em um píer na beira do mar. O tio e o irmão estão conversando enquanto o concurso de Olive está para começar. A cena é constituída de poucas ações e tem sua força dramática concentrada no diálogo entre o tio e o irmão e na atuação dos dois atores. Por esse motivo, transcrevo aqui alguns momentos do próprio diálogo como forma de descrição da cena:

Irmão: _ Às vezes queria poder dormir até completar dezoito anos. Pular toda essa droga, a escola e tudo mais.

Tio: _ Conhece Marcel Proust?

Irmão: _ Aquele que você ensina.

Tio: _É. Escritor francês totalmente perdedor. Nunca teve um emprego de verdade, amores não correspondidos, homossexual. Passou 20 anos escrevendo um livro que quase ninguém lê. Mas é talvez o maior escritor desde Shakespeare. Bem, ele chegou ao fim de sua vida e refletindo concluiu que todos os anos que ele sofreu foram os melhores de sua vida, pois fizeram-no ser quem era. Os anos em que foi feliz? Desperdício total. Não aprendeu nada. Então, se você dormir até os 18... Pense em todo sofrimento que você irá perder! Escola? Os anos de maior sofrimento. Não se consegue sofrer mais que isso.

Irmão: _ Sabe de uma coisa? Danem-se os concursos de beleza. A vida é um concurso de beleza atrás do outro. Escola, faculdade e daí emprego. Dane-se tudo isso. Dane-se a Academia da Força Aérea. Se eu quiser voar, vou achar um jeito de voar. Sim, faça aquilo que ama e dane-se todo o resto.

Tio: _ Fico feliz que esteja falando novamente Dwayne. Não é nem de longe tão burro quanto parece.

APÊNDICE C ó Transcrição dos encontros

PRIMEIRA CONVERSA:

- Em uma sala de aula da Faculdade de Educação (Faced) da UFRGS, durante 40 minutos de tempo cedido pela professora Laura Fonseca em ocasião da aula da disciplina *Reflexão Sobre a Prática Docente em EJA*, dialoguei com três professoras em formação, após assistirmos juntas aos trechos 2 e 4 anteriormente descritos.
- A estudante de Licenciatura em Dança 1 (D1) e a estudante de Licenciatura em Pedagogia 1 (P1) já haviam assistido ao filme, a estudante de Licenciatura em Pedagogia 2 (P2) assistiu somente aos trechos selecionados e quis levar uma cópia do filme para assistir depois da conversa.

Eu_ Agora eu gostaria que vocês me contassem o que veio à cabeça de vocês, o que vocês lembraram, pensaram e sentiram, quais foram as impressões e sensações que o filme trouxe.

D1_ Acho que a primeira questão que vem, me lembrou o lance da mídia; como agente ta sendo obrigada a ser o que agente não quer ser. O quanto agente se importa com o que não é nosso e o quanto agente quer ter um corpo que não é o nosso, o corpo ideal de beleza, que não existe naturalmente.

P1_ Eu reparei que ali tinha uma mesa posta que era muito americana. Aquilo ali era um almoço ou era...?

Eu_ Era uma janta. E porque que tu achou que era bem americana? O que tu viu que te fez pensar isso?

P1_ Tinha uma *Sprite* tamanho *família*, umas galinhas fritas dentro de um pote de papel, que coisa bizarra, né? (perguntando a todo o grupo), um papo bizarro também, família bizarra, mas uma guriuzinha linda... No mais, o que eu vi de mais controverso mesmo foi a questão dos concursos de beleza..., mas eu não sei se isso entra no teu TCC?

Eu_ Gurias, não se preocupem em dizer o que tem a ver com o meu TCC, o objetivo é fazer uma conversa sobre o que vocês têm vontade de falar sobre o filme.

P2_ Me chamou muita atenção o pai, eu não vi o filme inteiro, mas me chamou muita atenção atitude do pai; muito impositiva, %em que fazer assim..., ele ta certo porque ele fez sete dos meus passos..., se tu quer vencer tu vai vencer...+ (citando falas do personagem pai). Chama muita atenção a atitude dele na mesa, de tentar controlar tudo, sobre o que vai falar e o que não pode falar...

Eu_ E destas coisas que vocês três falaram, vocês acham que alguma delas tem alguma ligação com educação, com o contexto escolar e com a nossa formação, no teu caso licenciatura (falando especificamente com a estudante de Licenciatura em Dança) e no nosso, pedagogia; vocês acham que quem alguma ligação com educação ou que são coisas que estão descoladas?

D1_ Eu acho que tudo está muito ligado, me lembrou até aqueles... sabe aqueles livrinhos que vem pronto para colorir, e que é só o contorno assim e que a criança tem que colorir e normalmente já vem um modelo pronto... É esses padrões exteriores dados: um homem branco, rico...; nunca é diferente. Eu acho que na nossa formação é bem presente isso, mas não tão aparente, eu acho que é mais subliminar...

Eu_ Por quê? Como que tu sentiu isso durante a faculdade?

D1_ Eu acho que é a questão de tu não te ver, não encontrar a tua identidade dentro do curso. Um exemplo bem pontual, bem a dinâmica do currículo; tu chega no curso de dança e só ter Balé no curso de dança... Pra mim não faz sentido nenhum. Então esse é um exemplo do curso de dança, mas deve acontecer também com vocês que é essa questão da identidade, de tu te enxergar dentro do curso.

Eu_ O que vocês achamurias?

P1_ Eu acho que esse filme revela uma histeria coletiva, porque não faz o menor sentido; uma criança, mas si bem que é ela que quer, né? É também o vô que fica... Eu não sei, mas tem um programa no *Discovery Home & Health* sobre as pequenas misses e tu nota que tem uma projeção muito forte da família em cima daquela criança, tipo; tudo que eles queriam ser e não foram, eles queriam que a criança fosse. E daí eu acho que, no caso, a, como é o nome dela mesmo?

Eu_ É Olive.

P1_ Ela entra nisso como agente entra em todo tempo do mundo na sociedade, porque agente quer estar inserido e isso, no mundo dela, no meio dela, na escola dela quem sabe, deve ser uma coisa que é legal, as crianças querem ser isso, agora, por quê? Isso é uma construção... E também tem a coisa do pai que ele força daqui e força dali. Dá pra ver que não é uma família que segue um modelo de família ideal: tem um tio homossexual que está apaixonado por um aluno; tem o vô que é um malucão, pirado, meio tarado... E a Olive fica nessa função, tem a mãe que até acho que ela tem..., o irmão que tá passando por um processo bem bizarro, fez uma promessa, foi uma promessa aquilo?

Eu_ Um voto de silêncio, né?

P1_ Mas, assim, retrata muito a nossa... o que agente é hoje em dia. E eu acho que tem a ver com educação porque tudo tem a ver com educação.

P2_ Tem também aquela última cena que mostra primeiro ela se comparando com as meninas todas misses, se vendo no espelho e ela toda menina não mis, e depois ela olhando a barriguinha dela no espelho; eu acho que aquilo tem a ver com o que acontece nos colégios em si, pensando nas comparações que acontecem entre os amigos, as crianças fazem muito isso: %eu sou diferente dele porque? Eu quero ser igual. Eu quero estar inserido...+ E tem que ter uma pessoa que tenha um olhar pra isso, perceber que isso faz mal também, tem que conseguir mostrar que nós somos diferentes e que as diferenças são boas, elas não devem trazer esse tipo de sentimento que ela tava demonstrando ali no espelho.

P1_ De se sentir menos, inferior...

P2_ De inferioridade...

P1_ Mas isso também não é uma questão de perspectiva. Não adianta uma pessoa dizer assim: %não se sinta assim+. Se a pessoa se sente ela se sente... A pessoa se sente mal porque tem toda uma estrutura que impede que a pessoa se sinta bem sendo desse jeito. É falácia dizer que a pessoa não deve... Não deve não deve, mas a pessoa se sente. Imagina, uma criança não tem ferramenta pra trabalhar com essas coisas. Eu sei porque eu fui criança; uma criança diferente numa escola...

P2_ É, eu também, eu sempre fui gordinha...

P1_ E é brabo...

P2_ ...e sofria vários preconceitos por isso.

P1_ E tu tinha como não se sentir...?

P2_ Não. Mas eu acho que tem que ter alguém pra dizer assim: %aiha, tu não é um monstrinho porque tu é diferente+. Tem que ter alguém pra dizer que tu é normal; que %tu é diferente, mas tu é normal+..

P1_ Eu acho que isso é válido falar, só que eu acho que isso não adianta... Quem tá vivendo não consegue superar assim... Eu acho que isso é o ideal...

P2_ é, eu não digo que vai superar, mas eu digo que tem que ter alguém pra dizer. Não digo que vai ser o remédio, vai ser a solução, mas tem que ter alguém pra dizer. Tem que ter alguém pra chamar a atenção até do restante do grupo e...

P1_ acho que mais do restante do grupo do que da própria pessoa, porque só com relação a atitude dos outros é que a pessoa se sente mal ou não. Porque se a pessoa tá se sentindo mal com a atitude dos outros ela só vai se sentir melhor se a atitude dos outros melhorar. Então, também é uma construção. E é complicada o professor dar conta de tudo isso na sala de aula se isso tá no mundo, vem de todos os lados.

Eu_ A *Estudante de Licenciatura em Dança* falou da mídia, vocês acham que tem alguma ligação com o que vocês estavam falando agora?

P1_ Eu acho que a mídia, hoje em dia, ela educa muito mais, ela é muito mais atrativa: tem imagens, cor, corpos bonitos, felicidade; tudo o que tu queria ter e não tem, todos os lugares bonitos que tu queria ir e não vai...

P2_ É bem aquilo que a *Estudante de Licenciatura em Dança* falou: %o que tem valor na mídia não é o que tu é. É o que tu almeja ser.+Aí tu vê alguém que é, a teu ver, e tu se sente mal por não ser.

Eu_ E de que mídia exatamente vocês falam gurias? É de toda a mídia ou de alguma produção específica dentro da mídia.

P2_ Televisão, né? (as outras duas concordam fazendo um gesto com a cabeça)

Eu_ E esse filme que agente viu, vocês chamariam de mídia ou não, é algo fora da mídia?

P1_ É mídia, mas não é uma mídia acessível.

Eu_ Em que oportunidade vocês duas que já tinham visto chegaram a ver esse filme? Foi sem querer ou vocês foram buscar.

P1_ Uma amiga gravou para mim.

D1_ Na TV.

Eu_ Então pra ti foi sem querer?

D1_ Sim.

Eu_ E tu, além de nunca ter visto nunca tinha ouvido falar?

P2_ É, não vi nem tinha ouvido falar.

Eu_ Então tá gurias, muito obrigada pela conversa e por terem colaborado com o meu TCC.

SEGUNDA CONVERSA:

- Na sala do Núcleo de Estudos de Mídia, Educação e Subjetividade (NEMES) da Faced da UFRGS, durante aproximadamente 60 minutos de tempo dialoguei com uma professora em formação, após assistirmos juntas aos trechos 2 e 4 anteriormente descritos.

- A *estudante de Licenciatura em Pedagogia 3 (P3)* já havia assistido ao filme, mais de uma vez em período anterior a nossa conversa. Esta estudante tem um perfil diferenciado em relação a proposição do presente TCC, pois participou como Bolsista de Iniciação Científica, assim como a autora da presente monografia, dos Projetos de Pesquisa *Educação do Olhar e Formação Ético-Estética: Cinema e Juventude e Narrativas Visuais: por uma Ética da Imagem na Educação*. Portanto, os conhecimentos construídos pela estudante ao longo de seus estudos específicos sobre cinema, conferem uma profundidade ao diálogo que pode ser percebida ao longo da seguinte transcrição:

Eu_ Eu vou te dizer assim: é claro que não tem como separar a tua experiência de estudo sobre cinema do olhar que tu teve agora pra esses trechos que agente assistiu. Mas a princípio, tu já me contou que já tinha visto o filme, revendo esses pedaços, tenta me contar que coisas tu sentiu, do que tu te lembrou; pode ser fora da tua vida, pode ser de outro filme, o que te veio na cabeça?

P3_ Quando eu tava assistindo, eu me lembrei de uma coisa, a princípio nada a ver, um livro que eu tava lendo do Bauman que fala sobre consumo e sobre a sociedade agorista; que o sucesso ele está como se fosse num ponto único, assim, tu tem uma única oportunidade de chegar a um ponto da tua vida, se tu não atingir, não é uma coisa assim %a, vai lá, tenta denovo+, é uma coisa assim, %não, se tu não atingiu o sucesso nesse ponto tu perdeu, tu não teve êxito e acabou+. E eu tava pensando muito nisso porque a leitura que eu fiz me fez pensar muito na minha vida e quando eu assisti o filme também pensei na minha vida. Porque quando agente está prestes a se formar fica aquela coisa %sangria desatada+, %tudo tem que dar certo agora, nesse ponto, nesse momento, eu tenho que ter sucesso, eu tenho que conseguir um emprego, eu tenho que não sei o que, eu tenho que ter um salário bom...+. E eu lembrei disso no filme porque me parece que tem uma tônica assim, me fez

lembrar desse texto que eu li, porque o pai dela fala a todo momento em sucesso, sucesso, te arma a toda hora a atingi o sucesso, como se o sucesso fosse uma coisa que está lá e que é atingível em um determinado ponto, se tu não chegar lá nesse exato ponto, tu parece que integra um outro grupo, de perdedores, que não acessaram o sucesso. E, não sei né, mas eu fiquei pensando um monte de coisas, associações livres assim...

Eu_ Claro, mas é pra gente ter uma conversa livre,...

P3_ Eu fiquei pensando na escola e parece que a coisa é muito assim; é agora, esse ponto, nesse momento, e tu tem que atingir o sucesso. Tu tem que ter esse sucesso. Não como se esse sucesso, que é relativo, fosse uma caminhada tua, uma construção tua. Tu na tua vida vai traçando o que é sucesso, %a que é pra ti sucesso?+ e quando, no decorrer da tua vida, tu vai atingir isso. E que no momento que tu atinjas esse ponto, já vai deixar de ser sucesso, daí tu vai querer outra coisa e assim vai...

Eu_ Que legal, que bonito isso que tu ta falando!

P3_ eu fiquei pensando tanto nisso . até porque o meu namorado ta nesse mesmo momento . %as coisas tem que acontecer, eu tenho que não sei o que, eu tenho que tal coisa,...+ Claro que isso ta muito relacionado, no livro ele diz até isso, com a questão do consumo, mas parece que é quase que uma... porque tu acaba, de certa forma, te impondo determinadas... %porque eu tenho que fazer isso, porque eu tenho que fazer aquilo, porque eu quero conseguir tal coisa!+ O pai no filme é uma coisa mais drástica, mais rígido, mas eu percebo que talvez eu as vezes pense assim dessa forma, %enho que ter sucesso, tenho que atingir o sucesso+, daí, mais ou menos, na minha cabeça eu já vou pensando %enho que fazer isso, tenho que fazer aquilo+pra atingir... Porque o meu sucesso tem que estar ligado com prazer também, não é um ponto lá que eu tenho que atingir... então fiquei pensando, tem a ver também como o momento que eu to vivendo, saindo da faculdade, de achar que as coisas tem que acontecer agora, de uma forma urgente. E que parece que depois que agente passa por isso..., se tu olhar; se eu olhar, cinco anos atrás, eu tava estudando pro vestibular, %eu tenho que passar no vestibular+ e aquilo era o ponto do sucesso, aquilo parecia muito mais urgente do que me parece agora. À priori, antes das coisas acontecerem, parece que te dá um impulso assim, bem dessa coisa: %agorismo+. Não sei mais o que eu podia falar...

Eu_ Eu tenho uma curiosidade. Pelo que tu me conta, agora, vendo esse trecho o que fica é isso. Mas tu chega a te lembrar, quando tu viu esse filme a primeira vez?

P3_ Faz tempo.

Eu_ Tu lembra, quando tu viu ele, se tu viu por acaso, na TV porque acabou passando, ou foi ao cinema sem saber que filme ia ver e viu ou se alguém te falou... como tu acabou vendo esse filme?

P3_ Eu acho que a primeira vez que eu assisti foi com os meus pais. O meu pai baixou da Internet. Depois eu acho que assisti mais uma vez inteiro e depois eu vi uns pedaços na TV porque tava passando...

Eu_ E das outras vezes que tu viu, o que tu te lembrava do filme. Se alguém te perguntasse: %tu já viu aquele filme Pequena Miss Sunshine?+ Daí quando tu respondia, o que tu te lembrava dele?

P3_ Tem uma parte que eu acho muito engraçada que é essa parte da Kombi (mostra a imagem da capa do DVD). É muito engraçado. E isso é uma coisa interessante assim porque, agora eu fiquei pensando no trabalho que eu fiz com crianças de pensar %a que tu acha engraçado nesse filme?+ E é uma coisa meio... eu não sei porque eu acho engraçada essa parte. Mas eu acho que tem várias coisas no filme, desde a morte do pai, a própria presença dela no concurso que ela se olha aquela parte que ela se olha com a barriga, parece que aponta assim como, não é bem isso, mas eu acho que só consigo formular assim, que as coisas vão assim numa perspectiva de um possível êxito e não dão certo. Ela se quebra. Essa é impressão que eu tenho; tem uma ruptura. Vai, a guria tá lá no concurso e tal, daí daqui a pouco, tem uma expectativa de qual é a música, e aquilo parece que quebra com aquele ambiente ou sei lá... Daí tá o pai, eles tão lá na viagem e daí o vô morre... Ou daqui a pouco tão lá e o guri descobre que é daltônico... Parece que tem uma quebra assim. E essa parte, eu não sei porque, me pareceu, me era muito engraçada. E tem outras partes do filme que são assim hilárias,...

Eu_ Tu te lembra de rir bastante?

P3_ Eu ri muito... ri muito... Aquela outra parte que ele entra no... que o vô pele umas revistas pornográficas pra ele e ele, gay né?, entra lá pra comprar e encontra o ex parceiro dele; é muito engraçado.. e o cara fica olhando assim as revistas dele... E agora também tava pensando nessa parte da Óliv quando ela diz: %que bobagem+ Tipo assim; %tu gostava de um menino, ai, que bobagem+ Daí tu vê né, que as vezes o que é construído já, principalmente pra nós, de que bom %alvez não seja adequado pra uma criança, ele ter gostado de um homem...+Hoje já não é tanto assim... Mas que ela poderia achar: %ai, como? Que nojo ou...+(a estudante fala com tom sério e de reprovação) Mas ela diz %que bobagem, a se apaixonou por um cara, a que bobagem (sorrindo com um tom leve). Uma coisa natural e depois continua perguntando %como é que não sei o que..?+ Pra ela talvez não tivesse esse caráter de suicídio, da morte, não ela só tava perguntando porque... Aparentemente não foi uma coisa assim..., ela tá ali comendo continua fazendo as coisas, batendo um papo, conversando... Não parece uma coisa tão, que ai, afete tanto ela saber que o tio dela tentou se matar e que ele é gay e toda historia dele enfim... Parece uma coisa assim: (com to super coloquial e banal) %me apaixonei por um cara...+tipo %já ouvi essa história, tá, tudo bem...+ Por que as vezes agente tem essa coisa da profissão assim, não querer falar na frente da criança... e aí faz umas emendas que fica pior ainda. Essa questão da morte, a mãe não fala ou um parente e diz %vô foi viajar+, como assim, viagem que não acaba nunca e me parece que pra criança é bem pior.

Eu_ Tu pretende, como tu vai te formar agora em Pedagogia, atua em sala de aula. Aí, vamos supor, como Pedagogia habilita pra isso, quando tu estiver trabalhando com Educação Infantil, ou com Anos Iniciais (que na maior parte das vezes é um trabalho com criança, tem também o EJA, não sei se tu pretende trabalhar também..), tendo esse campo assim possível de atuação, tu acha que algum dia poderia ter vontade (claro que

eu não to falando assim como uma regra %com certeza vou usar...+) poderia levar pra sala de aula? Ou tu acha que não; %esse tipo de filme não é bem o tipo que se poderia trabalha em sala de aula...+?

Eu_ Acho que sim. Eu to pensando agora, eu acho que a Olive produziria muitos insights. Acho que sim, fico até curiosa pensando o que eles fariam. Porque normalmente, pensando na experiência que eu tive lá, semelhante, de deixar eles assistirem e depois %lá, e aí?+O que sai depois é surpreendente...

Eu_ Essa experiência que tu tá falando é o que tu teve ao longo do curso...

P3_ Não.

Eu_ Da tua pesquisa do TCC? (aluna faz sinal afirmativo com a cabeça) E aí tu teve essa experiência e isso te faz pensar como ia ser se levasse esse filme?

P3_ É. Eu acho que surgiriam muitas coisas. Inclusive em grupo as crianças travam um debate sobre, porque, obviamente, uns tem uma opinião e outros outras ou veem de forma diferente, e surgem muitas coisas legais. Eu acho que surgiria muita coisa legal. Dessa parte que tu mostrou, dela se olhando e tal, certamente eles fariam disso com olhar da criança...

Eu_ E a parte que fala de sexualidade, que apreço alí um pouco com o tio, e, não sei se tu te lembra, quando o avô fala pro menino que fez o voto de silêncio: %e eu tenho um conselho pra ti dar na vida é: %ansa com o maior número possível de meninas++

P3_ A Olive está com um (faz com as mãos tapando as orelhas)...

Eu_ Isso, um fone de ouvido.

P3_ Tá eu lembro.

Eu_ Ela é uma criança mas não tá ouvindo. O que tu acha, será tu levaria?, Tu já disse que levaria, mas tu acha que ia ter alguma barreira ou ia ser tranquilo? Essa questão do tabu da sexualidade... da morte...

P3_ Não sei como que eles iam receber, né? Talvez eles tivessem um viés mais assim tipo %lha, que horror+ (falando com tom de voz pesado) Mas eu acho legal, agente acha que as crianças trazem talvez um discurso mais normativo/apelativo, mas não, surgem outras coisas assim... Alguns provavelmente iam se identificar com alguma coisa que tava acontecendo ali ou não, não sei. Mas eu acho que não é um impeditivo porque fala de sexualidade ou porque trata da sexualidade. Eu fico curiosa pra saber o que sairia. Acho que talvez com crianças mais velhas, diriam coisas mais, não porque não poderia passar pras mais novas, mas crianças de quarto, quinto ano que já tão vivendo a sexualidade de uma outra forma, sairiam coisas muito mais sobre eles, da vida deles, das experiências deles,...

Eu_ E tu tá falando isso como uma pedagoga em formação, né?

P3_ Sim

Eu_ E quando que tu acha, em que ponto da tua formação que tu elaborou esse teu posicionamento?

P3_ Eu vou ter que dizer que eu sou uma pedagoga em formação, mas que eu não acho que a minha formação... Mas eu não posso também dizer que não, porque o que mais me auxiliou nessa caminhada, o que favoreceu essa minha posição, porque tanto na área da educação como em outras áreas, qualquer coisa na tua formação tem que ter um momento propício pra ti parar e pensar sobre aquilo e formular as tuas hipóteses. E eu não tive esse momento pra para e pensar nessas questões do cinema nas disciplinas. Mas na *bolsa* eu aprendi muita coisa. Acho que talvez é uma coisa que não se atém só à educação, se relacionando com o cinema, eu acho que fala de uma perspectiva de educação super ampla, que areja as coisas, de ver aquilo de uma outra forma, que não é uma formação só técnica, que não reduz as coisas. Eu não poderia dizer que teve um ponto específico ou que eu acho uma disciplina ou um professor... Foi muito mais a minha vivência na *bolsa* que me oportunizou. Porque, até antes de entrar na bolsa eu tinha visões bem, eu acho, assim me olhando agora, se me perguntassem assim %como é que tu trabalha com um filme?+Eu ia passar um e depois fazer uma atividade. Ou alguma coisa bem semelhante. Poderia até levar filmes diferentes e achar legal isso, mas não ia senta e fazer uma atividade que fosse só fala, ou uma atividade que não fosse estruturada que não tivesse objetivos claros.

Eu_ E será que tu viu esse filme a primeira vez antes de entrar na Pedagogia ou depois?

P3_ De que ano é?

Eu_ De 2006.

P3_ É, eu acho que eu assisti antes então. Porque eu entrei em 2008.

Eu_ Ele ganhou o Oscar de 2007. Porque estreou em 2006.

P3_ Então com certeza eu assisti antes.

Eu_ Tu viu na época que ganhou o Oscar?

P3_ É.

Eu_ E será que se, naquela época, alguém perguntasse assim pra ti: %Será que dá pra passar esse filme na escola?+..

P3_ Talvez eu acho que eu ia achar que sim. Mas muito mais pela discussão dessa questão da Olive no concurso de beleza, pra discutir essas questões assim de diferencial, o que é bonito e o que não é, de quanto seria legal uma criança naquela posição ou não... Mais pra isso, por uma questão muito mais de crítica em relação, já com uma questão apontada assim. Seria mais a minha cara naquela época usar o filme pra criticar. Porque depois que eu entrei na faculdade muitas coisas na minha cabeça mudaram, báh, da água pro vinho, naquela época eu teria bem mais essa perspectiva; de querer usar pra que as crianças . não sei se eu ia querer ouvir o que as crianças iam dizer . mas sim uma questão pronta de %lha só, será que é legal a gurias estar aqui, essa função, essa maquiagem,+.. Acho que eu ia me ater a isso.

Eu_ Eu quero te fazer uma última pergunta: Tem algum dos seis personagens da família com o qual tu te identificas mais? Se não tem, não tem. Não precisa também escolher um...

P3_ Não sei. Não tem um assim que eu me identifico muito com ele. Não me identifico muito com nenhum deles. Agora eu to pensando, tem outra cena que eu achei bem legal que é quando o tio tá conversando com o

sobrinho e eles tão..., a Olive está no concurso e eles começam a falar da escola tipo %escola é uma droga, tudo mundo rindo da tua cara...+Aquele é um momento do filme que me marcou, que eu pensei bastante sobre isso depois.

Eu_ Tanto é que tu te lembra da cena agora, sem ter visto ela e já faz tempo que tu viu o filme a última vez...

P3_ Pra mim, a escola acho que não teve tanto esse viés, mas eu fiquei pensando sobre a escola, o que significa a escola pra todo mundo... Mas acho que não tem, eu não sei se teria uma pessoa que mais me marca... Acho que a mãe dela me lembra um pouco a minha mãe, bem mãezona, sempre ao redor dela, querendo proteger ela... Mas não saberia dizer, sei da minha mãe (risos), mas eu não saberia dizer com quem eu me pareço.

Eu_ Tem mais alguma coisa que tu gostaria de falar?

P3_ Não, acho que eu já falei bastante (risos...)

Eu_ Muito obrigada, eu tenho um bom material agora.

TERCEIRA CONVERSA:

- Na sala do NEMES da Faced da UFRGS, durante aproximadamente 80 minutos de tempo eu e três professoras em formação dialogamos e assistimos juntas a trechos do filme.

- A estudante de Licenciatura em Pedagogia 4 (P4), a estudante de Licenciatura em Pedagogia 5 (P5) e a estudante de Licenciatura em Pedagogia 6 (P6), já haviam assistido ao filme, mais de uma vez, em período anterior a nossa conversa.

- Inicialmente assistimos ao trecho 2. Após um breve diálogo assistimos ao trecho 4. Depois de um diálogo mais extenso que o primeiro, por escolha das estudantes, assistimos ao trecho 3. Esta conversa teve uma característica diferente dos outros encontros com os professores em formação porque, durante a apreciação dos trechos do filme as estudantes já emitiram algumas considerações das mesmas sobre a narrativa. Além disso, as futuras docentes se expressaram também entre as projeções dos trechos do filme, conforme pode se observar pela seguinte transcrição:

Eu_ Então gurias, o objetivo é agente se divertir juntas. É pra ser um momento prazeroso. Não precisa olhar o filme já pensando %em alguma coisa pra falar+. Então vou colocar a primeira parte.

Assistimos ao trecho 2:

Enquanto o irmão escreve em um bloquinho de papel a P5 diz: _ Ele não fala, mas escreve...

Quando a mãe coloca o copo com o desenho de um mascote infantil de uma rede de *fast food* norte-americano para o tio, todas as estudantes dão risadas.

No momento em que vemos o irmão retirando um pedaço de frango da embalagem, a P4 diz com estranhamento: _ O que é aquilo? É frango?

No instante que Olive chega na sala e diz oi ao tio, a P4 diz: _ Que linda...

Enquanto o pai diz %Podemos aprender algo com Dwayne. Ele tem um objetivo.+ a P6 fala: _ Que cara chato!

Ao continuar da cena o pai diz também: %e como Dwayne utiliza pelo menos sete deles em sua busca pela realização pessoal.+P5_ O que será que ele (o irmão) pensa disso?

Em determinado momento, referindo-se ao contexto geral do que víamos na cena, a P5 diz: _ Que manicômio!

Quando o pai está falando %O importante aqui é entender que tio Frank desistiu de si mesmo. Fez escolhas tolas e desistiu de si mesmo, que é algo que os vencedores nunca fazem.+ uma das estudantes diz: _ Que cara idiota.

No instante em que Olive diz %Bequena Miss Sunshine?! O quê!?!+e levanta-se para ir até o telefone a P5 diz sorrindo: _ A pancinha dela, que amor!

Outra maneira de expressão das estudantes sobre as suas percepções acerca do filme, além das falas, são as risadas e gargalhadas durante determinados acontecimentos do filme. Alguns exemplos:

Quando o avô chega na sala e diz %O que é isso, frango? Toda noite é essa droga de frango. Meu deus do céu as estudantes dão risadas

Quando a mãe diz a Olive que o tio não teve um acidente e que ele tentou se matar, as estudantes dão risadas ao ver o rosto do pai que é focado nesse momento.

Enquanto o tio explica pra Olive seus motivos para a sua tentativa de suicídio, no exato instante em que ele conta que estava apaixonado por um menino, as estudantes riem ao ver o rosto dos outros personagens em close. Também as risadas surgem quando, sobre essa mesma questão do diálogo entre o tio e sobrinha, Olive diz que foi uma bobagem Frank ter se apaixonado.

Outro momento de gargalhada das estudantes ocorre enquanto Olive emite seu grito estridente de felicidade que dura alguns segundos.

Logo que pausei o filme para iniciar o outro trecho, duas das estudantes emitiram o som %Ó...+, demonstrando que não gostariam de para de assistir ao filme. Então eu disse:

_ Mas tem mais um pedacinho, menor que esse...

P5_ Essa parte dá vontade de assistir ao filme inteiro.

P6_ Eu também... Sabe o que eu lembrei, vocês já leram aquele livro *O Segredo*?

Todas em coro_ Não

P6_ O pai me lembra, é muito chato o livro. Porque diz assim %tu pode conseguir qualquer coisa que tu quiser+, é absurdo. Eu comecei a ler porque %é um sucesso+daí uma amiga minha tinha na estante e eu %vou pegar esse teu livro+, só pra ver porque todo mundo diz, né? Eu comecei a ler e que absurdo. Tudo é uma questão de força do pensamento; assim: %eu quero ficar rico, eu quero ficar rico...+(as estudantes dão risadas) É um absurdo esses livros!

Eu_ É autoajuda, né?

P5_ Mas isso é bem complicado porque, é esse lance do principio neoliberal de responsabilizar a pessoa pelo fracasso e pela derrota dela sendo que não é bem assim...

Isso que não precisava pensar... (risos)

Eu_ Aí a outra parte é mais lá no finalzinho do filme...

P4_ Mas agente não vai falar mais sobre essa parte? (as estudantes dão risadas)

Eu_ Vamos. Agente pode falar das duas juntas. Tu quer falar alguma coisa antes de ver a outra? (risos)

P4_ é que, se eu não lembrar dessa? (risos)

Eu_ Não tem problema. Não é prova... (as estudantes dão risadas)

Assim, o que ficar na tua memória, é porque teve algum sentido. O que não ficar...

Assistimos ao trecho 4:

Eu_ Aí, é já no final do filme, no concurso.

P5_ É muito legal as partes do carro... (referindo-se a cena que antecede o começo do trecho 4.) Até o corte de cabelo do cara, é bem o tipinho dele...

P6_ Meu namorado tem o cabelo assim. (risos)

No momento do filme em que ouvimos a voz de um homem que está no palco com o microfone falando: %Senhoras e senhores, bem-vindos ao 24º concurso Pequena Miss Sunshine!+ e a plateia aplaude enquanto o rosto do apresentador aparece em close, as estudantes dão muitas risadas e a P5 diz: _ A cara do apresentador..., bem norte-americano.

Enquanto as meninas que estão participando do concurso do filme aparecem, pouco a pouco, na cena, as estudantes P4, P5 e P6 dizem: _ Parece uma mini-mulher. _ Isso choca, né? _ Ai que linda essa! _ Ai isso é filme de terror! _ Aquela ali é assustadora!

No instante em que uma das meninas está desfilando, nos é mostrado um plano onde podemos ver o pai e um pedaço da plateia que o cerca. Todas as outras pessoas estão aplaudindo e sorrindo enquanto ele faz expressões faciais de estranhamento e de surpresa. Então, a P5 diz: _ O que será que o pai dela tá pensando, né?

No momento em que Olive desfila podemos perceber uma tensão no rosto da pequena atriz. Ao olhar para a plateia e ver o pai lhe aplaudindo e sorrindo, a personagem sorri também e parece diminuir seu nervosismo. Então, a P5 diz: _ Ó, pelo menos isso, né?

Logo que pausei o filme para iniciar o diálogo, as estudantes novamente emitiram o som %...+, demonstrando que não gostariam de para de assistir ao filme e uma delas disse:

_ Não acredito... (risos)

Eu_ Depois agente vê mais um pouco... Aí gurias, já no meio da conversa com vocês foi diferente, porque das outras vezes as gurias falaram bem pouquinho no meio, ou só davam uma risadinha...

P4_ P5_ P6_ ...e agente não calou a boca. (as estudantes dão risadas)

Eu_ Não, mas daí eu fui anotando as coisas que vocês falaram e já tem muita coisa legal.

P4_ P5_ P6_ Sério, já? (risos)

Eu_ Então eu vou partir daí porque tem umas coisas que eu anotei aqui, tipo lá no começo... Ou melhor, primeiro eu queria perguntar se vocês tem alguma coisa que veio, que vocês queriam contar que lembraram, que veio à cabeça...

P6_ Eu tenho, quando eu era pequena, minha avó me colocava em concurso de beleza.

P4_ P5_ Sério? (as estudantes dão risadas)

Eu_ E tu gostava?

P6_ Eu odiava. Eu não sei ri em foto, hoje em dia, por isso. Eu acho, né. Eu tinha pavor. Eles me pegavam tipo uma bonequinha, minha mãe me puxava os cabelos, minha avó vinha %ó um blushzinho+ (nota: diminutivo da palavra blush, tipo de produto de maquiagem utilizado no rosto)... E aí eu lembro, eu tenho foto, foram dois, não era tanto assim, só no bairro, eu lembro de um que eu ganhei que foi de %a mais bela prenda+, a minha cara nas fotos tava assim ó (faz cara de desânimo e tédio) e eu lembro que a minha tia antes de eu subir no palco . imagina eu acho que eu tinha uns dois anos . e eu lembro da minha tia falando %ão te chamar porque tu vai ganhar. Não sei se era combinado, vai ver era até combinada. Eu era a mais bonitinha, dois anos de idade, toda arrumadinha, loirinha e as outras eram umas baita de umas mulheronas (risos). Não tinha como não ganhar. Era impossível não ganhar. E aí a minha tia falou %tu vai lá no palco e diz tal coisa e tal coisa e tal coisa+ e aí demorou muito e eu tava morrendo de sono, de vontade de dormir e esperando... Elas me chamaram no palco e aí tem as fotos, o cara me entrevistando e eu com uma cara assim de %ai to odiando isso+ E aí a minha prima, eu tinha ganhado esse concurso, e tinha o de mais bela prenda do colégio da minha prima. Só que no de colégio tu tinha que comprar, quem mais vendesse rifa ganhava. A minha avó comprou todas as rifas do colégio pra minha prima também ganhar (risos). E aí a vó tinha a foto das duas com a faixa de mais bela prenda, só que foi estranho porque assim, eu ganhei porque %om, tinha dois aninhos+a minha prima já era maior e a minha vó comprou todas as rifas do colégio. Não era no mesmo lugar, o meu era num galpão assim, tipo CTG, e a minha prima era num colégio. Eu lembro direitinho. E eu lembro dos comentários da família, tipo, %a ... ganhou porque era bonitinha e a ... ganhou porque a vó comprou as rifas+ Eu lembro direitinho desse tipo de comentários e é uma coisa muito feia, né?

P5_ Tipo, ganha ou ganha, não tem outra opção.

P6_ É porque aí, pra minha prima não ficar chateada ela pensou, eu vou comprar todas as rifas porque as minhas duas netas tem que ser %as mais belas prendas+.

Eu_ E tu lembra de dizer que não queria, ou tu queria?

- P6_ Eu não lembro, eu não sei qual era a minha, eu sei que nas fotos eu tava com uma cara sempre assim (faz cara de tédio). (risos)
- P5_ é por que criança não tem querer, né? Tu não viu o cara falando quando ela chegou, como é que ele dizia que feliz, tu já quase uma pessoa+(referindo-se ao trecho 2 do filme), uma coisa assim, né? Pô, né? Tirando a guria pra...
- P6_ É, e eu acho que é muito influência da família. Eu lembro que a minha mãe e a minha avó, eu acho que eu nem queria, eu nem sabia, eu só tava lá porque era o %maravilhoso tu ganhar+.. (risos) Era ter sucesso total!
- Eu_ E quando tu cresceu tu não conversou com a vó...
- P6_ Não, eu acho que eu era muito bonitinha até uns cinco anos. Depois disso eu fiquei... eu lembro que a minha mãe falava, não sei se era minha impressão, eu fiquei horrível. Eu lembro que a minha mãe falava do meu cabelo %quando eu cuidava do teu cabelo...+
- P5_ Minha mãe falava a mesma coisa.
- P6_ %depois ficou horrível...+
- P5_ As mães são cruéis com essas coisas, né?
- P6_ É, meu dindo também uma vez me falou %tu era tão bonitinha quando era pequena+e eu %dindo...+Devia ter uns dez anos, eu era horrível quando tinha dez anos, era gordinha; eu lembro que eu engordei depois. Mas eu lembro que eu tinha essa coisa assim de %ai, eu não sou mais bonitinha...+
- Eu_ E isso te deixava triste?
- P6_ Sim, me deixava triste. Agora eu entendo, mas na época eu não entendia. Pelo meu pai também eu sempre fui %tu tem que ser a menininha, a bonitinha, fecha as pernas, não senta de perna aberta...+Coisas assim, esse tipo de comentário.
- P4_ Eu achei interessante, na primeira parte do filme, o pai aparece assim, como, representando a família meio que perfeita. Ele %parece que é perfeita+e chato, ele até, naquela cena do menino que é super estranho até, é estranho o cara parar de falar, né? E ele vê um lado positivo. Eu achei estranho isso. Só que na segunda cena, ele aparece, já estranhando aquelas meninas maquiadas que parecem mulheres, adultas, e daí parece que é outro personagem na segunda cena, ele parece que é outro personagem. Ele vê com estranhamento aquela cena que é estranha. E já na primeira cena, ele é que parece estranho, porque tá acontecendo várias coisas ao redor dele e ele tá falando dos pontos dele lá... (risos) eu achei engraçado que parece que nem é o mesmo personagem, na primeira e na segunda.
- P6_ Ele é muito chato, né?
- Eu_ E quando tava rolando a primeira parte, qual de vocês três que falou, essa foi muito boa, %que manicômio+? (estudantes dão risadas)
- P5_ Foi eu.
- Eu_ O que tu viu ali de manicômio? Te a ver com isso que a P4 tava falando?
- P5_ O cara tentou se suicidar, o guri não falava, o velho... cheirava cocaína , mas não apareceu aqui, só loucura, né?
- P4_ Mas a mãe parece...
- P5_ E a mãe ali tentando mediar aquela gente toda.
- P4_ É, ela parece que é uma pessoa a parte.
- P5_ E ela tentando acalmar os ânimos de todos os lados.
- P6_ Eu gosto daquela mãe. Ela parece uma pessoa assim tão tranquila, né?
- P5_ Se eu fosse ela eu já teria separado há muito tempo... (estudantes dão risadas) Mas tu viu que naquela hora que ela falou do voto de silêncio do guri ela também achou aquilo ali super legal, ela já tava contaminada com o pensamento do cara.
- P4_ Quando?
- P5_ Ela falou pro irmão dela %ele fez voto de silêncio pra entrar pra...+super feliz assim. Não lembra?
- P4_ Mas eu acho que ela não tava feliz. Ela só contou o que aconteceu.
- P5_ Mas também não tava muito preocupada, né?
- P4_ Mas ela parece que é a mais centrada ali na mesa.
- P6_ Ou eu acho que é o guri. Ela eu acho que é a mais conformada.
- P4_ Tá, mas ele tá mudo, ele não fala com a família...
- P6_ Mas eu acho ele o mais equilibrado; ele só ta fazendo um voto de silêncio e...
- P4_ E ele concorda que o pai é louco.
- P6_ Ele percebe as coisas, em meio aquela confusão,.. E a hora que ele percebe que ele é daltônico, é bem legal também ,né? Que é a hora que ele fala...
- P4_ Todo mundo ta descontrolado na família, mas eles se reúnem à mesa, isso é um sinal assim...
- P5_ Uma tentativa de família perfeita. Né?
- P4_ Que toma café junto...
- Eu_ Teve uma hora, que eu acho que foi a P4que falou, que reparou no frango, né? (estudantes dão risadas)
- P5_ Que vem numas latas, né?
- P4_ Porque assim, frango, eu acho que veio pronto, porque assim, pelo jeito que ele abriu... (estudantes dão risadas) Super industrializado!
- P6_ O avô ainda falou %frango de novo+(estudantes dão risadas) e o pai respondeu %quando quiser cozinhar fica à vontade...+
- Eu_ E aí passou um tempo e alguém falou assim: %Bem norte-americano+
- P5_ Ahhh, foi eu.

Eu_ E aí, quando eu fiz essa roda de conversas pela primeira vez, surgiu também esse papo. Não foi exatamente na mesma ordem, mas as pessoas também falaram %o que era aqueles frango pronto? (estudantes dão risadas) Muito mesa norte-americana...+Então, legal de ver, né, como tem algumas falas que se repetem...

P5_ É, só que eu tinha falado em relação ao apresentador, que ele era... os dentes bem brancos, aquela coisa (com tom de voz irônico) (estudantes dão risadas)

P6_ Mas eu acho que as guriinhas também tem muito cara de norte-americana.

P5_ Ai, aquelas guriinhas são pior... Não tem nem como comparar com norte americano, não sei nem o que é aquilo, uma aberração... Mas é mais ou menos o que agente vive agora; tu vai comprar um sapato pra uma criança é não acha sapato sem salto, por exemplo...

P6_ É mas eu acho que é diferente, porque aquilo é tipo uma violência com a criança.

P4_ Só que a menina, apesar dela ser normal, ter um jeito normal de criança, eu acho que ela tem um desejo de ser igual aquelas outras. Principalmente por causa daquela cena do espelho. Ou se não é um desejo, ao menos ela acha estranho ela se diferenciar. Talvez ela nem se dê conta de porque, mas ela vê um estranhamento ali também, né?

P6_ É que eu acho que ela e as outras meninas são diferentes no jeito que elas pensam sobre isso, sobre o concurso... Por que as outras meninas, tu vê naquele programa que dá, vocês já viram,... Pequena Miss, alguma coisa assim...

Eu_ Já falaram desse programa, quando falaram do filme. É um que dá um canal Discovery não sei o que, Pequenas Misses...

P4_ E ela acha que tem que ganhar porque ela ensaia todos os dias, enquanto as outras acham que tem que ganhar porque elas representam um padrão.

P5_ E é também o que o pai dela falou %e ela quer ela vai conseguir+

P6_ É, mas eu não acho que as outras achem essa coisa que vão ganhar, é mais a coisa da família. Nesse programa, esse Pequenas Misses tu vê que é a mãe. Às vezes a criança tá lá de saco cheio e a mãe ficava insistindo, a mãe fica torcendo, a expectativa da mãe na plateia que é muito marcante. Um dia eu vi que eram duas gêmeas. Uma gêmea não era tão bonita quanto a outra. (risos) Me marcou o programa, e aí a mãe falava na entrevista %u sei que fulana vai ganhar por que é linda, a outra talvez não ganhe nada+ Acabou a outra ganhando uma coisa e ela disse %a ganhou isso... mas a outra ganhou tal concurso!+

P5_ Ai que crueldade.

P6_ É bem chocante esse programa. Aí que tá, eu acho bem chocante esse programa. Eu acho que pra um monte de gente não é chocante. Agente que estuda educação acha chocante...

Eu_ Mas, P4, uma hora tu achou bonitinha uma das meninas, né?

P4_ Ai, achei, bem bonita.

P5_ P6_ Ai credo.

P4_ Aquela hora, uma moreninha, acho que ela parecia comigo... (as três estudantes dão risadas) Achei bonito.

Eu_ Mas, ao mesmo tempo que tu achou bonito tu compartilha dessa ideia da validade desses concursos de beleza?

P4_ Não, eu acho um absurdo isso, mas ela parecia uma bonequinha... (as três estudantes dão risadas)

Eu_ Gurias, vocês acham que esse filme tem alguma coisa a ver com educação? Com essa área que agente estuda?

Todas respondem que sim.

Eu_ Unânime?

P6_ Acho que mais por uma construção de valores. Porque beleza... No meu estágio eu mostrei um livro e disse %o dragão é feio+ou %o bonito+e aí a professora que tava me observando depois me chamou atenção dizendo %u nunca fala...+, não, a criança, na verdade, que me falou que era feio e eu disse %ão, é bem bonito esse dragão+ e a professora me criticou falando que não podia corrigir a criança dizendo que tal coisa é feia ou bonita.

P5_ Deixar a criança formar a sua opinião, né?

P6_ Aí ficou marcado, que eu nunca mais fiz isso, eu deixei sempre... Acho que é isso, que a beleza tu não pode construir um valor em cima.

Eu_ E vocês duas, o que vocês acham que tem a ver com educação?

P5_ Acho que são várias formas de educar, né? Por exemplo aquela hora ali da mesa: o cara tá tentando passar um tipo de educação ali quando ele fala que não é pra guriinha saber do lance do tio e a mãe já tá impondo outro tipo de educação %a vai saber de qualquer forma, então...+Aí da pra pensar dois tipos de educação que uma vai de encontro com a outra. E o guri também, né, aquilo que o pai fala, que ele é determinado, também é educação.

P4_ Eu acho que essas cenas, pelo menos, tem a ver com o que as pessoas esperam. Pelo menos o pai dela, ele dá palestras pras pessoas serem vencedoras. Esses concursos também; é o máximo que uma mulher poderia ser de beleza, %o mulher mais bonita+ Então são várias visões do máximo onde tu pode chegar, mas de acordo com um padrão que é estabelecido que totalmente assim... . sei lá . desvirtuado.

Eu_ E a educação?

P4_ A educação escolar?

Eu_ Com a concepção de educação que tu entende por educação como uma futura professora.

P4_ Acho que eu falei no geral mesmo, não sei dizer especificamente.

P5_ Na minha, esqueci de falar que o velho representa uma transgressão. Porque ele tá ali, de lê a reclamar e quer botar um caos naquela ordem.

Eu_ E na educação o que tu acha?

P5_ É que ele representa uma forma de não se acomodar, por exemplo, com o frango todos os dias. Ele poderia comer e ficar quieto, (risos) mas ele tá reclamando!

P4_ Mas eu acho que agente pode pensar assim, na educação: às vezes, na escola, agente também tá dando aula pra tornar pessoas vencedoras, então agente tem que tomar cuidado com isso. Ou é pra passar no vestibular, ou é pra ... então na escola agente tem que refletir sobre essas coisas.

P6_ Tipo, %a que é ser vencedor?+Né?

P4_ Mas a culpa não é dos professores...

P6_ Na verdade, na educação, tu sempre tem metas a atingir, né? Por exemplo, na Educação Infantil..., é, na Educação Infantil não tem metas tão definidas...

P5_ É por isso que a Educação Infantil me irrita...

P6_ Eu não, é por isso que eu gosto da Educação Infantil, porque tu não tem tanto as metas pra atingir...

P5_ Ahh, mas aquelas coisas de horário que é super...

P6_ Mas não são metas tão formais... Depende de cada professor. Ou dos pais. Depende muito dos pais sem dúvida! Nas Séries Iniciais tu tem a meta de %a tem que passar de ano...+

P4_ E é bom que tu seja o melhor. Tem a ver com concurso. Porque alguém sempre é o melhor nos concursos. E acho que na escola também, às vezes tem essa correria pra ser sempre o melhor. As pessoas sempre elogiando, aquele lance que agente recebia estrelinha quando tu te destacava. Então, ainda se busca isso, né? Mas cada um, por exemplo, o meu melhor pode ser bem diferente do de vocês. Então não tem como medir, o que é o melhor...

P6_ Eu acho que sempre fica assim; o professor compara um aluno com o outro. Tu é melhor, se tu é melhor que outro. Nunca é simplesmente melhor. Na nossa sociedade toda é assim, tu nunca é simplesmente melhor. Tu só é melhor se for em comparação com outra pessoa.

P5_ é por isso que eu acho a EJA bem mais tranquila e mais gratificante pro professor. Na EJA tu vai avaliar o aluno pelo que ele é, pelo parâmetro dele mesmo. É bem diferente da Séries Iniciais, onde rola mesmo essa comparação, né?

P6_ Mas aí é que tá, o pessoal das Séries Iniciais que foi excluído disso,

P5_ Acaba indo pra EJA. E é por isso que a EJA tem essa importância de ser diferenciada. Tem gente que vê como um ensino continuado, mas não, é uma Modalidade de Ensino diferente.

Eu_ Uma coisa que eu preciso saber, que é mais pra constar aqui, todas vocês já tinham visto o filme antes?

P4_ Eu assisti faz um tempo.

P5_ Eu assisti todo ele.

P6_ Eu já tinha visto, mas nunca vi inteiro assim, já tinha visto por partes. Da metade pro final, eu sempre pego na TV pela metade...

P5_ Não eu não. Agente pegou na locadora, e antes de entregar eu quis ver de novo! É muito bom, adorei.

P4_ Eu não lembro quanto tempo faz que eu assisti, mas me passou pela cabeça, eu não sei se isso não tem a ver com o filme que eu vi com a P5, mas, me passou pela cabeça que, no final ela ia se arrumar de um jeito e ia ficar parecida com as outras.

P5_ Era o que tu esperava que acontecesse?

P4_ Não, mas eu, dependendo da época que eu assisti, pode ser que isso tenha passado pela minha cabeça. Mas eu não lembro. Porque agente olhou um filme, eu e a P5, que era...

Eu_ Lembra o nome?

P4_ Bem Vindo a Casa de Bonecas OU Casa de Bonecas. Que a menina é tipo ela assim, usava cabelo preso, usava óculos,...

P5_ Não era essas que chamam de popular da escola.

P4_ é, e ela era bem %a+ assim. Tava passando naquele negócio da Sala Redenção, Na contra Mão de Hollywood, foi assim, do início ao fim ela vai ser ela mesma, com a personalidade dela e as roupas dela. Mas, tem muitas vezes que agente olha os filmes, a pessoa começa daquele jeito, mais desarrumado e quer ser a popular e depois ela vira a mais linda da escola e consegue o cara mais legal da escola também. Só que nesse filme não acontecia isso. Ela ficava com o cara mais loução, que ele era bem louco, e ele se apaixonava por ela, mas ela continuava sendo ela mesma e isso foi muito legal.

P5_ E até agente comentou: %a é que ela vai ficar bonita?+(risos)

Eu_ E vocês esperavam que ela fosse ficar bonita?

P5_ Não, porque agente sabia que era na contra mão de Hollywood. Mas agente chegou a comentar isso e deu risada quando agente falou. Era óbvio que não.

Eu_ E tem algum dos seis personagens que vocês se identificam mais do que outros? Ou então algum ponto, %a esse ponto eu me identifico com tal personagem...+?

P5_ Ahhhh, pensei uma coisa tão horrível de se dizer: Não que eu queira me identificar com o tio, mas aquilo ali é um risco acho que pra mim, pra qualquer um de nós, que tá na vida acadêmica, porque o cara é super intelectualizado, estudioso de Proust,

P4_ Quem é Proust?

Eu_ É um escritor francês que é super reconhecido na academia...

P5_ Então, eu fico pensando que um cara desses, super intelectualizado, por coisas que, são valores, tenta acabar com a vida dele. Ele, mais do que ninguém, poderia saber que a vida não se reduz a isso; ele perder esse emprego, ele perder esse amor... Eu não quero uma vida dessas, uma pessoa totalmente bitolada no meio acadêmico que acha que só aquilo existe. Mesmo que eu consiga, um dia, esse ideal profissional que é ser uma professora acadêmica, como daqui da UFRGS, eu não quero pirar com a minha vida pessoal assim, como eu acho que esse personagem era um extremo.

P4_ Eu não me lembro exatamente da personalidade de todos os personagens. Mas a menina, não que eu me identifique com a menininha, mas aquela hora que ela tava ali no espelho... Por que assim ó; ela sabe que ela ensaia todos os dias, ela pensa que ela tem potencial pra ganhar o concurso. Só que, daí ela vê todas aquelas meninas que tão num padrão perfeito e ela pensa %Será que eu é que to errada? Será que eu tenho que ser igual a essas meninas?+. Então às vezes é isso, existe um padrão de beleza estabelecido e eu me identifiquei com essa cena de às vezes ficar olhando no espelho e... (as três estudantes dão risadas)

Mas também tem aquele irmão dela. Porque na mesa eu não achei ele tão estranho. Ele tava revoltado com aquela família que ele tinha. Só que eu não lembro como que ele era nas outras cenas... Até aquela hora que o tio fala %ocê aguenta ele toda hora?+Por que esse cara, o pai, é um chato e ele falou %pois é+. Então não parece que ele tá alienado. Parece que ele tá indignado com uma coisa que tá acontecendo. Só que daí eu não lembro como ele era nas outras partes do filme.

P6_ Eu acho que ele queria mostrar a revolta dele com a família.

P5_ Tanto é que se ele fez um voto de silêncio, se fosse pelo voto ele devia nem se comunicar e ele se comunica pela escrita. É como se ele estivesse se boicotando.

P6_ É, mas imagina só se teu filho para de falar. O que tu ia fazer?

P5_ Eu ia me preocupar, não ia achar legal.

P6_ Sim, mas, talvez, seja justamente isso que o guri quisesse...

P5_ Sim, sim, com certeza. Eu também acho isso.

P4_ Eu acho que ele era legal! (risos) Vocês não acham?

Eu_ A minha opinião é de que ele é muito legal!

P5_ Tu também acha Gabi...

P4_ Mas Le vai falar até o final do filme, né?

Eu_ Vai. Vocês querem ver a cena que ele volta a falar?

P6_ Sim, não é naquela hora que eles param o carro...

Eu_ É, que ele descobre que é daltônico.

P5_ Vamos ver essa parte!

Assistimos ao trecho 3:

Muitos comentários surgiram ao longo da apreciação desta parte do filme, mas, no momento em que Olive está subindo a ladeira do morro com o irmão, foi dito o mais significativo para o contexto:

P5_ Ela foi a única que deu carinho pra ele.

Eu_ Agora, vocês tão se formando, vão trabalhar em escolas ou em outros tipos de espaço educativo, com crianças ou com adultos. Vocês acham que esse filme poderia estar presente em algum momento de trabalho de vocês? Ou não, vocês acham que esse filme não é muito adequado para estar em um espaço de educação?

P5_ Eu acho que sim. Tem vários elementos que dá pra conversar; tanto com adultos como com adolescentes ou com crianças. Pra todas as idades eu acho legal ver esse filme e analisar junto com os alunos, eu acho bem legal.

P6_ Eu acho que criança muito pequena não. Ele não é um filme pra criança, se for pensar...

P4_ é, depende da idade.

Eu_ A partir de que idade vocês duas acham que...

P4_ Eu acho que 10 anos

P5_ Eu acho que uns 7, 8, já estão entendendo.

P6_ Eu acho que não é uma questão de entender.

P5_ Eu acho que não é só olhar. Tem que olhar com alguém ali mediando.

P4_ Eu acho que agente poderia usar esse filme como ferramenta pra trabalhar com certas idades, mas dá pra trabalhar essas mesmas coisas, sem o filme, com os pequenos.

Eu_ Mas e o filme pelo filme, sem trabalhar nada? Só assistir e depois conversar.

P6_ Eu acho que pra crianças maiores dá. Pra debater valores mesmo. Sobre isso que agente tava falando; não sobre %vencer+, acho que é muito..., tanto pelas nossas experiências, a minha, por exemplo, de concurso de beleza, depois quando eu era menos bonitinha, eu não entendia porque, o que eu era menos... Uma criança até dez anos não consegue entender isso, é muito mais complicado... Acho que com adolescente, esse filme é ótimo pra discutir isso.

P5_ Eu não acho. Eu acho que dá pra trabalhar com criança. Talvez por isso eu esteja na área da EJA, né? (sorriso) Eu acho que daria pra trabalhar, eu trabalharia. Sei lá se ia ser demitida... eu trabalharia.

P6_ Mas o filme em si, eu acho que não dá com criança.

P4_ Tá, o filme é legal e tudo, mas, voltando pro lance da competição; não é fácil tu ficar, como agente ficou várias vezes aqui na faculdade, discutindo se a sociedade ainda não mudou, né? Na escola as pessoas querem entrar para o vestibular. Então, se tu é professor e vai lá e diz que nos temos que estudar outras coisas que são importantes, não só estudar pro teste tal... As pessoas não vão querer. Não tem vaga na universidade pra todos. Alguns sempre vão ficar de fora. Emprego também não tem pra todos. Então, por mais que se queira trabalhar e refletir sobre essas coisas na escola, se a sociedade não mudar junto, vai ficar só na reflexão, né... A competição ainda existe.

P6_ Sim, até no padrão de beleza; é difícil tu falar pra uma menina %tu não precisa ser esse tipo de bonita. Isso não vai fazer diferença na tua vida...+por que é isso que tu acredita. Mas não adianta porque vai fazer diferença na vida dela; ela vai ganhar mais coisas se ela for mais bonita! Então como que tu vai falar isso?

P5_ Alguém tem que falar, né?

P6_ É, eu também acho que alguém tem que falar...

P4_ É, mas por mais que agente questione esse lance de beleza que aparece no filme, isso tem relevância na nossa sociedade ainda. Tu ser mais bonito, tu usar maquiagem, tu ser magro; traz vários aspectos assim: pra tu aparecer na TV, pra tu conseguir um trabalho... Pra várias coisas.

P5_ Mas eu acho que a escola seria o lugar ideal de problematizar essas coisas. Em casa, muitas vezes, os valores dos pais são esses mesmos e pronto. Ou não. Mas a escola, eu acho que ela tem essa função de fazer esse papel de problematizar isso, não interessando se a criança tem isso em casa ou não.

(Todas falam ao mesmo tempo.)

P5_ Imagina se ninguém falar sobre isso. Se tem alguém pra ti dizer, se tu não é o padrão magra, que bom se tiver alguém no colégio pra ti falar que isso também pode ser normal, que não existe um padrão. Eu acho que é uma obrigação do professor.

P6_ Eu também acho. Só que tu tem que reconhecer a não efetividade disso na vida de uma pessoa. Por que tem todo um contexto, tem a mídia, tem a família, que são muito mais fortes que a escola na vida das pessoas.

P5_ Sim, não centralizar na escola, mas eu acho que e a escola tem esse poder...

P6_ Eu também acho. Só não acho que seja tão forte quanto a mídia.

P4_ Com certeza, por exemplo, a mídia, que faz com que apareça o que é o padrão de belo, tem muita coisa envolvida, né? Tem a indústria de cosméticos, venda de maquiagem, de roupas, de marcas, de sapatos... Todo ano tem uma nova coleção de tudo pra que agente fique sempre comprando, porque num ano é a calça larga, noutro é a calça justa... Porque se não for assim, a indústria não consegue vender tudo que produz. Mesma coisa com carro, com tecnologia, celular, computador... Por exemplo, celular. As vezes não tem diferença pra trocar o celular, não tem necessidade... mas troca por status. As pessoas precisam ser lindas e aparecem bonitas e com coisas novas...

P6_ Eu fico me perguntando se a escola tem o poder de mudar um padrão social?

P4_ Não.

P5_ Sozinha não. Mas eu acho que é um bom começo...

Eu_ Bom gurias, muito obrigada pela contribuição de vocês.

QUARTA CONVERSA:

- Na sala do NEMES, na Faced da UFRGS, durante aproximadamente 50 minutos de tempo dialoguei com uma professora em formação, após assistirmos juntas aos trechos 2, 4 e 3 anteriormente descritos, além da parte do filme em que Olive apresenta-se no concurso.

- A *estudante de Licenciatura em Pedagogia 7 (P7)*, já havia assistido ao filme, mais de uma vez, em período anterior a nossa conversa.

Assistimos aos trechos 2 e 4

Eu_ E então, tu lembrava desses dois pedaços do filme que agente assistiu? Quantas vezes tu viu?

P7_ Eu vi umas quatro vezes eu acho.

Eu_ Quando que tu viu a primeira? Tu viu sem querer, alguém te falou pra ver, tu foi buscar...?

P7_ Eu acho que vi a propaganda na TV que ia dar e depois o filme.

Eu_ Mas era intencional? Tu buscou por esse filme ou foi esse por acaso?

P7_ Eu acho que foi por acaso.

Eu_ Daí tu viu, gostou e das outras vezes foi buscar...?

P7_ Sim. E vejo quantas vezes for pra ver.

Eu_ E dessas duas partes que agente viu agora, juntando com o que tu lembra do filme, o que será que te faz querer ver outras vezes? O que será que tem nesse filme?

P7_ Ele é engraçado. E é um tipo de graça que eu busco na vida; desconstruir esse drama que agente faz... Agente faz um drama pra tudo e no fundo é tão engraçado, é tão mais leve do que agente imagina. Nesse filme vários personagens vão desconstruindo esse drama: o guri, por mais que ele tome aquela frustração final ali quando ele não pode pilotar, é que ele precisava se frustrar porque até então ele tava...; esse cara também era um que não podia se frustrar nunca, ele era o vencedor, tinha passos pra vencer e quando ele se frustrou...; todos eles se frustraram, mas foi uma frustração libertadora, uma coisa de rir, de se soltar dessa rigidez... É o que eu vejo nesse filme. E ela, ela nunca teve essa rigidez, aí nesse momento ela começa ater; quando ela põe a barriguinha pra dentro e %u to num...+, não era aquilo que La imaginava que era, ela pensava que era outra coisa, daí ela sentiu aquela rigidez ali. Não sei como ela levou assim isso no fim, porque não apareceu muito dela, como ela encarou isso assim, ficou nervosa e tal... Foi mais deles que agente pode ver. Uma personagem que eu não consigo ver alguma coisa dela é a mãe dela. Ela parece que, não sei,...

Eu_ Tu acha que ela é uma figura de algum estereótipo de mãe ou de não mãe?

P7_ Eu não acho que ela é um estereótipo de mãe. Eu acho que ela é uma mãe muito massa. Naquela hora ali dela deixar a criança se frustrar, deixar a criança ver a coisa feia...

Eu_ Tu tá falando do momento que o pai e o irmão vão no camarim dizer que a Olive não deve entrar e daí a mãe diz %não, vamos deixar a Olive ser a Olive+?

P7_ Eu tava falando da hora que ela diz pro irmão dela dizer %ala+e outro cara dizendo %não ela tem sete anos não pode ouvir uma coisa dessa+e ela %não, ela vai saber, e aí?+. Porque agente faz uma coisa exagerada ao redor pra tentar proteger e aí acaba fazendo um baita dum monstro e era uma coisa muito mais simples. Quando ele disse que era gay e ela achou bobo (risos), não achou nada de mais...

Eu_ E tu acha que esse filme tem a ver com educação? Com esse campo, essa área de estudos da educação?

P7_ Eu não sei em que ponto porque daí tem que ver qual a concepção de educação...?

Eu_ Na tua. Porque, bom, tu já estudou um bom pedaço do curso, leu coisas sobre educação, debateu o tema, e além de ter a tua concepção pessoal, tu também tem esse estudo formal que respalda o que seria educação pra ti. Então, na tua ideia de o que é educação, esse filme teria alguma conexão com ela ou não, são coisas que pra ti ocupam lugares diferentes...?

P7_ Se eu for pensar se tem a ver com educação vai ter porque tudo tem. Mas se pensar se esse filme é um filme educativo ou se ele tá aí pra... Eu não sei... Por exemplo, se eu for botar esse filme pra criança, eu acho que a criança não vai pegar a mesma coisa que o adulto. É um filme pra adulto, por mais que fale do universo da criança... Tem a ver essa questão da competição, tu podia fazer uma analogia do filme com essa questão da preparação que a educação escolar faz pro trabalho; tem que estar na frente. Ela não proibiu ela de participar, é mesma coisa assim, não dá pra proteger uma criança tanto, não dá pra fazer uma educação assim, totalmente voltada pra cabeça, pra mente. Porque assim, tu vai tirar coisas que existem,... Por exemplo, agora querem criar uma escola anarquista, mas vai ter que criar uma sociedade anarquista (riso) pra poder ter onde essas crianças vão viver. Não adianta ter uma escola pra criar crianças pra uma sociedade que não existe... É isso que o filme me faz pensar em educação...

Eu_ E aquela hora que tu aí me contar, mas eu disse espera aí que não tá gravando (risos) é porque tu ia me falar sobre se tu tinha alguma identificação maior com algum dos personagens. Foi a hora que tu me falai assim "aquele irmão dela..."

P7_ Aquele irmão era eu., eu odiava todo mundo (risos). Primeiro eu achava que todo mundo me odiava e que eu era ruim. Depois eu achava que eu era boa e que todo mundo era ruim. Até eu descobrir que todo mundo é bom e eu também demorou....

Eu_ Ai que ótima essa declaração! (risos)...

P7_ Eu achava que eu era vítima, "ahhh pobrezinha de mim", e me refugiei do mundo, achava todo mundo ruim e não queria contato, não queria ser tocada... e um monte de frustração me ensinou que é tudo muito mais leve. Ele é muito pesado, parece que ele carregava todas as coisas..., carregava um deus autoritário em cima dele, com um dedo apontado de tu tem que fazer e... Mas é muito estranho porque, ao mesmo tempo, ele meio que debocha dessa coisa do pai e, querendo ou não, ele tava seguindo a mesma coisa do pai; se disciplinando pra conseguir uma coisa que não precisava daquilo; pra mostrar pro mundo como ele era "duvido+e forte e... tu não precisa ser isso, eu acho.

Eu_ Tu te lembra do hora que ele começa a falar no filme? Deixa eu botar essa parte que eu acho que tem bastante a ver com isso que tu tá falando... (enquanto coloco o DVD no ponto)

P7_ É a hora que a guriuzinha vai lá buscar ele...

Eu_ É. Isso te marcou?

P7_ Marcou. Porque foi o momento de abertura dele. Era a única pessoa que ele considerava porque não era alguém que ameaçava ele. Então quando ele tava se abrindo ela foi a primeira que conseguiu chegar nele.

Assistimos ao trecho 3

Eu_ Tu te lembrava bem dessa cena?

P7_ Sim. É bem isso assim, não tem o que falar, não tem o fazer... e a í a guriuzinha vai lá e só fica do lado dele.

Eu_ Tem outras cenas que te marcaram como essa?

P7_ A do final, quando eles invadem o palco (risos). É a catarse final, até dele, que é o momento que ele tá rindo que ele tá falando... No fim, está todo mundo envolvido, todo mundo fazendo o possível, todo mundo se esqueceu de si, esqueceu até da questão dela, se ela ia ganhar ou não, o fazer ali a coisa, "o que agente pode fazer?"+tava todo mundo fazendo. É solto, e como uma aventura mesmo e, eles estavam nessa aventura desde o começo, mas era aquela coisa pesada, entroncada, daí eles foram se largando desses pesos,... e só no fim mesmo viveram aquela aventura.

Eu_ Nesse trecho que agente viu por último, a mãe chega pro guri e diz "vós somos a tua família" e ele diz "vós não são, eu não quero que vocês sejam"; e daí de alguma maneira, no final, eles tão ali juntos. O que tu acha dessa questão e da coisa da família?

P7_ Eu penso que naquela hora que ele fala "vós são isso e aquilo", tem o lance de a família ser aquilo no que tu vai te transformar quando for adulto... Então também é uma coisa de culpabilizar; "eu sou o que eu sou porque eu tenho essa família+.. e eu acho que lá nos EUA eles não tem tanto e a tanto tempo essa família mais desestruturada como a que agente já tem aqui há uns 20 anos, então acho que aqui não tem essa cobrança tão forte quanto lá de eu vou ser assim porque a minha família me criou pra isso, eu sou o reflexo da minha família, eu vou até onde a minha família foi... e essa coisa do sucesso que eles tem, do bem sucedido, ...

Eu_ Aqui tu acha que é mais fraco essa cultura?

P7_ Eu acho que não é tão cobrado, acho que não te prende tanto, tu não fica assim "não posso ir além disso"...

Eu_ Tu te sente assim, mais livre, nesse sentido?

P7_ Não tenho essa cobrança, pelo menos, que eu tenho que corresponder ou que continuar uma coisa que foi instituída ali,...

Eu_ E essa cultura do vencedor e do sucesso, tu te sente de alguma forma afetada por ela?

P7_ Sim, mas muito mais pelo mundo do que pela minha família. O colégio, principalmente pela educação que eu tive, era o tempo todo incentivada essa competição... Daí as crianças se odiavam; eu era odiada porque eu era inteligente, daí eu era um pouquinho gordinha e já virei muito gorda porque eu era inteligente,... Só que eu queria ser bonita, e tinha as que eram bonitas; então ficava essa separação ali dentro... Então tinha essa competição. Por exemplo, Educação Física, a tua nota era a nota de resistência. Então, tu concorria com os teus colegas, quanto mais forte tu era, mais tu conseguia dar volta e correr mais do que os outros,... Os jogos, vôlei,

tudo era uma grande concorrência. Gincana, as crianças se odiavam no final... Sempre tinha uma turma que era a melhor...

Eu_ Aquela hora, quando eu te perguntei se esse filme tinha a ver com educação e tu, em um momento me disse que não acha legal levar ele pras crianças (foi isso, que tu disse, né?), pra ti e pros teus colegas nessa idade que tu ta falando, nessa tua experiência escolar, teria sido legal a professora levar esse filme pra vocês assistirem?

P7_ Depende da intenção. Se a intenção fosse discutir isso...

Eu_ Ou então, se a intenção fosse só proporcionar o próprio filme.

P7_ O filme é maravilhoso. Eu acho que ele é mais indicado pro adulto, porque muito das piadas, muito da graça, aquela graça de rir de si mesmo, as crianças não vão ter. Como na história da guriuzinha, talvez alguns até se frustrem porque ela não ganhe o concurso... eles tão acostumados com filmes que a mocinha vai, vai, vai e no final ela consegue. É bom pra isso também, pra desmistificar a visão do herói... Mas daí tinha que fazer um trabalho consciente em cima disso, tinha que falar sobre a competição e tal... Não é só largar o filme e achar que eles vão ter essa consciência assim.

Eu_ E se deixasse eles sozinhos conversando sobre o filme?

P7_ Não sei se sozinhos eles iam chegar a ... Porque são coisas que eles não passaram ainda.

Eu_ E em um curso de Pedagogia?

P7_ Aí é legal.

Eu_ E na tua formação do curso de Pedagogia, tu teve algum momento assim parecido pra pensar sobre essas coisas ou então que não seja pra pensar, seja só pra degustar? Porque, de alguma maneira, tu formulou ao longo da tua vida essa ideia que tu ta me passando, né? Daí eu estava tentando pensar assim, será que vem do curso, será que vem de fora, ou dos dois, o que será?

P7_ Eu não sei te dizer o que é do curso. Porque não são discutidas essas coisas aqui. É discutido muito assim por cima... Isso é uma discussão que meio que fica pra família, porque a escola não quer se envolver com esse tipo de coisa, eles querem só manter o controle e, até porque as cobranças sociais são outras. Os pais não querem que os professores se metam nesses assuntos, querem que eles ensinem matemática, português pra passarem no vestibular daqui a dez anos. Os pais até se revoltam, % que tu quer aí, mexendo na formação do meu filho?#

Eu_ Seria uma formação o que essa? Que tipo de formação será que é essa?

P7_ Ética? Não sei, uma formação de pensamento, porque é uma lógica diferente da que já tá pronta, tipo a lógica de mercado... Tem pais que acham que se o filho não aprender a pensar pela lógica de mercado ele vai sofrer, não vão conseguir..., então é por isso que não querem, é melhor que ele esteja preparado e não é um mundo pra pensar, é um mundo pra fazer... E não é pra qualquer um esse filme!

Eu_ Tem mais alguma coisa que tu queria me contar do filme, que tu lembre ?

P7_ Tem muita coisa... Eu não lembro, mas eu sei que sempre que eu vejo esse filme eu penso várias coisas... (risos) Todas as vezes que eu vi me fez pensar alguma coisa diferente.

Eu_ Vamos ver a parte do final então?

Assistimos à parte do filme em que Olive apresenta-se no concurso

P7_ Eu fiquei pensando nessa mãe, ela não tem aquele % essa criança é minha e eu faço o que eu quiser+ Nesses concursos de beleza tem essa posse % minha filha, eu ponho no concurso e faço o cabelo dela assim porque eu quero!+ É a bonequinha, né? Ela não, ela deixa ela escolher e arcar com as escolhas dela. Ela permite, ela sabe que vai doer, e ela também vai sofrer, mas ela sabe que elas tem força. Isso eu acho muito legal dessa mãe.

Eu_ Então tá, muito obrigada pela tua colaboração... (risos)

QUINTA CONVERSA:

- Na sala do NEMES, na Faculdade de Educação da UFRGS, durante aproximadamente 30 minutos de tempo dialoguei com uma professora em formação, após assistirmos juntas aos trechos 2 e 4 anteriormente descritos.

- A estudante de Licenciatura em Pedagogia 8 (P8), já havia assistido ao filme, uma vez, em período anterior a nossa conversa.

Eu_ Daí assim, eu vou passar dois trechos do filme e, sem compromisso nenhum, depois, como se agente estivesse conversando fora da Faced sobre um filme que havíamos assistido, agente fala sobre o que viu.

Assistimos aos trechos 2 e 4

Eu_ Esses são os dois pedacinhos do filme que eu separei, mas tu já tinha visto o filme antes, né?

P8_ Já, mas faz tempo.

Eu_ Tu acha que tinha visto antes de entrar na faculdade?

P8_ Não.

Eu_ Tu viu uma vez só?

P8_ Uma vez.

Eu_ E tu te lembra se tu viu por acaso ou se tu foi buscar o filme porque alguém te falou ou por outro motivo?

P8_ Eu ouvi falar do filme e daí eu tava passando os canais na TV e aí tava dando...

Eu_ E tu pegou desde o começo do filme?

P8_ Não, eu lembro que não era bem do começo.

Eu_ E agora que tu viu essas partes, tu lembrava delas?

P8_ Não.

Eu_ E o que te veio à cabeça vendo elas? O que te lembrou? No que te fez pensar?

P8_ Agora, assistindo, eu pensei um pouco ali naquela parte do tio da guriazinha. O negócio que ele era estudioso e tal. E daí eu fiquei pensando que hoje em dia as pessoas não conseguem mais sofrer, eu tenho pensado muito nisso ultimamente. E aí, assim, tipo, qualquer motivo é motivo pra pessoa achar que acabou a vida e eu fiquei pensando nisso; todo mundo acha que seus problemas são tão grandes e às vezes nem é assim.

Eu_ E pensando no que tu viu agora nesses dois trechos junto com o que tu te lembra do filme, tu pensa que esse filme tem alguma relação com a área da educação?

P8_ Acho que sim, eu acho que tem tudo a ver por causa dessa questão da competição. Os alunos são sempre estimulados a não ver a educação como..., a educação tem um sentido utilitarista, assim eu vejo. Tu sempre tem que aprender porque tu precisa ser aprovado, tu precisa passar de ano, tu precisa passar no vestibular, tu precisa acabar o Ensino Médio; é sempre por causa; tu precisa passar na UFRGS; é sempre por causa de uma outra coisa. Talvez, nesse sentido, fique um pouco vazio... As pessoas não compreendem direito, os alunos, eu lembro quando eu tava no colégio mas porque eu tenho que aprender isso?+. E é sempre por alguma coisa. Parece que tu ta sempre buscando alguma coisa e chegar em um lugar.

Eu_ E em que momentos tu vê isso no filme?

P8_ No filme, acho que por causa da guriazinha. Ela tem que ser a campeã e, agora deu pra ver, nessa parte que eu não lembrava, deu pra ver o quanto ela ficou tensa com essa situação porque as outras estavam todas miss assim e ela acho que não conseguiu direito fazer o que ela queria. Ela não conseguia nem encolher a barriga. (risos)

Eu_ E quando tu viu, tu achou engraçado essa cena?

P8_ Eu achei interessante porque, pelo que dava a entender, parecia que ela ia chegar ali e ser como as outras, daí chegou no momento e ela não conseguiu. Toda essa tensão que eu acho que o pai faz sobre ela, ser campeã, acho que isso acabou influenciando.

Eu_ E sobre aquela família que agente assistiu, o que tu diz?

P8_ (sorriso) É bem interessante, mas eu acho que o menino que não fala, eu tenho impressão de que é uma crítica de quanto agente abre mão de coisas pra conseguir outras que às vezes não fazem muito sentido. Imagina abrir mão de falar, um voto, pra ele conseguir outra coisa que... Me parece que é uma crítica que agente está buscando coisas e abrindo mão de outras que são tão essenciais. Parece que agente precisa de tal coisa a qualquer custo.

Eu_ E o modo de vida daquela família, é uma coisa que tu vê no teu cotidiano, na sociedade em que tu está ou é algo distante de ti?

P8_ Eu acho que é bem próximo. Pelo menos, a minha experiência pessoas é parecida. Por exemplo, essa coisa de buscar sempre a perfeição... Então na minha experiência, que desde pequena eu já tinha que estar em vários lugares, na escola, na escolinha de belas artes e em tudo tinha que ser boa e era tão pequena, acho que isso é bem próximo. Minha mãe disse que eu, na Segunda Série, disse pra ela que eu não aguentava mais ir ao colégio porque eu já estava muito cansada. Acho que isso acontece com muitas crianças, quer dizer, com algumas crianças, eu acho, de determinadas... com outras talvez não.

Eu_ O que é que faz essa diferença na tua opinião?

P8_ Na verdade, acho que acontece com todas, mas em sentidos diferentes. Assim, por exemplo, as crianças carentes - eu vejo assim também por causa da experiência na extensão, na pesquisa . (Trabalha como Bolsista de Iniciação Científica envolvida com um Projeto de Pesquisa com crianças em situação de vulnerabilidade social) muito no sentido assim %cabeça vazia é o sino do diabo+. Elas precisam estar ocupadas, mas não tem um sentido de %porque elas têm que aprender e...+é um sentido diferenciado. E as outras é porque elas tem que aprender pra serem as melhores, tem que...

Eu_ Como eu te conheço como colega e agente já conversou, eu sei do teu interesse em buscar trabalhar futuramente com outras áreas, de não seguir na carreira de docência, mas, de qualquer maneira, tu teve essa formação, está no último semestre, vai te formar, então tu tens essa ferramenta, esse instrumento, da formação como pedagoga. Pensando nessa tua %maleta+ de ferramentas que tu construiu ao longo do curso, tu levaria esse filme pra trabalhar em sala de aula ou em um ambiente educativo escolar?

P8_ Acho que eu levaria. Talvez não com crianças muito novas, acho que mais com adolescentes, mas eu levaria sim, acho que é um filme interessante pra pensar diversas coisas.

Eu_ E essa distinção entre criança e adolescente, em relação ao filme, fala um pouquinho mais do porque dela... pra eu entender, o que seria diferente pra criança e pro adolescente.

P8_ Pra compreensão do filme?

Eu_ Mai assim, porque tu, P8, escolheria levar pra adolescente e pra crianças não.

P8_ Eu não sei, mas acho que talvez as crianças não compreendam a mensagem que o filme... Assim, não consigam articular as ideias pra pensar sobre o filme. Eu não sei, mas talvez dê certo também... (risos)

Eu_ E assim, durante a formação, aqui do curso de Pedagogia, em algum momento, o curso te proporcionou pensar sobre a relação dos materiais áudio visuais em geral, seja os de caráter artístico ou os materiais mais informativos, publicitários ou comerciais... Em algum momento o curso te propiciou pensar isso em relação a educação?

P8_ Eu acho que teve um pouco. Mas eu gostaria de ter estudado mais sobre isso. Eu lembro que eu comprei um livro e tinha um artigo sobre cinema e me interessou muito porque eu gosto de assistir e gostaria de ter mais leituras e subsídios pra compreensão de %porque esse filme é interessante de passar, porque não+, isso eu não tive muito. Queria ter mais elementos pra poder pensar isso assim.

Eu_ Uma última pergunta que é mais uma brincadeira; daqueles seis personagens, que são os principais, que estavam todos ali na mesa reunidos, tem algum deles com quem tu te identifica mais?

P8_ O tio, me identifico bastante. Porque pra mim é tudo assim, tudo eu acho que vou morrer, um drama. E sempre os meus problemas são os piores, todo mundo é feliz, só eu que... (risos)

Eu_ E a reação da Olive, quando eles estão falando sobre a tentativa de suicídio do tio?

P8_ Pois é, a criança já diz que é uma besteira, né? (risos) Mas eu me identifico bastante porque é difícil ser assim. Porque tu sofre muito,...

Eu_ Então, tuas declarações foram profundas e..., muito obrigada.

SEXTA CONVERSA:

- Na sala do NEMES, na Faced da UFRGS, durante aproximadamente 80 minutos de tempo eu e duas professoras em formação dialogamos e assistimos juntas a trechos do filme.

- Em um primeiro momento, assistimos aos trechos 2, 4, 5 e à parte do filme em que Olive se apresenta no concurso. Depois conversamos sobre o que havíamos assistido. Para esse encontro, planejei assistirmos aos trechos 2, 4 e 5, mas como as estudantes disseram que gostariam de continuar assistindo ao filme até o momento em que Olive se apresenta no concurso, assim fizemos.

- A estudante de Licenciatura em Pedagogia 9 (P9) havia assistido ao filme uma vez antes do nosso encontro e a estudante de Licenciatura em Letras 1 (L1) já havia assistido ao filme duas vezes em período anterior a nossa conversa.

Quando assistimos ao trecho 2, muitos foram os momentos de risadas e de sorrisos. Uma das falas de uma das estudantes, durante a apreciação do trecho, que considero relevante registrar foi emitida no momento em que Olive aparece na sala. A L1 diz: _%Eu adoro ela!+

Quando assistimos ao trecho 4, surgiram também algumas falas das estudantes durante a apreciação do trecho que considero relevante registrar. Uma delas foi emitida no momento em que o apresentador do concurso aparece falando. A L1 diz: _%Esse daí dá vontade de dar uns tapas na cara já!+(risos). Outra foi no momento em que Olive chega ao palco do concurso e a L1 diz: _%Ela é a mais bonita.+

O momento em que as risadas praticamente não cessaram foi quando assistimos à parte do filme em que Olive se apresenta no concurso.

Eu_ E então, vocês lembravam dessas cenas que agente viu?

P9_ Não exatamente. Fazia tempo que eu assisti.

L1_ Eu lembrava mais da dança e daquela que eles tão conversando.

Eu_ Que eles tão conversando, os seis ou os dois?

L1_ Os dois.

Eu_ E vocês duas viram esse filme antes, cada uma de vocês, uma vez ou mais?

P9_ Eu vi uma.

L1_ Duas vezes inteiro, mas pedaços eu vi mais vezes.

Eu_ E quando vocês viram foi ao acaso, sem querer, ou alguém tinha indicado, vocês tinham visto um trailer, foram buscar pelo tema ou pelo diretor...?

P9_ Eu acho que eu catei na locadora o filme, olhando assim pela capa, as imagens a sinopse.

L1_ Eu não lembro, mas acho que alguém me falou.

Eu_ Vocês chegaram a saber que esse filme ganhou um Oscar ?

P9_ Não, eu não sabia.

L1_ Ganhou?

Eu_ É. Não ganhou o Oscar de *melhor filme*, mas foi indicado e ganhou o prêmio de *melhor ator coadjuvante*, com o avô, e de *melhor roteiro original*. E dessas cenas assim que agente viu, quais são as coisas que passou pela cabeça, o que vocês lembraram, o que pensou...? A L1 falou algumas coisas enquanto assistia: Quando ela apareceu no concurso tu falou %Ela é a mais linda+.. Esse tipo de coisa, assim, não precisa ser uma declaração super elaborada...

L1_ No começo, naquela cena da família eu pensei que toda família tem um pouco daquilo. Essa última cena deles me lembrou uns outros filmes que eu vi...

Eu_ Tipo quais? Conta uns aí...

L1_ Tem um que eu vi essa semana que é um filme bem antigo, da década de 50, que eu não sei como chama em português, mas é um filme do Douglas Sirk que é uma mulher divorciada na década de 50, nos Estados Unidos, que se apaixona pelo jardineiro e é uma comunidade pequena e super conservadora, então é um escândalo aquilo. No começo ela quer casar com o cara e primeiro os filhos rompem com ela, depois a cidade inteira. Daí ela desiste de casar com o cara. Daí, como é um filme americano, no final eles ficam juntos. (risos) Mas me lembra muito. Essa situação ali da dança, de eles ficarem completamente deslocados e tem esse ambiente de pessoas . eu não sei qual é a palavra . que, nesse caso, são conservadoras - não sei a palavra - mas é quando acaba ficando um, ou um grupo, assim excluído e - como é que eu posso dizer? . que fica um marginalizado pelos outros, mas que é de um jeito muito ruim, que ele é obrigado a...

Eu_ E no filme, nessa parte, vocês acham que eles conseguem dar uma volta nisso ou que eles acabam se adequando?

L1_ Não. Eles conseguem. Isso que é diferente dos outros filmes. Até porque eles são vários, acho que isso faz diferença também, é muito legal porque eles são um diferente bom, não ficam só a margem.

P9_ Essa volta que tu diz, eu acho que eles *tiram onda*. Pegam e destroem com o concurso de beleza. (risos) Eles eram os excluídos ali e quem estava mais deslocado e no fim acabam mostrando toda a hipocrisia que é aquilo.

L1_ Na verdade eu acho que aquele concurso era como se fosse uma sociedade em miniatura assim. Um estereótipo da sociedade, muito exagerado, só que traz uma coisa que acontece de verdade.

Eu_ O que seria essa coisa?

L1_ Seria a presença forte de um senso-comum, uma coisa ligada a aparência muito forte, uma superficialidade geral; mas uma coisa que se estabelece e todo mundo acredita naquilo . tipo as mães levando as filhas pequeninas pra participar daquele concurso . e então, naturaliza assim, uma coisa que é super estranho, mas que se tu tá de fora, se tu não é assim, fica excluído. Então eu acho que é exagerado, mas que é uma coisa que existe mesmo.

P9_ Tipo a conversa que eles estavam tendo, o tio e o guri,...

L1_... que %a vida é um concurso...

P9_... atrás do outro+

Eu_ Vocês sentem a vida de vocês assim?

P9_ Eu me sinto um pouco vítima do padrão de beleza...

Eu_ E esse outro filme, quando tu lembrou desse outro filme vendo esse, tu lembrou unicamente pelo contexto narrativo, os acontecimentos mesmo ou também lembrou pela questão de imagens mesmo, pela construção das imagens, montagem...,

L1_ Não, na questão da imagem, é outro tipo de filme. Foi pela história mesmo e pelo sentimento que me deu vendo os dois.

Eu_ E aquele momento, acho que foi bem quando agente começou a assistir, que a L1 falou: %eu adoro ela!+e no final, no concurso, também tu falou assim: %ela é a mis bonitinha+ Vocês olhando o filme tem essa visão, de que essa menininha é bonita? Na concepção de beleza de vocês, ela é bonita?

L1_ É que, assim, eu já tinha visto outros filmes com ela. Ela faz filme desde muito pequeninha e eu sempre achei ela muito bonitinha. Então acho que eu já tenho essa referência. Mas é que eu acho que também, como eu já tinha visto o filme, toda a história dela, te cativa... Então eu sou super fã dela...

P9_ No filme enfearam ela um pouco?

L1_ Acho que um pouco sim.

P9_ Aquela pancinha...

L1_ Acho que as roupas, o óculos, o cabelão... dá um ar meio pro desleixo... Mas eu acho ela bem bonitinha.

Eu_ E vocês sentem vontade de ver esse filme de novo?

L1_ Sim.

P9_ Já está baixado no meu computador.(risos)

L1_ É super bom, mesmo ver só uns pedacinhos assim

P9_ E dá vontade de mostrar pra quem não viu também.

Eu_ Por que será?

L1_ Eu não sei. Ele é muito divertido, mas tem coisas, entre parênteses, sérias... Ele fala de coisas da vida mesmo, não é totalmente fantasioso...

P9_ E te faz pensar.

L1_ É, faz pensar.

Eu_ Então vocês pensam muita coisa vendo esse filme, é?

P9_ Acho que o que mais me vem na cabeça é essa questão das diferenças. Uma família completamente diferente. Eu acho que em algum momento, cada um deles vai se sentir excluído...

L1_ Eu acho que é muito exagerado assim, o pai com aqueles papos de autoajuda, daí o filho que fez voto de silêncio, daí o avô que foi expulso do asilo; é muito exagerado, mas ao mesmo tempo eu acho que é uma família muito legal, muito divertida. Acho que tem um pouco disso mesmo; cada um tem suas loucuras e eles estão ali juntos.

Eu_ Tem algum dos seis personagens que tem mais elementos com que vocês tem identificação?

L1_ O tio. (risos)

P9_ Entre o tio e o avô, porque eu sou um pouco bipolar. (risos)

Eu_ E quais são os elementos de ligação entre vocês e esses personagens?

L1_ O tio, eu acho que por ele ser o intelectual da família, por ele estar em um momento difícil da vida... Mas ao mesmo tempo ele é engraçado e consegue se divertir.

P9_ Agora, pensando melhor, eu acho que tá entre o filho, o gurizão e o avô. O vô essa coisa de curtição, um cara meio irresponsável, insequente, sarcástico... E o guri por essa coisa meio deprimida da escola e... eu também odiava a escola. Naquela parte que ele fala, eu também preferia ter dormido dos 16 aos 18. (risos)

Eu_ E vocês acham que esse filme tem alguma relação com o campo de estudos, com área da educação?

L1_ Eu acho que pode ter. Pro senso comum não tem uma coisa óbvia, que tu diga %tudo a ver+ Mas eu acho que em quase qualquer coisa agente tem elementos do campo da educação e, aí, com certeza.

Eu_ Tu também acha?

P9_ É que eu pensei em criança, daí eu não sei se convém muito. Porque tem a parte mais forte do vô e tem um humor pesado.

Eu_ Sabe aquela cena da janta, tem um debate entre o pai e a mãe sobre se é adequado pra ele ouvir aquilo. Como tu te posicionaria naquela mesa ali?

P9_ Pior ainda é como tu vai fazer isso como professor. Porque cada pai, em casa, acha uma coisa, e tu vai abrir na escola, no caso pra crianças, não só o suicídio, no caso, mas também sexualidade, coisas que tu tem que *pisar em ovos*.

L1_ Eu ficaria no meio termo entre o pai e a mãe; acho que não precisaria entrar em tantos detalhes..., Mas assim, suicídio é uma coisa que é mais delicada. Mas sexualidade é normal, é natural, desde sempre pra criança. Ela vai ter um monte de homossexuais perto, ela pode ser também... Mas a questão do suicídio é mais complicada, acho que não precisava ter tantos detalhes também... (risos)

Eu_ E pra criança ver esse filme? Porque, daí, ela não vai estar conversando com alguém sobre, mas ela vai assistir a essa conversa entre personagens. O que ela vai estar enxergando é uma construção ficcional, essa cena.

P9_ Aí que eu me refiro que eu acho que não é conveniente pra criança.

Eu_ Tu no lugar de professora...

P9_ Tipo da idade da Olive, eu acho que não. Não tanto pela capacidade de entendimento das crianças, mas por gerar a discussão em casa e os pais serem contra eu acho que é meio delicado...

L1_ Eu acho que depende, eu acho que tem que ter alguém junto vindo pra daí surgir as questões e o adulto que estiver perto, tá disponível pra conversar. Mas na escola eu acho complicado porque...

P9_ A escolha dos pais pode ser a mesma escolha daquele pai do filme, não, eu não quero que ela ouça...

Eu_ E, na opinião de vocês, o professor, tem que levar em consideração os posicionamentos dos pais na hora de trabalhar em sala de aula?

L1_ Eu acho que não dá pra ficar completamente alheio. Mas, não sei também se dá pra levar muito em conta porque sempre vai ter algum pai que não vai gostar disso ou daquilo, então...

P9_ Eu acho que eu já levaria mais em conta...

Eu_ E EJA gurias, que daí é a partir de 16 anos, se vocês fossem dar aula pra EJA?

L1_ Daí eu acho que é tranquilo. Mas também, qualquer filme, eu acho que tem que ter uma discussão depois pra você ver o que cada um pensou, o que surgiu a partir daquilo...

P9_ Não dá só pra se divertir no final, ficar só dando risadas... (risos)

Eu_ Vocês acham que na escola não dá pra ter um momento assim, assistir um filme só pela própria experiência de assistir ao filme.

L1_ Eu acho que sim. É que eu não acho que depois do filme, fazer um debate com ele, tenha que tomar um caráter de obrigação e virar uma coisa chata. Eu acho que falar depois pode ser divertido, fazer a aula comendo pipoca e assistindo filme... Eu já tive uma aula assim, aqui na Faced e foi muito legal e depois agente ficou conversando....

P9_ E quando agente sai acompanhado do cinema, sempre sai conversando sobre...

L1_ Então, se tirasse esse peso da coisa de aula, de escola, de academia, e agente fizesse como vendo um filme e comendo pipoca, perfeito! (risos)

P9_ E tem muita gente que prega isso aqui na Faced, assim em teoria, que seria melhor, que os aprendizados são mais... se tiver prazer.

L1_ Mas isso fica só na teoria, é só um papinho que não vai pra prática em nenhum momento.

Eu_ Então, as perguntas todas que eu queria fazer eu já fiz, agora é mais assim, saber se tem alguma coisa que vocês gostariam de falar sobre, que tem vontade... Talvez, naquela linha de pensamento de porque será que agente tem vontade de ver esse filme de novo...+

P9_ Agora que eu vi esse pedaço eu pensei que é bastante conversa e informação no filme e não dá pra pegar tudo numa primeira vez que tu assiste. Quando vê de novo consegue achar outras coisas.

Eu_ Quais eram as cenas que vocês mais lembravam quando alguém falava desse filme? Quais eram as imagens que vinham à cabeça?

L1_ Eles correndo atrás da Kombi (sorrisos)

P9_ Mesma coisa que eu pensei. E também aquela fala agora todo mundo finge que é normal...+(risos)

L1_ A cena da dança (apresentação final) e acho que aquela cena deles comendo.

P9_ O vô, comprando pornografia, cheirando cocaína e morrendo! (risos)

L1_ Eu lembrava também daquela que ele descobre que é daltônico e fica desesperado.

Eu_ E o que vocês acharam das imagens dessas partes que agente viu? Teve alguma das partes que chamou atenção a construção cenográfica ou o figurino ou as posições de câmera...? Ou isso não chama muito a atenção de vocês nesse filme, o que chama é o próprio comportamento, a atuação...?

L1_ É, eu acho que o que fica de mais forte são os diálogos, a atuação...

P9_ Acho que a parte estética que chama mais atenção é a Kombi amarela...

L1_ E aquelas roupas e maquiagens das meninas.

P9_ É, aquilo lá, (risos), é meio chocante, mas agente sabe que rola...

Eu_ E esse filme é norte-americano. Daí, o que vocês conhecem de cinema, de cultura de outros países,... Aquela hora, a L1, falando de um outro filme que ela lembrou, ela disse assim não, mas aquele é um filme norte-americano, então no final, acaba tudo bem...+O que vocês acham disso em relação a esse filme?

L1_ Eu acho que esse filme é bem tipo independente; tem uma cara de filme norte-americano independente; bem diferente dos filmes norte-americanos mais comerciais, de grandes estúdios,

P9_ Como é o nome daquela mostra que tá rolando agora na Sala Redenção?

Eu_ Na Contramão de Hollywood?

P9_ Na Contramão de Hollywood, acho que justamente, satiriza...

Eu_ É isso meninas? Então tá, muito obrigada.